



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**ÁFRICA, TRAVESSIA E LIBERDADE:
UMA VIAGEM HISTORIOGRÁFICA PELA POESIA DE CASTRO
ALVES (1863-1870)**

RODRIGO FERREIRA DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Elio Chaves Flores

Área de Concentração: História e Cultura Histórica
Linha de Pesquisa: Ensino de História e Saberes Históricos

JOÃO PESSOA – PB
Agosto – 2017

**ÁFRICA, TRAVESSIA E LIBERDADE:
UMA VIAGEM HISTORIOGRÁFICA PELA POESIA DE CASTRO
ALVES (1863-1870)**

RODRIGO FERREIRA DA SILVA

Orientador: Prof. Dr. Élio Chaves Flores

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba- UFPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Mestre em História na área de concentração em História e Cultura Histórica.

JOÃO PESSOA – PB
Agosto – 2017

S586á Silva, Rodrigo Ferreira da.

África, travessia e liberdade : uma viagem
historiográfica pela poesia de Castro Alves (1863-1870)
/ Rodrigo Ferreira da Silva. - João Pessoa, 2017.
122 f. : il.

Orientação: Elio Chaves Flores.

Dissertação (Mestrado) - UFPB/CCHLA.

1. História. 2. Alves, Castro - Poesia. 3. Escravidão -
Poesia. I. Flores, Elio Chaves. II. Título.

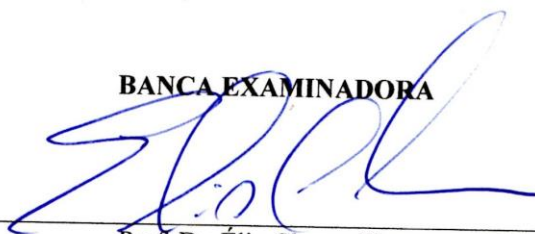
UFPB/BC

RODRIGO FERREIRA DA SILVA

**ÁFRICA, TRAVESSIA E LIBERDADE:
UMA VIAGEM HISTORIOGRÁFICA PELA POESIA DE CASTRO ALVES
(1863-1870)**

Dissertação avaliada em ____ / ____ / 2017, com conceito _____

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Élio Chaves Flores
PPGH/UFPB
(Orientador)



Prof. Dra. Rosilda Alves Bezerra
PPGLI/UEPB
(Examinador Externo)

Prof. Dra. Telma Cristina Dias Fernandes
PPGH/UFPB
(Examinador Interno)

Prof. Dra. Serioja Mariano
PPGH/UFPB
(Suplente Interno)

Prof. Dr. Damião de Lima
PGH/UFPB
(Suplente Externo)

Não terás medo do terror de noite nem da seta que voa de dia. Nem da peste que anda na escuridão, nem da mortandade que assola ao meio dia. Mil cairão ao teu lado, e dez mil a tua direita, mas não chegará a ti...

Salmos 91

À José Otávio da Silva, in memoriam, guardo em meu coração todos ensinamentos e aprendizado. Ao homem mais importante de minha vida, que construiu com sua sabedoria num ser humano, realmente humano, meu pai Marcos José da Silva, dedico.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradecer a Deus pelos momentos que me senti só, que pensava em desistir e mesmo assim, nunca me abandonou. As horas frias e solitárias, que pensava não mais existir, o Senhor estava lá amparando com sua mão... Muito obrigado meu Deus.

Esta vitória não poderia ser alcançada sem o exemplo e determinação da mulher mais importante que um homem poderia ter, minha mãe, Maria José, a famosa Dona Lia. Sua determinação me inspira e quando a senhora pensa que já aprendi tudo, ainda continuo a cada dia aprendendo com a senhora, em nenhum momento eu deixei de ser seu filho, não há espaço para agradecer sua presença e luz em minha vida, muito obrigado. Minha linda irmã Rosi, não poderia esquecer de minha flor mais amada, que nas horas mais difíceis foi um ombro, uma mão, tão presente, que nem sei mensurar como és importante em minha vida e nesta caminhada.

E quanto aos anjinhos de minha jornada, meus pequenos Neto e Eduarda, meus sobrinhos amados. E, não poderia esquecer de meu cunhado, Antônio Junior, sempre tão amigo, mais parece um irmão que não tive. Obrigado família.

Meus amigos queridos, que estão presentes em minha vida e fazem dessa jornada mais suave e tranquila. Meus companheiros do Mestrado, Loyvia, Rafael, Thiago, Junior, turma que levarei comigo para sempre, fizeram das manhãs e tardes alegrias inesquecíveis...

Companheiros de trabalho, que são amigos diários, esta vitória também é de vocês, obrigado pela paciência, pelos risos nas horas de agonia, são tão importantes que só peço a Deus que continue abençoando todos, guardarei as lindas manhãs com Renair, Leni, Marcos, Lulinha, Mônica, Lurdinha, Penhinha, Sandra, Lucélia, Raymundo, Marines, Anita, Roberto Lúcio, Uilma, Lia, Lúcia, Elisangela, Severino, todos vocês foram flores quando eu pensava que estava em um deserto...

Não poderia deixar de agradecer ao meu amigo mais presente, que este ano partiu e não pode estar presente nesta hora, mas estará sempre comigo Otávio, sua alegria em nunca desistir sempre me inspirou, sua frase: ‘maria passa na frente’, guardarei na memória e no coração. És agora uma estrela, que deixa de brilhar aqui na terra, para estar com Deus. Muito obrigado.

A minha amiga Mayara Marinho, cujo riso, força e vida sempre me contagiou. Não seria a mesma pessoa se não estivesse de meu lado nos momentos de risos e lágrimas, procuro mais não encontro adjetivo que possa qualificar sua presença em minha vida... que se estenda a toda sua família, que me sinto parte dela.

A Josinaldo Monteiro que tanto contribuiu neste texto, nesta jornada acadêmica. Foi mais que um amigo, que mesmo distante pelo tempo e ocupações, sempre esteve disposto a ajudar. Não teria conseguido avançar nas pesquisas sem seu auxílio, sem suas revisões, sem suas contribuições. Assim, não poderia de mencionar, Mere, que sua energia sirva de exemplo para o mundo, nossas conversas foram tão importantes, obrigado por me ouvir.

Aos meus companheiros agentes socioeducativos do CEA (Centro Educacional do Adolescente) Unidade de João Pessoa, Marcos, Valtemir, Francisco, Elisson, Mazureik, Messias, Damião, Eduardo Cacatau, que de forma direta e indireta, nas noite e madrugadas nos plantões a fora, foram amis que amigos de trabalho, foram a mão forte nas horas que pensava não conseguir, e no lugar mais inimaginável, concluiu a redação com os diálogos de vocês, com nossas conversas.

Ao meu orientador Elio Chaves, que com grande maestria me acompanhou nessa jornada, não teria ido tão longo sem seu auxilio, seus conselhos, não encontro palavras na Língua Portuguesa para expressar minha gratidão pela sua humanidade para comigo.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em História, pelas aulas, força e bravura em incentivar todos estudantes, inclusive eu, a nunca desistir e continuar a pesquisa, superar os obstáculos, vencer.

Resumo

O objetivo deste trabalho é analisar como Castro Alves em sua poética compreendeu a construção de África, bem como sua representação da travessia transatlântica, e ainda nesta perspectiva, compreender o papel de construir uma alusão a Palmares, nitidamente uma resistência dos negros ao sistema escravocrata, ao qual chamamos de África à brasileira. Deste modo, pretendemos viajar na representação que o poeta fez sobre África em *Vozes D'África* (1868), a travessia em *Navio Negreiro* (1868) e a construção de uma liberdade, em solo escravagista em *Saudação a Palmares* (1870). Metodologicamente, para esta pesquisa foi selecionado apenas três poemas para compreensão de seu pensamento, presentes em sua obra *Os Escravos* (1883), que reuniu sua produção poética postumamente, sempre posicionado contrário a escravidão e a situação do negro pela sociedade escravocrata brasileira. Como suporte teórico, embasamos nossos estudos em Edison Carneiro (1937), Costa e Silva (2006), Afrânio Peixoto (1947), João José Reis (1995), Rocha Pitta (1952), Nina Rodrigues (1976) e Paul Gilroy (2001) que aliados a outros pesquisadores pudemos compreender essa arqueologia do pensamento de Castro Alves. Apesar das inúmeras incongruências que o poeta apresenta em sua poesia, dedica-se a questões incomuns que é o negro e sua consequente escravização, apresentando-o ora como partícipe, agente e lutador, ora apresenta como sofrido e dócil, deixando enigmas em seu pensamento sobre a liberdade na sua poética.

Palavras – Chave: História. Poesia. Escravidão. África. Castro Alves.

Abstract

The objective of this work is to analyze how Castro Alves in his poetics understood the construction of Africa, as well as his representation of the transatlantic crossing, and also in this perspective, to understand the role of constructing an allusion to Palmares, clearly a resistance of the blacks to the slave system, which we call Africa to Brazilian. In this way, we intend to travel in the representation that the poet made about Africa in *Vozes D'África* (1868), the crossing in *Navio Negreiro* (1868) and the construction of a freedom, in slavery soil in *Salute to Palmares* (1870). Methodologically, for this research was selected only three poems to understand his thinking, present in his work *The Slaves* (1883), which brought together his poetic production posthumously, always positioned contrary to slavery and the situation of the Negro by Brazilian slave society. As a theoretical support, we base our studies on Edison Carneiro (1937), Costa e Silva (2006), Afrânio Peixoto (1947), João José Reis (1995), Rocha Pitta (1952), Nina Rodrigues (1976) and Paul Gilroy) that allied with other researchers we could understand this archeology of the thought of Castro Alves. In spite of the innumerable incongruities that the poet presents in his poetry, he dedicates himself to uncommon questions that is the black and his enslavement, presenting him sometimes as participant, agent and fighter, now presents as suffering and docile, leaving puzzles in his thoughts about freedom in his poetics.

Keywords: History. Poetry. Slavery. Africa. Castro Alves.

SUMÁRIO

1 PRIMEIRAS PALAVRAS.....	11
2 A ÁFRICA NO CORAÇÃO DA POESIA: REPRESENTAÇÕES DO ALÉM-MAR.....	28
2.1 A poética de Castro Alves sobre o Além-mar em <i>Vozes D'África</i>	28
2.2 Entre conhecer e narrar: Vamos falar em África.....	31
2.3 Paisagens da geografia histórico-poética da África em Castro Alves.....	38
2.4 Versos negros de uma África branca.....	43
3 NAVEGANDO SOBRE UM OCEANO DE ESCRAVIZAÇÃO: "O NAVIO NEGREIRO" E AS TRAVESSIAS TRANSATLÂNTICAS.....	59
3.1 Nas naus da poesia: <i>O Navio Negreiro</i> em verso e rima.....	59
3.2 Tumbas sob o Atlântico.....	63
3.3 A poética da trágica travessia: O Navio Negreiro em versos, sangue e suor.....	69
4 ÁFRICA À BRASILEIRA: SALDAÇÃO A PALMARES E OS VERSOS DA LIBERDADE.....	92
4.1 Estrutura poética de “ <i>Saudação a Palmares</i> ” de Castro Alves.....	92
4.2 Paisagens da historiografia de Palmares: entre (des)construções.....	94
4.3 As construções imagéticas da representação de Palmares.....	103
4.4 Lutar e resistir na poética em Castro Alves: Palmares e o sonho de uma África brasileira.....	107
5 ÚLTIMAS PALAVRAS.....	114
6 REFERÊNCIAS.....	117

1 PRIMEIRAS PALAVRAS

Minhas inquietações surgiram desde a graduação em História no Centro de Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba, no campus de Guarabira – PB, onde aconteceram as primeiras leituras, pesquisas e artigos apresentados nos encontros e congressos de História de 2002 a 2006. Os encontros realizados pelo Neabi's foram muito importantes na vida acadêmica, pois nas discussões apresentamos pesquisas sobre a poesia de Castro Alves, sobre vários enfoques, desde sua visão sobre a escravidão, as relações nas senzalas e mesmo a sua representação de família e de mulher em seus textos poéticos.

Após êxito na seleção de 2014, no Programa de Pós-Graduação em História (PPGH/UFPB), na linha de Pesquisa Ensino de História e Saberes Históricos, e sendo orientado pelo Professor Dr. Elio Chaves Flores, onde foi aprofundado estudos entre poesia e História, um percurso bastante desafiador, que pude amadurecer a pesquisa através de estudos biográficos sobre Castro Alves e suas representações sobre determinados aspectos de sua poética.

Para fins de estudos selecionei melhor as poesias a serem analisadas e qual a linha de raciocínio queríamos pesquisar dentre a vasta produção que o poeta Castro Alves fez em sua curta vida. Foi nesta ocasião que ampliamos a leitura de algumas poesias para a sua coletânea de poesias que ficou sendo chamada de *Os Escravos*, publicada posterior ao seu falecimento em 1883. Juntamente com este novo recorte, outra questão ficou definida juntamente com o Orientador, que fora o conceito de representação de Roger Chartier, que deveríamos adotar em nossas leituras, pois deste modo, não iríamos tratar do cotidiano, mas como o poeta representa a escravização na sociedade brasileira no século XIX, na perspectiva de Chartier.

Nesta Dissertação serão abordados os conceitos de Roger Chartier (1999) que aponta duas maneiras de se perceber a relação entre a história e a literatura, sendo que a primeira enfoca que há uma aproximação histórica entre os textos, trata-se, portanto, da necessidade de “identificar histórica e morfologicamente as diferentes modalidades da inscrição e transmissão dos discursos, e assim, de reconhecer a pluralidade das operações e dos atores implicadas tanto na produção e publicação de qualquer texto”. (CHARTIER, 1999, p. 197)

Expõe que há uma representação no enredo literário uma relação muito próxima à história, pois sua convergência ocorre no campo das transmissões estéticas; obrigando os historiadores a tomarem outra postura diante da verossimilhança entre seus enredos,

representando assim, outras visibilidades sobre as categorias mais elementares que caracterizam a literatura.

Percebemos que a História tem muito a apreender com a Literatura, principalmente no tocante a poesia. Pois, para a construção dessa pesquisa ela é profundamente importante, já que as discussões giram em torno das poesias que Castro Alves escreveu no século XIX, mais precisamente na década de 1860, auge de sua produção literária.

Tomando por referência a revolução documental proposta por Le Goff (1996) que ao tecer críticas ao documento apresenta-o como sendo “um produto da sociedade que o fabricou segundo suas relações de forças que ali detinham o poder.” (LE GOFF, 1996, p.545). Então, deste modo os documentos são passíveis de interpretações, pois as pessoas que produziam eram também dotadas de influências internas e externas que nortearam sua construção.

E isto influi decisivamente na produção desses documentos e ainda nesta inclinação teórica proposta pela Nova História, nesse contexto, Le Goff (1988, p.28) expõe enfaticamente que com a ampliação do conceito de documento, quando estes deixaram de serem apenas textos escritos; passaram a ser considerado todo o tipo de vestígio humano, tomando por base a multiplicidade e variedade dos documentos como fotografia, documentos orais, escavações arqueológicas, filmes etc. Contrariando a visão positivista da rigidez das documentações tidas por “oficiais”, acreditando que poderiam alcançar a “verdade da história ou a essência dos fatos” como salienta Waldeci Chagas (2006, pp. 11-12).

No cenário de quebras de paradigmas tradicionais, que as novas abordagens aos documentos vêm recebendo um grande acolhimento pelos historiadores e talvez, a literatura, seja uma das mais requisitadas no final do século XX¹. No entanto, discutir História e Literatura no meio dessas rupturas e crises paradigmáticas requer algumas considerações, principalmente no que tange esta relação, pois isto não quer dizer uma perda de identidade, e sim, realizar um compartilhamento entre os dois campos dos saberes, mostrando suas possibilidades e sentidos na construção do conhecimento.

No entanto, compreender esta aproximação entre a História e a Literatura não é tão fácil, pois muitos pesquisadores veem essa relação muito mais complexa do que se pensa. Mesmo

¹ Comenta-se que a literatura ao longo do séc. XIX, assumira posição que diferirá do século XX, OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. “História e Literatura: Relação de sentidos e possibilidades” IN: VASCONCELOS, José Gerardo, MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano. *Linguagens da História*. Fortaleza: Impreco, UFC, 2003 p.82

com a ampliação no campo de abordagem, já tratada aqui em Le Goff (1988). Contribuindo com essa divergência conceitual quanto a abordagem, Hayden White, se posiciona com um outro olhar sobre este campo entrelaçados.

Para percebermos esta complexidade, White (2001 pp. 88-91) tece argumentações e referencia autores como Croce, Frye, Levi-Strauss, Tonybe, dentre outros, que participam deste debate, enfocam que a narrativa ou mesmo o enredo historiográfico é similar ao da literatura, e diante desse contexto, concluem que sua urdidura (história) seria mais próxima da ficção que da verdade, pois, a história usa os mesmos recursos estilísticos de linguagem que a literatura. Como estratégias tropológicas predominantes: metáfora, metonímia, sinédoque e ironia; já quanto ao gênero, podem apresentar-se como dramático, comédia, sátira e trágico.

O autor acredita que ao escrever os textos, os historiadores empregam suas emoções e significados de como veem aquele acontecimento. Para Hayden White (1994), o enredo da história é dotado de particularidades estilísticas que o historiador utiliza que podem causar nos leitores espanto, admiração, emoção, entre outras características, devido ao uso desses recursos topológicos. Nesse caso, se relacionado à Literatura, então, os textos históricos também seriam literários? E quanto aos tropologistas, qual discurso, ou elementos linguísticos utilizam para determinar o que é ou não tropo?

Diante desta complexidade textual, o próprio Hayden White (1994) em seu artigo *Teoria Literária e Escrita da História* salienta que se os tropologistas considerarem o discurso historiográfico como sendo “fictício, figurativo, imaginativo, poético-retórico”, isto também não poderia ser empregado no discurso dos tropologistas? Ele questiona “se não seria a própria tropologia uma ficção, e as afirmações feitas com base nela seriam apenas ficções das ficções que pretende encontrar por toda à parte?” (WHITE, 1994, p. 36).

As relações da literatura com a história, segundo o autor, seriam muito mais próximas do que se pensava. Colaborando com a discussão em questão, sobre as relações entre a História e a Literatura, Geralda Nóbrega (2004, p. 83) enfoca as várias funções da literatura, dentre elas, cita a “expansão da cultura, conhecimento de mundo, compromisso social, exercício de contestação, denúncia, além de atuar como distração e entretenimento.” Assim como a história, a literatura também é detentora de ideologias de visões de mundo, se vista como representação da realidade; pois traz a tona mudanças de um imaginário individual ou mesmo coletivo fazendo com que o leitor capture imaginações alheias, delineando as percepções de mundo diversificado.

A literatura possui um imaginário discursivo que não afasta, pelo contrário, aproxima-se do imaginário linguístico, social etc., o mesmo para com a história, haja vista, que ela também existe pelo discurso, mesmo que possua a sua própria especificidade. Esta aproximação permite ver que os documentos literários e artísticos também possam ser tratados como documentos históricos, deste último espera-se um real compromisso com a realidade, pois a,

Literatura expõe o inverossímil e o verossímil através dos quais o plano da ficção costuma expor a verdade às vezes de forma mais fidedigna do que a história. Por ser o texto literário mais fluido, mais comprometido com a estética, termina por se expor à verdade de modo indireto, quando o estilo não consiste apenas na elaboração da linguagem, mas se manifesta como resultante de visões de mundo captáveis da realidade vivida e conectada pelo escritor. (NOBREGA, 2004, p. 84)

Conforme citação, analisamos que a literatura com sua licença poética deixa seus escritores mais abertos a exporem sua visão dentro de seus textos que a própria História, mas isto não invalida os textos literários ou os deixam menos científicos, apenas traz, outra forma de redigir e abordar um determinado aspecto, que o autor e mesmo o poeta vê, e deseja que seus leitores tomem ciência do fato que escrevem.

Neste sentido, Nicolau Sevcenko (2003, p.20) acrescenta que para o historiador estando mais preocupado com a realidade, enquanto que o escritor torna-se atraído pela possibilidade. Então deste modo, a literatura ‘fala’ ao historiador de uma história que aconteceu, apresentando uma “expectativa do vir-a-ser.” Suas possibilidades, de certo, não vingaram, quiçá concretizaram e com esta problemática, surge um novo questionamento. Qual é a posição do escritor diante da história? Para esta inquietação o autor recorre a Barthes para responder e enfoca que “a história, então diante do escritor é como o advento de uma opção necessária entre várias morais da linguagem; ela o obriga a significar a literatura segundo possíveis que ele não domina” (SEVCENKO, 1995, p.21).

Diante das discussões até aqui apresentadas, notamos que há uma forte relação entre os campos de conhecimento da História e da Literatura, mas que ambas não se confundem, muito menos se diluem a tal ponto de uma ser maior ou mais importante que a outra como propõe enfaticamente Hayden White, mas que se complementam como campos de conhecimentos das Ciências Humanas.

Mesmo com a Virada Linguística², os usos dos recursos e estudos da linguagem no texto do historiador, observamos, assim como F. R. Ankersmit, que há muito mais que isso, existem outras questões que também são importantes, que deixemos para discutir em outro momento. Os campos por terem uma certa ligação não limitam o conhecimento e nem reduz o outro, mas com as abordagens e novas possibilidades de investigação no campo literário pela História, pode-se sim, perceber outros olhares poéticos inclusive sobre determinado acontecimento quer seja social, político ou cultural, nos diversos campos.

Assim,

O recurso à Literatura, não como fonte histórica no sentido de manancial de informações a serem extraídas pelo pesquisador metucioso, mas como lugar de boas perguntas acerca de um problema, como lugar de fecundação do pensamento, é um dos melhores exemplos de como pode o historiador pensar com a Literatura e não contra ela (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2007, p. 17).

Compreendemos plenamente esta relação profunda que há no ato de estudar e perceber a Literatura como uma fonte questionadora para a História, pois nela há infinitas perguntas que necessitam de análises, principalmente, quando nos deparamos com romances históricos.

Alguns posicionamentos podem ser perfeitamente investigados, considerando que muitos autores escrevem para seu tempo. Nesse caso, o que determina suas posições ideológicas na hora de escrever suas prosas ou poesias? Qual história podemos ver na literatura de tal modo que ao observarmos o contexto que se remetem alguns poetas se posicionam contrários a sua época?

Percebemos na poesia de Castro Alves seu posicionamento contrário a uma época em que a escravidão era validada, inclusive pelo Estado e que muitos poetas e prosadores escreviam seus textos colocando o negro, de acordo com sua visão, em seus lugares sociais e econômicos. Assim, o posicionamento adotado pelo poeta baiano vai de encontro à lógica até então estabelecida, pois mesmo com sua visão ainda cheia de traços aristocráticos, era possível enxergar em seus textos, uma luta contra a escravização dos negros trazidos para o Brasil.

Uma das questões que observamos é como o poeta baiano enxergava a escravidão e como a descrevia em suas poesias e suas posições quando tratava das questões relativas à

² Para mais informações sobre a virada linguística, consultar a obra completa, mas, especificamente o capítulo 2, por justamente apontar as origens desta temática. ANKERSMIT, F.R. *A Escrita da História: a natureza da representação histórica*. Tradutores: Jonathan Meneses... [et al]. Londrina: Eduel, 2012.

escravatura dos negros, uma vez que era objeto de profundas lutas no campo político do movimento abolicionista que Costa (2008) enquadra-o como pertencente a II fase deste movimento.

Não obstante desse contexto, podemos perceber também qual posicionamento que Castro Alves dava em seus textos poéticos, de cunho intimamente abolicionista, mesmo quando a historiografia no século XIX, não dava muita importância às questões da escravização como enfocara em seus poemas. O poeta via o negro como um ser social, que na condição de escravizado era configurado como um objeto de comercialização e que, portanto, seria preciso acabar com esta situação, observando os danos físicos, psicológicos, intelectuais, morais e cristãos, provocados aos negros africanos e afrodescendentes em terras brasileiras.

Mas, e quanto ao narrador? Qual posição assume em seus textos? Segundo Walter Benjamin a narrativa,

[...] tem sempre em si, às vezes de forma latente, uma dimensão utilitária. Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática — de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos (...). O conselho tecido na substância viva da existência tem um nome: sabedoria. A arte de narrar está definindo porque a sabedoria — o lado épico da verdade — está em extinção (BENJAMIN, 1992, p. 200-201).

Assim, as críticas que Castro Alves faz em sua poética, pois se apresenta como um narrador libertário, e com suas denúncias aflorando em seus textos poéticos, fica cada vez mais claro, sua finalidade em persuadir o leitor para que observe aquela situação de desumanidade em que os negros eram condicionados no Brasil, sendo escravizados e, conseqüentemente, privados de toda liberdade.

Contudo, como afirma Benjamin (1992), o narrador é um homem que aponta possíveis caminhos, e acreditamos que uma das maiores inquietações que o poeta deu sobre a escravização no século XIX, tenha sido mesmo sua posição contrária à escravidão e a situação dos negros vindos desde a África até a sua escravização no país. Mesmo que muitas vezes sejam incompreendidos, os poetas têm essa articulação, em escreverem em versos o que nem sempre a sociedade quer ver ou deseja ler.

Mas em seus textos, de forma hiperbólica, mas também sutil, tenta dar visibilidade a causa negra e assim, incentivar o término do processo de escravização no Brasil, pois vale lembrar que seus textos poéticos eram escritos para uma classe letrada, que tinha acesso às belas letras e geralmente a elite. Mas, nem todos eram das elites aristocrática e escravocrata, alguns faziam parte das classes dos profissionais liberais que davam suporte à edição de suas poesias anti escravidão.

Ampliando o debate, os estudos entre História e Literatura, destaca-se nesta pesquisa a poesia, já que as fontes documentais a serem analisadas são as poesias de Castro Alves, publicadas primeiramente em folhetins no século XIX e posteriormente reunidas na obra *Os Escravos*, em 1883.

Além de analisar as relações entre a Literatura e a História, faz-se necessário um estudo também mais aprofundado sobre as relações entre a História e a Poesia, já que nesta pesquisa, toda a parte literária a ser abordada, utilizada e analisada será a poesia de Castro Alves no século XIX.

Então, estudar a história através da literatura é um pouco complexo, até pelas suas relações de sentidos e possibilidades conforme já enfocado anteriormente. Assim, a construção ou mesmo a leitura do pensamento através das artes pelo historiador acaba sendo sempre regada por impasses e dilemas nas estruturas das análises, pois, como já enfocara Paul Veyne (1995) na obra *Como se escreve a história*, concebe a ideia de que a história é um campo de verossimilhanças e, portanto, a verdade é uma aproximação do que se imagina ser real.

Mas afinal com este debate o que seria poesia? Octavio Paz (1982, p.15) enfoca que

a poesia é conhecimento, salvação, poder, abandono. Operação capaz de transformar o mundo, a atividade poética é revolucionária por natureza; exercício espiritual, é um método de libertação interior. A poesia revela este mundo; cria outro. Pão dos eleitos; alimento maldito. Isola e une.

Uma das definições mais coerentes e profundas já encontradas, pois nela podemos notar a natureza e sintonia que propõe a poesia, que ao ser escrita pelos poetas, propõe a partir da representação de um contexto perceber o mundo analisando-o poeticamente. Em si, a poesia também se propõe a ser “revolucionária” como enfoca o autor e, de certo, muitos poetas utilizaram seus textos poéticos como mecanismos de revolução, pelas letras, para a classe letrada, provocando nelas, a sensibilidade de um olhar que denuncia e faz ver pelas estrofes uma vida, uma luta.

Sendo assim, a poesia como uma “operação capaz de transformar o mundo” (PAZ, 1982, p.15) é imprescindível para perceber nas estrofes suas leituras da realidade, o que está implícito e que ultrapassa o sentido etimológico das palavras usadas, conhecer do que o poeta

fala, para quem está falando, do que se argumenta, pois esses elementos são primordiais na leitura poética de modo que nos levem a compreender as intenções do autor.

Concernente a esta discussão, percebemos que Jean Cohen (1978)³ comenta que a frase poética em sua visão é objetivamente falsa, mas acrescenta que esta mesma frase é subjetivamente verdadeira. Diante desta perspectiva, nota-se que as vezes a objetividade poética pode nos conduzir a uma subjetividade verdadeira, pois existem significados importantes contidos simpliciter.

Segundo o autor, já na Antiguidade e principalmente nos estudos de Aristóteles na contemporaneidade, os conceitos, teorias e estudos sobre a poesia e o texto poético são diversos e plurais e distintos entre si. Desde a antiguidade que se discutia esta relação entre a História e a Poesia, que em muitos séculos, vem sendo dada esta conotação de definição entre ambas no sentido Aristotélico. Pelo enfoque dado, observamos que estabelece as diferenças entre o fazer do poeta e do ato de historiar, onde expõe que “não é ofício do poeta narrar o que aconteceu; é, sim, o de representar o que poderia acontecer” (Poét., IX, 50)⁴, assim, percebemos que há uma definição clara para o autor ao ver a posição que deve adotar os textos poéticos.⁵

Diante dessa reflexão que é entre a História e a Poesia, outra questão a ser pensada é a noção de poema. Concernente a estas discussões sobre poesia, outra complexidade a ser abordada é o poema. Que diante das discussões apontadas,

³ O autor enfoca que no Brasil há estudiosos que se dedicam neste campo, como os críticos e teóricos como Décio Pignatari, Haroldo de Campos, Alfredo Bosi, Otto Maria Carpeaux, Augusto de Campos, Roberto Schwarz entre outros pesquisadores.

⁴ Todas as citações referendadas sobre Poética de Aristóteles correspondem à edição da editora Edioro de Sousa. Assim, os algarismos romanos grafados em maiúsculos, indicam o capítulo e os que estão em arábico, o parágrafo.

⁵ Uma discussão muito pertinente é como sua visão foi sendo construída a não perceber diferenças na redação entre ambas, ou seja, entre a História e Poesia, pois para ele “não diferem o historiador e o poeta, por escreverem verso ou prosa” (Poét., IX, 50), destaca que por exemplo, não deixaria de ser escrito histórico se Heródoto escreve em poesia ao invés de prosa. Assim, trata a poesia como algo que poderia acontecer e ligada diretamente a filosofia, pois levaria a pensar em possibilidades do que poderia acontecer com o determinado evento em questão. Para Aristóteles, a diferença entre a poesia e a história seria justamente, que a História apresenta o fato como de fato aconteceu e a Poesia como poderia ter acontecido. Assim, Aristóteles, traça uma definição para ambas, limites no tocante as suas abordagens. Mesmo que ambas tratem de um mesmo fato, ou evento histórico, as perspectivas são diferenciadas. Ainda concernente a esta perspectiva, Aristóteles ao tratar da poesia épica, enfoca que a “estrutura da poesia épica não pode ser igual à das narrativas históricas, as quais têm que expor, não uma ação única, mas um tempo único, com todos os eventos que sucederam nesses períodos a uma ou várias personagens (Poét., XXIII, 148).” Então, o elemento principal para a História neste sentido é o tempo, que através de sua narração escreve a história do acontecer de um fato. Então, ao historiador narrar o que foi, quanto ao poeta se deleita no campo do possível.

deve-se levar em consideração a relação estreita que há entre o texto e o contexto em que foi produzido. Situações como momento histórico e condições de produção do poema podem interferir (e geralmente interferem) na significação da obra. Além é claro, do próprio posicionamento crítico do leitor. A sua maneira de ver o mundo, de perceber as coisas, tem influência direta no sentido que extrai do poema. No entanto, cabe dizer que nem toda interpretação é válida; qualquer afirmação que se faça sobre um poema tem que ser comprovada com ele mesmo.(CARMO, 2011, p.29)

Há uma profunda relação entre o texto e o contexto conforme citado por Carlos Eduardo Carmo (2011), pois o poeta é influenciado pelo tempo histórico e a visão que possui de mundo que são transcritas para as estrofes que escreve. Diante deste cenário a significação da obra irá ser conduzida pela ótica que o poeta concebe sua leitura de mundo que, evidentemente, estará contida nos seus versos .

As poesias eram geralmente publicadas em folhetins ou em jornais, que era o acesso às informações e mesmo propagação das ideias no século XIX. Diante desta perspectiva, a sociedade tinha conhecimento também dos ideais abolicionistas, pelo acesso a estes folhetins que divulgavam diretamente ou indiretamente suas ideias e perspectivas. A poesia de Castro Alves tivera muita importância neste sentido, principalmente para o que Emília Viotti da Costa (2008) chama de I fase do Movimento Abolicionista e nas fases posteriores do abolicionismo, pois desejava o fim da escravidão, e com suas poesias alertava sobre as mazelas e danos que eram causados a todos os negros escravizados no Brasil.

O movimento abolicionista era constituído por advogados, médicos, militares, artesões, dentre outros, geralmente profissionais liberais. Nos centros urbanos houve uma forte adesão a esta causa humanitária de cunho libertador. Os abolicionistas segundo Ruy Monteiro (1985), procuraram organizar fundos para a libertação dos cativos, uma vez que o fundo de participação criado pela lei de 28 de julho de 1871 libertou até 1878, uma cifra inferior a 20% dos, aproximadamente, 35.093 libertados pelas organizações abolicionistas.

O abolicionista funcionou como uma espécie de advogado gratuito, onde os negros não possuíam meios para reivindicar seus direitos, conforme destaca Joaquim Nabuco (1977). Ele enfoca que em outros países a luta pela emancipação fora propagada no seio da igreja, no Brasil, a igreja não se posicionou com relação a causa. Pelo contrário, era até detentora de homens e mulheres nos conventos e por todo o clero regular desmoralizando assim, a construção de um sentimento religioso, os cativos viam os clérigos apenas como alguém que podia comprar ou lembrar de acusá-los, e

A obsessão, pelo clero, do posto que o Evangelho lhe marcou, foi a mais vergonhosa possível: ninguém o viu tomar a parte dos cativos, fazer uso da religião para suavizar-lhe o cativo, e para dizer a verdade moral aos senhores. Nenhum padre tentou nunca impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime religioso das senzalas. A igreja católica, apesar de seu imenso poderio em um país ainda em grande parte formado por ela, nunca elevou no Brasil a voz em favor da emancipação. (NABUCO, 1977, p. 67-68)

De acordo com a visão de Nabuco (1977), percebemos como a igreja se portou com certa inércia no Brasil. No entanto, não podemos esquecer que em muitos lugares a igreja também ajudava a acobertar os escravos fugidos bem como os religiosos propagavam os ideais da liberdade mesmo que de modo indireto, em suas visitas e sermões.

Ainda segundo o autor, diferentemente de outros países, no Brasil, o movimento abolicionista fora notadamente político, que perpassa a própria luta contra a escravidão para o pensamento de construir o país sobre um trabalho livre e uma União das raças na liberdade (reforma política). Por assumir características políticas, visavam eliminar dois elementos primordiais do sistema: o escravo e o Senhor. A propaganda abolicionista não se dirigia aos cativos, mas aos senhores escravos. Compartilhando deste pensamento, Castro Alves com suas poesias, propôs aos escravocratas uma reflexão de suas práticas desumanas para com os negros no país, tanto que em *Tragédia no lar* faz um convite aos escravocratas da sociedade que entrem na senzala imaginada por Alves, para que vejam a condição do cativo nas mesmas.

E assim, é possível perceber o pensamento de liberdade refletido em suas poesias como, por exemplo, em *Vozes D'África* e *Navio Negreiro*. Com isso, nota-se que sua poética traduz, de certo modo, um posicionamento que se revelava contrário às práticas escravagistas envolvendo os negros. Dentro dessa perspectiva, como enfatiza Costa (2008), Castro Alves torna-se um dos precursores na literatura deste Movimento Abolicionista, considerado 1ª fase.

Inegavelmente, Joaquim Nabuco também se destacou neste movimento a favor do abolicionismo e despontou como mais um dos ícones nesta luta. Vale lembrar ainda que suas relações com Castro Alves em Recife-PE, na faculdade de Direito, se estreitaram com a chegada do poeta a Província Pernambucana, pois foi o próprio Nabuco quem o recepcionou, conforme nos informa Dias Junior (2010).

O movimento não se restringia a lutar pela libertação dos cativos. Possuíam também como bandeiras de luta, uma proposta social de inclusão do negro na sociedade brasileira, como a criação de oportunidades econômicas aos afros e “outros setores novos privilegiados da sociedade” (CONRAD, 1978, p.193).

Apesar desta importância que tivera e tem a literatura, Raymond Sayers (1958) expõe que as leituras destas poesias, geralmente atingiam a uma classe resumida: a burguesia, no que de fato, “o poeta representa, mesmo que simbolicamente, a verdade, tal qual é” (SAYERS, 1958, p.221). O autor ao focar Castro Alves relata que o poeta faz ascender à crueldade, e manifesta o absurdo do cotidiano dos cativos no Brasil; desejando o despertar da humanidade para com a absurda condição de escravo.

Antônio Frederico de Castro Alves nasceu em Curralinhos, hoje chamada Castro Alves no estado da Bahia, em 1847. Logo após os primeiros estudos, seguiu para o Recife – PE, cidade onde apresentou os primeiros indícios de uma doença pulmonar; o início de seu relacionamento amoroso com Eugênia Câmara (atriz portuguesa), o homicídio do seu irmão Antônio que tinha ido com Castro Alves para Recife, cidade onde ingressou na Faculdade de Direito. Em 1868 saiu de Pernambuco, embarcando com Eugênia Câmara para a capital do Império brasileiro, a cidade do Rio de Janeiro e, no mesmo ano, vai para São Paulo, onde matricula-se no terceiro ano na Faculdade de Direito deste estado. Acidentalmente levou um tiro no pé no ano posterior, em 1869 e o amputou devido a gravidade do ferimento.

Alexandre Passos (1965) acrescenta que Castro Alves estudava com apuro a língua francesa. O contato com o idioma francês lhe permitiu ler o alemão Goeth, entre outros poetas como Alfredo Musset e, um dos fundadores do romantismo com sua poesia político racial, Vitor Hugo; tais escritores influenciaram consideravelmente na sua obra. Assim, percebemos em várias passagens de seus versos, essa influência oriunda dos textos europeus, principalmente os de origem francesa, os quais ele fazia referência.

As principais obras de Castro Alves foram *Espumas flutuantes* (1870); *A cachoeira de Paulo Afonso* (1876) e *Os Escravos* (1883), escritas em forma de poemas; na prosa escreveu *O Gonzaga ou revolução de Minas* (1875) – drama histórico. Vale salientar que a única obra publicada em vida pelo autor fora *Espumas Flutuantes*, um ano antes de seu falecimento.

Na obra de Castro Alves intitulada de *Os Escravos* foi reunida uma coletânea de poesias, dentre elas merece destaque: *Navio Negreiro* (1868), *Vozes D’África* (1868) e

Saudação a Palmares (1970), todos escritos durante a década de 1860. Suas poesias são de cunho intimamente abolicionista, tanto que participou ativamente das campanhas contra a escravidão no Brasil.

Mostra a situação do escravizado, seja nos navios negreiros, que transportavam os cativos para o Brasil, ou mesmo no meio rural caseiro, como em *Luzia*, que enfoca também a deficiência nutricional a qual os cativos estavam condicionados. Durante a narrativa envolvendo deportação dos escravos para o Brasil, nas descrições das senzalas faz uma espécie de convite aos leitores para que entrem nesse contexto e sintam os anseios dos personagens. Apresenta na perspectiva de um escravo (eloquente) lembranças da terra natal (África) fazendo uma analogia à liberdade perdida na “vinda” para o continente americano e especificamente ao Brasil, e uma descrição física do que seria um “paraíso” africano.

Sutilmente, o poeta consegue persuadir o leitor com suas hipérboles e antíteses, uma sucessão de metáforas que ludibriam o leitor e o envolve na obra; levando-o a integrar o conjunto dos abolicionistas. Percebemos que seus poemas são como ele encarava a situação do negro no Brasil Imperial. Castro Alves ao escrever para uma população aristocrata e escravagista atingia um público escravocrata, que acima de tudo queria preservar seus ganhos com a escravidão dos negros no Brasil.

Não é uma resistência fácil, haja vista que como salienta Sidney Chalhoub (2003), as classes senhoriais, que neste sentido são os sujeitos de poder na sociedade brasileira, não desejam esta quebra, pois controlam como enfoca o autor uma economia de favores, que nunca cedem as pressões ou mesmo reconhecem os direitos conquistados pelo viés social. Assim, podemos perceber que as poesias de Castro Alves iam de encontro aos desejos de uma sociedade escravagista que estava no poder e acima de tudo deseja sua permanência nos moldes que até então, foram estabelecidos pelas relações de escravidão estabelecidas.

Assim sendo, no campo das letras no século XIX, sob a égide dos primeiros romancistas da sociedade brasileira, Alfredo Bossi (1975) destaca que coube a essa primeira geração de românticos a leitura do campo materno no Brasil, dando característica e um sentimento de nacionalidade, principalmente através da figura do índio, contemplado nas redações de José de Alencar e Gonçalves Dias, entre outros.

Diante das discussões românticas de maior destaque deste momento da Literatura Brasileira, certamente fora a questão indígena, onde Antônio Candido (1975) destaca que

Castro Alves rompe com esta ideia de musa indianista e o sentimento de patriotismo e orgulho da nação brasileira, que tanto defendera em suas prosas e versos de José de Alencar e Gonçalves Dias.

Ainda conforme o autor, uma questão que merece ser destacada é a transição que faz de uma ótica patriótica ufanista para uma mais crítica, onde chama de patriotismo crítico, que Alves leva seus leitores com sua poesia lírica social a olharem criticamente para a situação em que os negros estão, além de rever a situação de um Brasil ufanista, que escraviza e tortura seres humanos a exploração simplesmente pela cor e origem.

Esta criticidade que está nas poesias de Castro Alves é notória, pois não cansa em apresentar a sociedade que escraviza como são tratados os negros. Independentemente das críticas sobre seu texto e quanto à forma, suas intenções, são bastante nítidas quando evocamos os ideais de um revolucionário missionário como apontou Antônio Soares Amora (1973), que exprime bem essa relação que via nos escravizados, sua bandeira de luta, visível em suas poesias de cunho abolicionistas.

A criação de Castro Alves fora bastante intensa, apesar de sua curta vida, a década de 1860, fora muito produtiva e trouxe muitas reflexões sobre sua forma de redigir e persuadir o leitor para com a proposta que tinha em pauta: a anti escravização dos negros no Brasil. Neste sentido até percebemos, porque se empenhou tanto em abordar o máximo a condição do negro quer seja, nas senzalas, trabalho forçado, quilombos ou mesmo nas travessias.

Entendendo este sentido das abordagens nas poesias escritas por Castro Alves, Afrânio Peixoto (1944) aponta que torna-se uma das principais vozes e mais conscientes sobre o negro na literatura brasileira, principalmente no tocante ao movimento abolicionista, que mesmo não estando presente, suas poesias serão muito abordadas como bandeiras de lutas em muitos sarais poéticos. Assim, como uma das principais vozes que traduziu toda a vida dos escravizados que representou em suas poesias, trouxe inúmeras discussões sobre a real necessidade da escravidão como um sistema e também sobre o sentimento humanitário para com os negros.

O autor ainda acrescenta que com as emoções e as ideias que Castro Alves empregou em suas poesias, pode mostrar a sociedade outra visão sobre o negro numa perspectiva de sensibilidade humana, ou seja, trata-o como um ser humano dotados de anseios e desejos. Trazendo “piedade pelos cativos, sentimentos de piedade, indignação contra o cativo” (PEIXOTO, 1944, p. 193), são notadamente emoções que foram transmitidas em suas poesias

e assim, poder comover a sociedade para com a condição em que estavam sendo tratados os negros em solo brasileiro.

Os seus leitores foram se habituando as suas poesias de cunho abolicionistas, pois a cada leitura, a cada tiragem, se esperava que o poeta emergisse com uma nova proposta de um mesmo tema: escravização. Assim, a cada nova poesia, era uma forma que Castro Alves usava para dar voz aos negros escravizados, como enfocou Afrânio Peixoto.

Então, como Castro Alves não seguiu uma linha comum para a aristocracia da época, teve muito destaque devido as posições que adotou sempre de cunho revolucionário, principalmente na causa dos escravizados e sua condição aqui na sociedade brasileira. Diante desta perspectiva, muitas críticas foram sendo colecionadas pelo poeta, já que está inserido num contexto de luta social.

Castro Alves se manteve focado em sua posição e sempre adotou a resistência ao patriarcalismo escravagista do qual comandavam toda a estrutura política e econômica do Brasil, tanto que para se compreender a

a atitude de Castro Alves, a partir de 1865, de um lado diante do que sua geração começava a compreender como “missão do poeta”, e de outro, diante do que sua mesma geração começava a denunciar como erros gritantes e até mesmo terríveis de nossa estrutura política e social: um monarquismo, que se não era absolutista e tirânico, era, contudo, surdo aos reclamos de justiça e de igualdade, por parte do povo; uma aristocracia, uma teocracia e uma plutocracia, privilegiadas, poderosas e insensíveis à miséria do povo e à pungente tragédia dos escravos. Investindo-se, portanto, como todos os moços de sua geração, sobretudo acadêmicos, de uma “missão revolucionária”, desenvolveu... (AMORA, 1973, p. 190).

Como o autor salienta acima, os demais poetas já começavam a entender este fascínio que Castro Alves tinha como uma missão, pois suas poesias denunciavam este sofrimento que os escravizados estavam sendo condicionados pela sociedade escravista, e neste sentido, desejava que fosse interrompida esta lógica, buscando assim com seus textos poéticos abertura numa sociedade que o via como rebelde, devido as suas posições adotadas.

Alfredo Bossi (1975) ao discutir Castro Alves, aponta que será o *novo Epos Libertário*, pois marcadamente com sua abordagem revolucionária, certamente trouxe para a literatura brasileira uma perspectiva social, mais próxima de uma realidade da sociedade por tratar das representações em sua poética sobre a escravidão dos negros, temática não muito abordada por outros poetas anteriores e contemporâneos a ele.

Assim, aborda em sua poética discussão sobre a escravização, que para o poeta é uma mazela social, abre a senzala e faz um convite a todos os leitores que entrem, mergulhem e

viagem em suas poesias, para que conheçam a situação dos negros dentro do processo de economia de exploração que a aristocracia adotou.

É óbvio que as influências da poesia condoreira de Victor Hugo, com os ideais de liberdade que o condor, a ave traz como símbolo, foram decisivos para que o poeta baiano conduzisse suas leituras neste sentido, isto quer dizer, na perspectiva social e libertária, que neste caso, seria a escravidão dos negros no Império Brasileiro.

Essa luta e defesa de forma revolucionária e missionária como já foi tratada aqui, é advinda justamente de sua visão sobre a escravidão. Mesmo que no período Romântico fosse vista a escravidão como instituição, apenas o Castro Alves, como aponta Rita de Cássia Santos (2000, p. 34) iria “vê-lo como ser humano integral, com paixões, heroísmos, fraquezas, revoltas”, que neste sentido destaca pelo autora, veria uma humanidade nos traços dos negros aqui no Brasil, de tal maneira, que mesmo de uma forma cristianizada, se apresenta dotados de sentimentos, desejos e frustrações.

Muitas questões surgem advindas da leitura que Castro Alves faz sobre a escravidão, em como representa a construção de África como um lugar de liberdade contrapondo com a situação que via os negros na sociedade brasileira; bem como a representação de uma liberdade em Palmares. Qual seria esse sentido de liberdade e até onde seria realmente sua poética contra a escravidão? Quais motivos e leituras motivaram a construção de sua poética sobre a travessia transatlântica?

Destacamos que, o poeta Castro Alves, faleceu em 06 de julho de 1871, vítima de tuberculose. Deixou uma vasta produção literária que foi publicada nos folhetins e jornais acadêmicos durante suas passagens nas faculdades de Direito e nas cidades de Recife-PE, São Paulo-SP e na Bahia.

Como o objeto de análise dessa pesquisa é a literatura e mais especificamente, a poesia de Castro Alves, nos detivemos a estudar *Os Escravos*, que é uma coletânea de poesias do poeta, publicada em 1883, posteriormente ao seu falecimento em 1871. Dentre as poesias desta obra, foram selecionadas três poesias que se enquadravam perfeitamente na proposta da discussão desta pesquisa, pois pelo tempo de pesquisa disponibilizado pelo Programa de Mestrado em dois anos, era metodologicamente impossível estudar e analisar todo o texto poético contidos na coletânea da obra, por isso foi feita uma triagem dos poemas.

Compreender a visão que tinha Castro Alves em sua poesia, torna-se muito relevante, pois mostra outra perspectiva de como podia ser percebida a escravização dos negros pela sociedade no Brasil. Para tais efeitos, nesta Dissertação de Mestrado, foram selecionadas

algumas poesias escritas pelo poeta na década de 1860, para fins de estudo sendo divididas em capítulos para organizar melhor a discussão, e neste sentido, viajar pelas suas representações desde sua idealização sobre construção da liberdade no Brasil com ideia de uma África brasileira na poesia *Saudação a Palmares*; sua visão de África, em *Vozes D'África* a travessia transatlântica em *Navio Negreiro*.

A proposta desta Dissertação, neste sentido, é fazer a primeira discussão em torno da representação de “Palmares” em sua poética, ou seja, como eram condicionados os negros africanos que desembarcavam em solo brasileiro e os afro-brasileiros que nasciam no Brasil, mas não se submeteram ao processo de escravidão, fugindo para Palmares, fazendo de lá uma “África à brasileira”⁶. A segunda discussão versará em torno da terra natal África, como sendo um lugar de morada, de liberdade. E finalizamos com a representação da travessia transatlântica, que o poeta faz através de seu poema.

Assim, no capítulo I em *A África no coração da poesia: representações do além-mar* discutiremos como o poeta baiano via a África; para tais compreensões faz-se uso de autores como Costa e Silva (2006) *Castro Alves: um poeta sempre jovem*, Edison Carneiro (1937) *Castro Alves: ensaios de compreensão*, Afrânio Peixoto (1947) *Castro Alves – o poeta e o poema*, para refletirmos como Castro Alves obteve informações e pôde apresentar um continente até então não abordado em poesias pela Literatura Brasileira. Ainda no tocante a esta questão, será analisada a poesia: *Vozes D'África* escrita em São Paulo, em 11 de junho de 1868, para pensarmos como Castro Alves representa a África em seus versos.

Já no capítulo II, *Navegando sobre um oceano de escravização: O Navio Negreiro e as travessias transatlânticas*, analisaremos a poesia *O Navio Negreiro*, escrita em São Paulo em 18 de abril de 1868. Nesta poesia o poeta apresenta em versos como aconteciam as travessias transatlânticas em um navio que transportava os negros, adquiridos no mercado africano. Para refletirmos sobre esta “tragédia no mar” como chama o poeta, serão abordados estudos de Paul Gilroy para pensarmos esse trânsito de pessoas no mar, onde destaca o tráfico africano no Oceano Atlântico.

⁶ Usamos esse termo para se referir a figura do “Quilombo”, conceituado por mim como “África à brasileira”, pois entendo que os negros africanos desejavam estabelecer em Palmares sua relação com a África, representando aqui nas terras brasileiras uma liberdade que possuía outrora. Então, nesse sentido utilizamos a expressão citada para se referir aos refúgios dos negros que não se submeteram à escravização pela sociedade brasileira.

No capítulo III, intitulado de *África à brasileira*”: *Saudação a Palmares e os versos pela liberdade*, discutir e destacar a idealização de uma África aqui nas terras brasileiras. Nessa perspectiva, será estudada a poesia *Saudação a Palmares*, escrita na fazenda Santa Isabel em agosto de 1870, onde o poeta descreve a alusão do famoso Quilombo de Palmares, com suas súplicas, vivências e costumes de um povo que sofre e é representado em seus versos, para que possa comover os leitores da necessidade de um lugar de vida sem sofrimentos, com condições melhores da que enfrentavam na sociedade brasileira. Para reflexão utilizaremos autores como João José Reis (1995), rocha Pitta (1952), Nina Rodrigues (1976) e Pedro Funari (2005) que auxiliaram na compreensão historiográfica de Palmares.

2 A ÁFRICA NO CORAÇÃO DA POESIA: REPRESENTAÇÕES DO ALÉM-MAR

2.1 A poética de Castro Alves sobre o Além-mar em *Vozes D'África*

Antônio Frederico de Castro Alves, popularmente conhecido como Castro Alves, escreve em São Paulo em 11 de junho de 1868, *Vozes D'África*, um poema épico sobre a África, composto por dezenove estrofes, com os versos alinhados com seis versos, ou seja, uma sextilha, que podemos observar na primeira estrofe:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?	A
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes	A
Embuçado nos céus?	B
Há dois mil anos te mandei meu grito,	C
Que embalde desde então corre o infinito...	C
Onde estás, Senhor Deus?... (ALVES, 2004, p. 110).	B ⁷

A rima utilizada na urdidura do texto poético é a AA-B-CC-B. Dentro desta perspectiva, podemos perceber que os dois primeiros versos rimam entre si, e o terceiro apresenta uma quebra na rima que só irá fazer par com o sexto verso. A sextilha pode ser dividida em três partes. Sendo o primeiro e o segundo verso rima entre si, assim como o quarto e o quinto verso. Já o terceiro verso rima com o sexto verso. Essa estrutura Castro Alves forma todas as dezenove sextilhas da poesia.

A utilização das reticências nos finais de suas estrofes, provocando no leitor pensamentos inconclusos, mas que ao ler, faz reflexões sobre as indagações que o poeta urdi em seu enredo. As exclamações que traz em seu texto, sempre de forma imperativa e altiva, busca chamar a atenção do leitor, do qual também usa as metáforas e metonímias presentes em sua poética.

As exclamações que traz em seu texto, sempre de forma imperativa e altiva, busca chamar a atenção do leitor, que podemos notar no verso “ — Infinito: galé! ...” (ALVES, 2004, p. 110), da segunda estrofe de poesia. Uma das figuras de linguagens bastante usual em sua poética é a hipérbole, que segundo Perelman e Olbreschts-Tyteca (2000) apresenta um exagero em sua abordagem, visando causar impacto e atenção em quem lê-as no contexto, podemos perceber tal recurso, no verso: “Há dois mil anos te mandei meu grito” (ALVES,

⁷ Refere-se as rimas externas, e são classificadas em Intercaladas ABBA, Alternadas ABAB e Emparelhadas AABB, as letras grafadas em maiúsculo são esquemas de apresentação das rima nos versos.

2004, p. 110). Outras figuras de também são recorrentes em seu texto como as metonímias e as metáforas.

Faz desta poesia, um convite para que ouçamos o que em sua representação a África gostaria de falar a sociedade escravocrata brasileira. O poeta abusa nesta poesia de hipérboles, metáforas e antíteses para realçar seu texto poético e romanticamente introduz o leitor numa viagem até o outro lado do atlântico sul, viajando em seus versos pela África que representou.

O continente africano em *Vozes D'África* assume um posicionamento crítico com relação a América e,

Essa poesia lírica atingirá uma comunidade de leitores e letrados da época e será um instrumento de combate com o qual o poeta irá recriar a situação de miséria e exílio dos africanos nas senzalas das fazendas, nas cidades, nos campos, nos rios e em todos os lugares da nação. (OLIVEIRA, 2010, p. 70)

Assim, a partir de sua visão sobre a África, onde é recriado um ambiente de liberdade e igualdade entre os povos africanos, será evidentemente, mais plausível para o poeta representar esse processo de exílio, de exclusão que o africano passava aqui nas terras americanas, pois diferentemente de sua terra natal, sua liberdade estará ancorada a uma senzala, quer seja no campo ou na cidade, seu direito de ir e vir não será assegurado e diante disso deseja atingir um público leitor, letrado principalmente, que acima de tudo desejava esconder tais situações, algo que contrariamente a esta sociedade, Castro Alves insistia em mostrar.

Não obstante desta discussão, percebemos que

Em vozes D'África, Castro Alves impingiu os acentos da poesia épica ao exprimir a dor de todo um continente. O poema é uma alegoria do pungente destino da raça africana, vista não simplesmente através de um navio carregado de negros, mas através da própria África, enquanto continente. Os versos são doces prosopopeias em que a África mesma narra suas desgraças, lamenta o seu destino e implora a misericórdia divina, pelas vozes do eu lírico, que coloca, metonimicamente, todos os africanos, pela sua singularização em Nação, a se queixarem a Deus pela sua desventura, pela tristeza de ver seus conterrâneos arrebatados do solo pátrio para serem escravizados e lançados ao desamparo. (SOUZA, 2011, p. 9)

Castro Alves escreve sua poesia com recursos estilísticos fazendo uso com maior frequência da prosopopeia. D. P. Cegalla (1998) expõe que Prosopopeia consiste em atribuir linguagens, sentimentos humanos que lhe são característicos a seres irracionais ou inanimados, que podemos perceber em nos versos a construção dessa personificação:

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marchando em vão!
Se choro... bebe o pranto a areia ardente; (ALVES, 2004, p. 112).

Nela o poeta exprime uma percepção significativa de como seria essa África, dando voz e representando em seus versos o sofrimento de seus filhos ao deixarem seus braços. Ele se reporta como se fosse a própria voz da África. Na narrativa o eu lírico leva o leitor a viajar pelos lamentos que são descritos ao longo dos versos, provocando assim emoções graças aos recursos estilísticos que usa em seu texto poético.

Maria Eunisia de Souza (2011) em seu estudo expõe que mediante de sua representação, o poeta exprime uma súplica a Deus para que olhasse seu lamento em seus versos e pudesse intervir nas cenas trágicas que seguem com o seu povo, no caso seria como a própria África estivesse se referindo à Deus pelos versos de Castro Alves.

A linguagem que usa nessa poesia fascina, pois até então, pouco se sabia sobre a África no contexto brasileiro do século XIX. Então, fontes usadas para a redação dessas imagens tratadas em seus poemas, certamente vieram de contatos com os escravizados já em solo brasileiro. Percebemos ainda na sua poética a referência aos africanos como sendo uma única nação no continente africano.

Diante deste contexto, Carolina Carneiro Lima (2012) ao referir-se a poesia *Vozes D'África* de Castro Alves ressalta que,

Trata-se, inequivocamente, de uma apologia à liberdade, de um texto de protesto (literatura de tese), entretanto, não podemos deixar de pontuar que mesmo aqueles que se indignam com a exploração, aderem a um pensamento de base eurocêntrica e a uma doutrina católica – ambas bases de sustentação da escravidão. (LIMA, 2011, p.8)

Assim, sua poética além de retratar sua visão sobre África, simboliza a luta que travou com a sociedade brasileira ao expressar na sua poesia um repúdio a escravidão e a forma como estavam sendo condicionados os negros pela aristocracia. Neste sentido, conforme destaca a autora, não podemos deixar de considerar o tratamento que Castro Alves faz em seus textos aos negros, que seguramente, trata-se de uma linha muito influenciada pela Europa e créditos ao catolicismo, talvez pela forte presença e influência que tem na sociedade brasileira do século XIX, e deste modo, deixar de lado essas visões de cunho cristão-ocidental era difícil para o poeta.

Portanto, tal condição, não inviabiliza sua poética, pois nos esclarece como era forte a visão cristã no Brasil e romper com esta lógica não seria muito bem aceito pela sociedade. Ressalto este fato por conta da apresentação das suplicas a Deus, que são feitas em seus textos ao deus que é pregado pelo catolicismo e não aos Orixás⁸, que certamente, representam a religiosidade dos povos africanos.

Os versos que compõem sua poética traduzem sua visão sobre como o Novo Mundo estava tratando os africanos e assim, com toda sua lírica, representa na poesia a voz da África, de forma que levasse a perceber as diferenças entre as duas costas atlânticas e o tratamento que era dado aos negros. Não é à toa que em *Vozes D'África* é representada a África como uma mãe.

2.2 Entre conhecer e narrar: Vamos falar em África, Castro Alves?

Antônio Candido (2007) tem o cuidado em apresentar a poética de Castro Alves como sendo ligada diretamente a justiça pela qual exprime sua luta contra a escravidão, pois vê como injustiça a condição dos negros a escravização. Nesse sentido, destaca que o poeta “permitiu impor o escravo à sensibilidade burguesa, não como espoliado ou mártir; mas, o

⁸ Os Orixás são divindades ligadas principalmente aos elementos da natureza e que protegem as nações africanas, para estudo desta relação consultar o Apêndice: “As religiões no Brasil” do prof. Antônio Flávio Pierucci In: GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. Dentre o panteão dos Orixás, destaco Oxalá, Ogum, Oxum, Iemanjá, Xangô, Ossaim, Exu, Iansã, Oxumaré, Logum Ede, Oxóssi, entre outros, ver relação de orixás cultos e lendas em VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. 4 ed. Salvador: Corrupio, 1997.

que é mais difícil, como ser igual aos demais no amor, no pranto, na maternidade, na cólera, na ternura” (CÂNDIDO, 2007, p.592).

Podemos perceber que ao igualar os sentimentos de escravos e burgueses, Castro Alves coloca os negros humanamente equiparados com a sociedade, onde pretende aproximar a todos pelos laços humanos e, assim, sensibilizar os indivíduos para que se posicionem contra a escravidão e contra a continuidade desta instituição que não colabora com a construção de um Brasil, que se configurava economicamente sólido à custa da exploração dos negros no campo ou na cidade.

O autor ainda acrescenta que Alves se torna um poeta por excelência, não só por escrever sobre a escravidão, mas por dar a voz, o brado revolucionário, numa forma lírica que colocou o negro sentimentalmente nos mesmos patamares que a burguesia escravocrata para quem escrevia. Então, podemos perceber que as imagens poéticas que constrói sobre os negros representam uma tentativa de resistência, que contraria a visão negro/escravo que circula no Brasil Imperial. Representa em sua lira uma África que lamenta tais práticas oriundas de sua irmã América e que faz dos filhos africanos, indivíduos escravizados.

A África é um continente bastante diverso, composto por várias nações e reinos no século XIX. Sua origem remonta desde a Pré-História, onde é atribuído o surgimento da humanidade, que tem seu desenvolvimento com grandes civilizações que se destacaram, dentre elas os egípcios, cuxitas entre outras, que formaram complexas redes sociais e culturais desde a Antiguidade. Com o decorrer dos séculos, a exploração toma outros rumos, principalmente com as navegações na modernidade e, nesse cenário, duas monarquias tem destaque nas chamadas grandes navegações: Portugal e Espanha.

Os africanos tinham um desenvolvimento econômico e cultural em desvantagem se comparado ao dos ocidentais. Não demorou muito para que as relações comerciais se estabelecessem entre africanos e europeus, sendo comercializados, em um primeiro momento, produtos de origem agrícola. Mas, conforme Costa e Silva (1994), algumas sociedades africanas iniciam outro tipo de comércio com embarcadores europeus e brasileiros, era o chamado tráfico de escravos. Tal atividade será muito questionada e combatida nas poesias de Castro Alves, que acabavam representando um instrumento de denúncia contra a condição dos africanos em solo brasileiro.

Vale salientar que a África é composta por uma imensidão territorial, formada por uma diversidade paisagística e por nações que tem influências e pensamentos também diferenciados. Tais condições são vistas, justamente pelo fato de algumas como a Fante, Achanti, entre outras, como informa Costa e Silva (1994) sobre as nações que comercializam os negros com mercadores de escravos brasileiros, nas famosas travessias, em que muitos negros, já na África eram submetidos à escravidão.

Como analisar tais questões? O poeta baiano, talvez não tivesse tantas informações sobre o processo de escravização, já que são pesquisas mais recentes que vem dando outra abordagem sobre esta temática. Notamos ainda a influência marcadamente romântica na sua poesia, apresentando um negro mais dócil e uma África mais humana e menos traiçoeira. Mesmo na perspectiva condoreira ao qual se filia o poeta e como destacou Costa e Silva (2006) que não tinha muitas leituras sobre o continente, fez uma poesia que determinou rumos e olhares no abolicionismo e na própria sociedade que passou a ver a África como Alves a representou em seus versos.

Na leitura de África, em sua poesia Castro Alves, constrói como um espaço de sofrimento, conforme podemos perceber sua definição abaixo:

Ai! dizem: “Lá vai África embuçada
No seu branco albornoz. . .
“ Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu. (ALVES, 2004, p. 112).

As críticas se sobressaem a sua poesia, pois a África não seria um lugar de liberdade, que contrasta com sua leitura em “Saudação a Palmares”, que seria um ambiente de liberdade. Curioso que liberdade para os negros em Alves é em solo brasileiro e não africano. Neste sentido, o fim da escravidão seria também o término do lamento em Vozes D’África, pois não haveria mais sofrimento para os negros se a escravidão fosse extinta no Brasil.

Apresentar a África como um lugar propício a se viver era um desafio, pois ao descrevê-la em seus poemas acabava não fugindo da perspectiva romântica e, assim, traduzindo poeticamente um continente desconhecido e de belezas ímpares, cujas impressões eram apenas voltadas para a escravização dos negros ou trocas comerciais com produtos de origem agrícolas. Diante deste contexto, a África no século XIX, apresentava vários contextos de

acordo com a região em que se detém a observar as movimentações, principalmente com relação às questões de cunho intimamente político.

Por mais conhecida que seja esta mudança, seu verdadeiro significado escapou a inúmeros historiadores. Não se trata da passagem de um comércio “ilegítimo” para um comércio “legítimo”, mas sim de uma transferência fundamental de renda de uma elite aristocrática reinante para o povo. O tráfico de escravos, a principal fonte de renda dos reis, dos chefes militares e de seus conselheiros, só a eles enriquecia. (BOAHEN, 2010, p. 61)

Conforme exposto, independentemente da questão da legalidade ou não do tráfico de escravizados do continente africano, percebe-se que apenas a elite lucrava com este tipo de comércio. Não obstante a esta realidade, do outro lado da costa do atlântica sul, no Brasil, também era a elite que lucrava e mantinha esses laços comerciais de alta lucratividade.

Ainda era a própria aristocracia que usufrui da mão-de-obra trazida como escrava da África em suas propriedades, e assim, construindo economicamente o Império Brasileiro, que se via cada vez mais dependente do tráfico e da exploração dos negros africanos e afrodescendentes.

Castro Alves em sua poesia épica, não abordou tais questões, afinal escrevia para esta mesma sociedade que mantinha o tráfico vivo. Assim, sua poética irá contornar tal perspectiva, focando olhares para a travessia. Mas, em seu texto, evidencia quem faz parte e as nacionalidades que contribuem em sua visão, para com a manutenção da escravidão nos mares.

Notamos que o poeta mais se aproxima dos comerciantes de escravos no século XIX, pois se por um lado, não tratou em sua poesia, como acontecia essa transação comercial no continente africano, por outro apontou poeticamente os agentes nacionais que integravam as forças de manutenção e combate a escravização nos mares, que fazia do Oceano Atlântico, uma travessia para a escravização, do qual acrescentou em seus poema que seria uma tragédia no mar.

Albert Boahen (2010) quando escreve *Tendências e processos na África do século XIX* pesquisa que fez para a UNESCO no livro *História Geral da África: século XIX à década de 1880*, expõe claramente que era comum essa atividade de captura do negro para ser vendido

como escravo e neste sentido como percebemos na citação acima, a lucratividade era da elite neste campo comercial. Mesmo que outras personagens pudessem participar desta “coleta” de negros, a renda era para os reis, chefes militares e conselheiros.

Várias foram as nações africanas que comercializaram com o ocidente os negros na condição de escravizados, a exemplo dos Achanti, conforme Costa e Silva (1994) aponta em sua pesquisa. Então algumas nações se dedicaram a participar do comércio de negros a ser escravizados pelo ocidente, mas, evidentemente, com o passar do fortalecimento destas rotas comerciais, outros produtos foram sendo introduzidos nesta relação, principalmente os de origem agrícola, que serviam também para o abastecimento dos navios quanto ao seu retorno aos seus polos de origem.

O século XIX fora bastante intenso para a África, que se viu envolvida pelo tráfico de negros escravizados e também pelo imperialismo europeu em suas terras, áreas de influências demarcadas territorialmente ou por relações políticas de dependência em relação às economias das potências ocidentais. Neste vislumbro, várias colonizações foram sendo montadas ao longo deste período, umas reforçadas entre os próprios africanos por questões territoriais e disputas políticas pelo poder, outras por invasão pelos exércitos.

Ampliando este debate, não podemos simplesmente estabelecer que neste momento na África era um continente de tribos como muitas literaturas sobre esta questão trata os povos africanos, pois de certo, haviam fortes relações sociais, políticas, econômicas e militares dentro destes “reinos”, povos e ou nações africanas. Nesta perspectiva, é que,

Na África, sempre houve nações, como as definiu Renan: povos unidos pelo sentimento de origem, e língua, história, crenças, desejo de viver em comum e igual vontade de destino. E sempre houve noções que se cristalizaram em estados. Basta lembrar Gana, construída pelos soninquês, e o Mali, com seu núcleo mandinga. Mas o preconceito teima em chamar tribos às nações africanas, sem ter em conta a realidade de que não podem ser tribos grupos humanos de mais de 60 milhões de pessoas, como os hauçás, ou superiores ou semelhantes em número às populações da Bélgica, do Chile e da Suécia, quando não, da Argentina e da Espanha.(COSTA E SILVA, 1994, p. 24)

Colaborando com esta discussão, percebemos uma questão importante, sobre as nações africanas, pois, numericamente sua população era bastante densa, tanto quanto países europeus e sul americanos. Além de evidenciar que muitos “Estados” africanos eram bastante

antigos do ponto de vista cultural. Assim podemos ainda acreditar e citar a exemplo do Egito, Cuxe, dentre outros que são elucidados como nações que se mantiveram ao longo de séculos, desde a formação do povo africano e de certa forma, do planeta, já que acredita-se que tenha sido em solos africanos a origem da humanidade.

Nesta perspectiva, Castro Alves em sua poética, principalmente em *Vozes D'África*, aponta para uma nação única, trata os negros africanos, às vezes, em terras geograficamente distantes, porém com similaridades em sua narrativa, principalmente por traduzir em sua poética a visão de uma terra de sol, desértica, árida e de fonte alimentadora à escravidão. Assim, notamos nos versos:

E nem tenho uma sombra de floresta...
 Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
 Quando subo às Pirâmides do Egito (ALVES, 2004, p. 112)

Essa forma de perceber e escrever se reportando a voz do Continente Africano, nota-se que é reflexo de sua compreensão de um único povo vindo de um mesmo lugar que é a África. Essa dimensão em seus textos mostra sua concepção, a noção de povo é unitária, e o curioso, é que mesmo no século XIX, circulava várias línguas africanas nas ruas, fazendas e casas da elite aristocrata brasileira, de modo que havia contato direto ou indireto com os variados grupos linguísticos, o poeta não faz distinção entre as variáveis, mas equaliza todos os africanos.

Essa ideia de uniformidade que apresenta em seu texto poético, pode advir de sua compreensão de Brasil, como uma nação territorialmente densa, mas que fala-se a Língua Portuguesa e conseqüentemente há uma conexão entre todos os súditos do Império. É algo a se pensar.

Pensar a África com um sentido reducionista e pensar que seja um território de escravos ou de tribos é se equivocar diante das relações que havia e que se moldaram ao longo dos séculos, em que muitas nações se adaptaram as realidades comerciais e com o contato com a cultura ocidental e outras, que resistiram a essa dominação imperialista que o ocidente e em especial a Europa, acabaram condicionando os povos africanos.

Patrik Maning (1988, p. 8) em *Escravidão e mudança social na África*, esclarece que “como resultado dessa nova produção, o comércio de escravos no Atlântico — a principal via de contato entre africanos e europeus da metade do século XVI até o final do XIX — deve

agora ser tratado num contexto substancialmente diferente”. Então, podemos notar com a questão levantada pelo pesquisador é que outros fatores contribuem para o estudo, pois o tratamento a ser dado em seu ponto de vista é diferenciado, já que estes laços comerciais de escravos provocaram mudanças sociais na África.

É neste sentido, que

A interação da demanda do Novo Mundo por escravos com condições domésticas africanas acabou criando condições — bem antes da corrida europeia pela posse de colônias na África no final do século XIX — para que as mudanças sociais fossem largamente disseminadas. Estas mudanças incluíram a expansão e subsequente transformação da poliginia, o desenvolvimento de dois diferentes tipos de escravidão no continente, a criação e subsequente empobrecimento de uma classe de mercadores africanos e a expansão final da escravidão nas décadas anteriores às lutas do final do século XIX. Embora as mudanças mais profundas causadas pela integração do tráfico com as condições locais tivessem ocorrido ao longo da costa ocidental, quase todas as regiões africanas foram influenciadas, num determinado momento, pelo comércio de exportação. (MANNING, 1988, p.12)

Mesmo que seja um dos contatos mais diretos entre a Europa, e a África tenha sido de fato configurada pela escravização dos negros em suas colônias e ou domínios, outras questões têm sido levantadas sobre esse processo de colonização política que se estabeleceu através das rotas do Atlântico. Aponta ainda em sua pesquisa, que durante o século XIX, o tráfico de escravos estava devastando a sociedade africana, numa clara demonstração que a intensificação das relações escravistas estavam comprometendo as gerações futuras que ali estavam, pois, várias nações foram sendo comercializadas por variados motivos, que de certo modo, estava afetando a vida de todas as estruturas sociais da África.

Assim, mudanças sociais, culturais e políticas⁹, acabaram sendo inevitáveis no continente africano, principalmente nas relações que estavam sendo desenhadas pelas nações

⁹ Muitas sociedades ocidentais e importadoras de negros na condição de escravos, tiveram suas mudanças sociais “alteradas” pelo contato com os africanos em seus territórios, pois junto com sua exploração no trabalho, levavam consigo também sua cultura, crença e religiosidade. Mesmo que não sejam reconhecidas suas contribuições neste momento, e até mesmo criminalizadas por exemplo, suas práticas sobreviveram e mantiveram nos terreiros sua fonte de história viva, sua língua e suas crenças preservadas em terras distantes de sua natalidade. Além destas, os conhecimentos médicos dos africanos foram guardados, o saber popular transmitido de geração a geração pelos frequentadores do Candomblé e da Umbanda e nos cultos pelos pais de santo, hoje tidos como babalorixás, tiveram significativas contribuições na guarda das informações das plantas para tratar de suas enfermidades, sobre esta questão, consultar BARBOSA JUNIOR, Ademir. *O livro essencial da Umbanda*. São Paulo: Universo dos livros, 2014.

para com seu povo. O novo modelo de exploração que se monta acaba influenciando em todas as esferas das relações que foram construídas e que vão sendo adaptadas às lógicas do imperialismo europeu, que inaugura assim uma nova fase, diferente das que eram vivenciadas durante as expansões ultramarinas.

Nesse cenário, como Castro Alves irá tratar a África em sua poética, considerando o contexto social em que estava inserido? Vamos mergulhar em seus versos e ver como ele fez uso da imaginação para representar a África que desejava.

2.3 Paisagens da geografia histórico-poética da África em Castro Alves

O mais íntimo de sua alma, impetuosamente apaixonada pela verdade, pelo belo, pelo bem, comunicou sempre com as alturas alpinas do seu gênero por um jacto contínuo dessa lava sagrada, que fazia dos seus lábios uma cratera incendiada em sentimentos sublimes. Aos que não estremecem a esse influxo, não me incumbo de demonstrá-lo. [...] O encanto daquele órgão irresistível, um desses que transfiguram o orador ou o poeta, e fazem pensar no glorioso arauto de Agamenon, imortalizado por Homero, Taltíbios, “semelhante aos deuses pela voz. (BARBOSA, 1953, p. 9)

Abrimos esta sessão com a fala de Ruy Barbosa (1953) referindo-se ao poeta baiano Castro Alves, em seu discurso em 1881, que faz alusão às oratórias gregas e enxerga nele, um mártir na causa contrária a escravidão, com um estilo próprio de urdir seus textos, que fascina pela verdade em que narra poeticamente pelo bem da sociedade brasileira. Nesta perspectiva, acaba incendiando a alma com seu lirismo, sendo comparado e imortalizado tanto quanto o Homero em sua poética.

A fala que imortaliza o poeta advém de sua luta engajada pelo fim da escravidão e pelas discussões que apresenta à sociedade brasileira, com temas que não eram muito palatáveis e aceitáveis nos meios aristocráticos, principalmente ao abordar as questões referentes ao negro e sua busca pela liberdade, numa sociedade que o escravizava. Deste modo, discutir a África num contexto de escravatura, certamente fora um dos maiores desafios para o poeta, que em cidades distintas escreveu poesias que simbolizavam um repúdio ao sistema escravocrata brasileiro. Assim, em 1863 na cidade de Recife, finaliza *Canção do Africano*¹⁰ e publica pela

¹⁰ Apesar de não ser contemplado neste estudo, é importante ressaltar esta primeira noção de África que apresenta neste poema. Inaugura assim, uma visão importante para a literatura referente a África que, até então, havia poucos poetas e prosadores a tratar deste assunto.

primeira vez, segundo Dias Junior (2010), no jornal acadêmico *A Primavera* em 1863, e em junho de 1868 escreve a poesia *Vozes D'África* em São Paulo.

O poeta mostrou em seus textos uma visão divergente daquela que era propagada sobre a África no Brasil no século XIX, principalmente durante a década de 1860, momento auge de sua produção poética. Nas poesias outrora citadas, apresenta vários recursos estilísticos como a metonímia, prosopopeia, personificação, metáforas, entre outras para que o leitor possa entrar em seu universo e notar como o eu lírico expõe romanticamente as paisagens africanas, bem como seus lamentos.

Nesta abordagem, Antônio Candido (1993) discutindo as perspectivas que Castro Alves traz em seus textos poéticos, aponta para uma escolha que o poeta fez em sua poesia, ao trazer o negro na literatura como um herói. Que neste sentido contrasta com a visão de outros poetas a exemplo do José De Alencar cujas poesias mostram o índio como um herói nacional. Castro Alves faz outra abordagem haja vista a luz humanitária, influenciado pelas leituras em Vitor Hugo.

Na poética de Castro Alves, o negro é associado a escravidão e, assim, irá tratar dessa relação em seus versos, posicionando-se contrário a escravização dos negros pela sociedade escravagista. De certo modo, irá criar imagens, que de acordo com sua leitura, representam uma visão que se assemelhava ao que pensava a sociedade no século XIX. Fica evidente com isso que não há como dissociar sua concepção de negro da representação que faz da África, pois ambos eram sinônimos de exploração.

No entanto, fazer uso da linguagem poética para demonstrar uma aversão ao regime escravagista, fora o diferencial diante de tantos outros poetas contemporâneos. Diversas poesias foram escritas em sua curta vida, e neste sentido, é possível encontrar as imagens poéticas que faz da África em: *Vozes D'África*, *Canção do Africano* e *Navio Negreiro*. No entanto, se constituirá como objeto de estudo e análise, nesta sessão discursiva, apenas *Vozes D'África*.

Remetendo-se a construção das imagens sobre o continente africano, Anderson Oliva (2009) em seu estudo aponta que no segundo quartel do século XIX, pouco se sabia sobre o continente americano aqui no Brasil. As imagens criadas foram sempre associadas com a figura do negro na condição de escravo. Devido a esta situação, acreditamos que perdurou essa imagem, pois com o escasso trânsito de informações, a lógica era a escravização dos

negros africanos, além da secularização religiosa que afirmava e até justificava esta condição aos negros¹¹.

O autor acrescenta que a visão de África, muito discutida inclusive nos poemas de Castro Alves, era reproduzida apontando o negro como escravo e vítima de um processo cruel e desumano que,

Mais do que isso, os cenários montados por aqui, de tempos em tempos, eram confusos, imprecisos e romantizados. Um evidente exemplo de tal postura pode ser percebido em alguns dos mais conhecidos escritos de Castro Alves, como “A canção do africano”, “Navio negreiro” e “Vozes d’África”. Mesmo sendo uma figura ilustrada, o poeta, pouco conhecia a região subsaariana do continente, e, ao escrever seus textos importava as imagens construídas pelo orientalismo e pela literatura romântica sobre o norte africano, que nada tinham em comum com os cenários vivenciados nas regiões tocadas pelo tráfico Atlântico. (OLIVA, 2009, p. 7)

Conforme o autor destaca, é notória a influência que a lira de Castro Alves faz ao reafirmar esta imagem que foi criada ao longo do século XIX. Poemas como *Vozes D’África* e *Canção do africano* fazem reflexões nesse sentido e assim, reforçam essa ideia de África associada ao negro/escravo. Neste sentido, a forma como o continente africano é mostrado em seus poemas exerceu uma possível influência na maneira como a sociedade brasileira enxergava as terras africanas. Uma das questões levantadas nesta situação é o pouco conhecimento que o poeta possuía sobre a região subsaariana do continente africano, pois em sua poética irá apresentar uma África influenciada pelo orientalismo, principalmente pela literatura romântica do Norte da África, que nesta lógica se distanciava dos cenários vivenciados pela rota do Atlântico Sul.

No decorrer de suas construções poéticas, percebemos que há uma forte marca dos cenários da região norte africana, que podemos observar na geografia que traz em seus versos, como em:

¹¹ No que tange a esta percepção religiosa, a igreja não se posicionou em um primeiro momento de forma rígida contra a escravidão dos negros africanos. Pelo contrário, através do mito de Cam, muitos danos físicos, psicológicos e culturais foram legitimados pela cristandade, pois imponderado da ótica da salvação para com os filhos de Cam, a escravidão perdurou por muitos séculos com o consentimento das religiosidades cristãs.

Lá no solo onde o cardo apenas medra
 Boceja a Esfinge colossal de pedra
 Fitando o morno céu.
 De Tebas nas colunas derrocadas (ALVES, 2004, p. 112)

Possivelmente uma das finalidades de seus textos era causar maior sensibilidade ao traduzir uma desertificação e cenários livres, enfatizando sempre o sofrimento e vitimização dos negros escravizados. Apesar de Castro Alves em seus versos, apontar como um lugar de liberdade, percebe-se que no processo de escravização não foram tão vítimas assim.

O próprio Alberto da Costa e Silva (2006) em *Imagens da África* aponta que na poética de Castro Alves há uma ampliação no sentido de África para o poeta, que para ele são os cenários da África do Norte, que moldam em seus textos poéticos esta construção. Isto quer dizer que, as paisagens africanas do norte africano serão para Alves toda a África, tendo pouca variação em expressar as diferenciadas geografias do continente.

Em sua poética sobre a África, representa em sentido figurado uma visão sobre o continente africano, reflete ainda uma poesia romântica que se aproxima do realismo, ao tratar a escravidão como tema central, pois o poeta deixa transparecer sua intenção de se revelar como uma espécie de porta-voz da África e assim, de certo modo, relatar em versos as aflições e os anseios de liberdade na outra costa atlântica.

Indiretamente, se torna quase inevitável fazer certas comparações entre os continentes ao lermos suas poesias. Considerado como uma das vozes do continente africano, Alves tece seus lamentos e perdão pelos crimes cometidos. Bom, é uma questão a ser vista, pois quais crimes mesmo a África e o povo africano cometeram? São questões bastante controversas a um poeta da geração condoreira do romantismo.

Nesta perspectiva, Ilca Oliveira (2010) destaca que “a voz desse poeta que entoia um canto de liberdade será ouvida por inúmeros leitores da época e ressoará até a atualidade” (OLIVEIRA, 2010, p. 65). Percebemos que em sua leitura o poeta é um dos mais exaustivos locutores da resistência contra a escravidão dos negros africanos na sociedade brasileira, e seus reflexos são de certo modo, sentidos e percebidos até na atualidade. Nesta perspectiva, destacamos o poema *Vozes D’África* como sendo um dos que constrói essa imagem de África em seu discurso poético, apontando para um lugar de liberdade.

A autora nos apresenta em sua pesquisa um poeta que tonaliza sua poética para um escravizado como sujeito exilado e que neste sentido, sente falta de sua terra natal, que é o continente africano. Onde em suas leituras apresenta como sendo um lugar de liberdade, sendo contraponto assim com a América, que seria o lugar da escravidão.

Pensar que no continente africano haveria uma conformidade de nação como aponta o texto seria ingenuidade nesta análise. Nesta perspectiva, notamos com as pesquisas que Costa e Silva (1994) fizeram, que

O sentimento nacionalista expande-se e se adensa na África do século XIX. Torna-se mais intenso em estados muito antigos, que podiam ter vários séculos de existência, como Ifé, Benim, Oiô, Bornu, Uagadugu, Kano, Katsina, o do monomotapa e o do Angola a, Kiluanje. Afirma-se em novos reinos, que tomaram forma e força sob o estímulo do tráfico de escravos. Como o Achanti, que se encorpou com a produção e o comércio do ouro e da noz de cola, antes de se assentar na venda da escravaria. Como Danxomé, negreiro quase que desde o seu início. Como Jalofo, Fante e Warri, que tendo surgido ou ganhado vigor do tráfico humano, continuaram a crescer, depois, com o mercadejo de dendê, marfim, cera e borracha. (COSTA e SILVA, 1994, p. 5)

Dentro de sua análise, que muitos Estados africanos se tornaram fortes comercializadores de negros escravizados e fizeram deste tipo de comércio sua fonte de renda. Os autores são bem enfáticos ao apontarem os povos das nações Achante, Danxomé, Jalofo, Fante, entre outros, como mercadores de tráfico humano. Ainda dentro desta abordagem feita pelos autores, apontam outras situações no que se refere ao processo de escravização dos negros, pois, não eram os brancos europeus ou ocidentais quem os capturavam para transformá-los em escravos, mas os próprios negros que por motivos diversos faziam deste comércio uma atividade rentável.

De modo analítico, Castro Alves em sua poesia não descreve e não menciona sobre a maneira que os negros eram capturados e sua comercialização. Talvez o posicionamento mais evidente com relação as responsabilidades só aparece, de fato, em *Navio Negreiro*, pois no que se refere ao continente africano o poeta não se posiciona. Podemos compreender que ele poderia não saber ao certo como ocorria a comercialização na costa africana ou tenha preferido não expor esse tipo de transação em seus versos, evitando com isso críticas

negativas sobre a vitimização dos negros escravizados. Sendo assim, aparentemente essa questão fica sem solução, pois de acordo com Costa e Silva (2006), o poeta não possuía muitas informações sobre o continente africano e esse fato possivelmente pode ter comprometido uma visão fidedigna a cerca dos acontecimentos.

As imagens até então, como se tem tratado nesta discussão, são apresentadas como uma África paisagística da região norte e sempre com os negros associados à escravidão. Silvio Romero (1949) aponta em seus estudos que neste período a África e os africanos eram tidos como inferiores, tal ideia era marcadamente influenciada pelos textos vindos da Europa e que reforçava a visão eurocêntrica. Paradoxalmente, neste contexto, entedia que os “mestiços” eram os detentores da construção da verdadeira sociedade brasileira, mas vale salientar que não os vindos e originários do continente africano, mas mesclar os negros africanos com populações estrangeiras, principalmente europeias, fazendo assim desaparecer toda cultura negra africana.

Percebemos como era visto o negro contemporâneo a Castro Alves. Romper com esta ideia de inferioridade deferida ao negro junto com a escravidão nos navios negreiros não era tão simples. Principalmente porque estamos falando de uma sociedade que continuava a escravizar e manter ativo o trabalho dos negros, como mão-de-obra necessária à manutenção da economia nacional.

Com tantas imagens negativas de um povo, como construir uma representação positiva da África e dos africanos? O poeta baiano tinha uma imensidão de obstáculos que vinham desde a falta de informações sobre o continente as poucas leituras que fazia sobre a África. Como Costa e Silva (2006) já aponta em seus estudos, Castro Alves não tinha muitos contatos sobre a África. Então, vamos embarcar na poética de Castro Alves e sua representação sobre a África na década de 1860, especialmente em 1868, no século XIX.

2.4 Versos negros de uma África branca

Certamente, *Vozes D'África*, é um dos únicos na literatura brasileira do século XIX a tratar de um tema tão incomum que é a África. Talvez pela escassez de conhecimento ou mesmo importância que era dado a esse continente naquele momento, considerando que ele não foi muito explorado a partir de outras perspectivas, apenas a relação econômica fora destacada pelo menos neste período.

A imagem mostrada na poesia nos traz realmente a cena de uma África em uma relação exclusivamente escravista e de unidade negra. Então, não devemos falar em África, mas em "Áfricas", devido a construção de várias nações que foram incorporadas no Brasil. No entanto, esta padronização de África que notamos na poética de Castro Alves, advém de sua visão eurocêntrica de África conforme destaca Oliva (2009), que corrobora ainda acrescentando que as imagens que circulavam sobre os africanos eram sempre depreciativas e associadas à escravização.

Com uma sociedade patriarcal e com influências marcadamente europeias não houve preocupação ou mesmo informação para uma apropriação de conhecimentos sobre a África, mas ao que tudo indica apenas prevalecia a visão da elite da época, que era a percepção de uma África condenada às hordas da escravidão. Neste sentido, percebemos que Romero (1949), já destaca essas questões e a busca de uma miscigenação dos negros africanos com outras nações, principalmente europeias, para que possa miscigenar e formar de fato uma sociedade brasileira distanciada das matrizes étnicas africanas.

Então, o que pensar sobre o quadro das etnias africanas neste contexto? Como entender a África como um lugar de paz e esperança, um retorno aguardado aos escravizados aqui no Brasil? São questões dentre tantas outras, que surgem na medida em que as informações são desconstruídas sobre o desconhecido. Por mais significativas que fossem as leituras, as informações são sempre insuficientes sobre a temática, mas podia-se imaginar como seria viver no continente além-mar.

O poeta, certamente, se coloca na posição do escravizado e projeta uma idealização do que seria a África, e em sua redação deposita uma carga ideológica da elite, perpassando em seus versos e rimas uma leitura europeizada da África. Ainda temos a presença dos traços cristãos que de certo modo fica claro em sua redação como se todos os negros seguissem a cristandade, de certo, aproximavam pelos menos religiosamente os brancos e pretos.

No entanto tais associações podem nos revelar também a carência de informações sobre suas religiosidades e assim, como se os negros fossem todos cristãos, sua poesia começa:

Deus! ó Deus! onde estás que não respondes?
Em que mundo, em qu'estrela tu t'escondes
Embuçado nos céus?
Há dois mil anos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...

Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometeu tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia
— Infinito: galé!...
Por abutre — me deste o sol candente,
E a terra de Suez — foi a corrente
Que me ligaste ao pé... (ALVES, 2004. p. 99)

Romper com a ideia cristã não é fácil; principalmente quando se está num país, considerando o contexto histórico da época, em que a maioria é cristão-católico. Desembarcar em outras perspectivas poderia não ser bem aceito pela sociedade, justamente por conter elementos indesejáveis para Igreja.

Paschoal Rangel (1984) aponta em seus estudos que Castro Alves não era tão religioso, mas a religiosidade romântica deixou marcas profundas em sua poética. Tal situação é visível em sua poesia, pois, deixa sempre a África na posição de pedinte de socorro a um Deus que não lhe pertence. Enfatizamos esse fato porque as várias nações africanas cultuam outras divindades que são chamadas de Orixás.

Diante desta sociedade em que estava inserido o poeta, não se podia tocar num assunto tão delicado como são as manifestações religiosas de matriz africana. Neste sentido, cremos que o poeta optou por adotar o processo de cristianização em sua poética, de forma a mostrar como se fosse o único Deus a ser cultuado e pela temporalidade que apresenta em sua poesia, bastante tempo.

O poeta coloca a África na condição de irmã pobre e sofredora entre os outros continentes, e as vozes que clamam por justiça, atenção e também respeito é a própria África traduzida nos versos, que percebemos bem quando ele trata alusivamente em,

[...]
Minhas irmãs são belas, são ditosas...
Dorme a Ásia nas sombras voluptuosas
Dos haréns do Sultão.
Ou no dorso dos brancos elefantes
Embala-se coberta de brilhantes
Nas plagas do Hindustão.

Por tenda tem os cimos do Himalaia...
Ganges amoroso beija a praia
Coberta de corais ...
A brisa de Misora o céu inflama;

E ela dorme nos templos do Deus Brama,
— Pagodes colossais...

A Europa é sempre Europa, a gloriosa!...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
Rainha e cortesã.
Artista — corta o mármore de Carrara;
Poetisa — tange os hinos de Ferrara,
No glorioso afã!...

Sempre a láurea lhe cabe no litúgio...
Ora uma c'roa, ora o barrete frígio
Enflora-lhe a cerviz.
Universo após ela — doudo amante
Segue cativo o passo delirante
Da grande meretriz. (ALVES, 2004. p. 100)

Nos versos iniciais do poema citado acima, destaca a Ásia como um continente e irmã de muitas voluptuosidades e cheios de atrativos, assim apresenta possibilidades de um desbravamento e reconhecimento de um continente "abençoado" por tantas belezas. É inegável que seu conhecimento geográfico conduziu a versos que buscam destacar os atrativos naturais da irmã Ásia, como assim deseja o poeta ao imprimir as "Vozes D'África", como ela mesma veria os outros continentes com suas relações e tratamento com seus habitantes.

Passa por alguns pontos estratégicos naturais do continente asiático conforme focado nos versos acima iniciados, que podemos identificar nos países da China, Índia, Arábia, Hindustão entre outros que podem ser relacionados. O poeta poderia ter explorado outras magnitudes naturais, no entanto, estas foram suas escolhas.

Cabe também destacar nesse momento, as relações de trocas tradicionais, pois na Índia dentre todas as castas ele enfoca apenas a dominante, a Brâmane. Diante desta situação, pode até não ser uma forma dominante de se ver, mas não esqueçamos a educação brasileira construída para elite e o poeta fazia parte dela, mesmo que em muitos aspectos, se posicione contrário ao habitual comum.

Talvez a estratégia de expor as qualidades naturais tenha sentido, na maneira de como a elite via também estes documentos e ao mesmo, frisar em sua poesia que não havia escravizados ou escravização de seres humanos na Ásia. Castro Alves nesse sentido nos apresenta em sua poesia, uma Ásia onde a liberdade é partilhada por todos, contrapondo

assim, com a representação que faz da África nos versos deste poema. Onde mesmo sendo irmãs apresentam condições diferentes, principalmente pelos africanos serem os escravizados.

Mas quanto a irmã rica Europa? O que dizer deste continente fascinador para a cultura brasileira marcadamente influenciada pelos ingleses e franceses no modo de ser e pensar? Gloriosa assim define-a nos versos que seguem. Entretanto, destaca em sua visão como sendo uma rainha e cortesã. São palavras bem dicotômicas para uma definição. Mas, observamos neste momento outra percepção do que seja a Europa: mesmo com toda finesse era uma cortesã.

A definição se refere a voz da África sobre suas irmãs nos versos do poeta, mas como ela mesma se observara neste contexto? Vejamos:

Mas eu, Senhor!... Eu triste abandonada
Em meio das areias esgarrada,
Perdida marchando em vão!
Se choro... bebo o pranto a areia ardente;
talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente!
Não descubras no chão... (ALVES, 2004. p. 100-101)

É característica de sua poética colocar como vítima e como insuperável a condição em que se representa a África, sendo necessária uma força divina para intervir em tal contexto, contudo os próprios negros africanos permaneciam nessa peleja. Inicialmente notamos a presença dos laços indestrutíveis com a cristandade. Neste enfoque acreditamos também que seja um recurso para ter como aliada toda a sociedade.

Não há conhecimento ou não se deseja expor outras formas de religiosidade, principalmente às africanas que já são tão combatidas pelos cristãos, por estarem associadas às práticas demoníacas. De repente, esta ideia também marca o posicionamento do poeta em relação a esta questão, por não abordar ou não citar.

Nas suas leituras, é como se toda a África fosse cristã e assim se tornava mais próxima dos demais continentes, onde nos versos são tratadas como irmãs. Mas, no caso da África é uma irmã abandonada. A cerca desse fato surge os seguintes questionamentos: abandonada por quem? Pelos homens? Por Deus?

Diferentemente das representações que faz da Ásia e Europa, que destaca seus pontos geográficos naturais, na África já destaca sua condição de inferioridade, já na estrofe inicial,

percebe-se que apenas as mazelas serão enfocadas e de certo, suas belezas serão reduzidas ou não citadas.

Jorge Amado (1941) percebia em Castro Alves uma forma forte e imponente de lutar contra as injustiças, do qual o comparou com um tufão. Acrescenta que a forma como se propõe a discutir determinados temas que não eram tão aceitos pela sociedade brasileira mostrava-se timidamente e sua voz, através de sua poesia, soava como uma leve brisa.

Abordar a África num contexto em que as imagens que circulavam estavam marcadamente associadas a escravidão era desconfortável e entristecedor. Tais inconformidades passam também pela visão de exclusão que se via no continente africano, já que suas imagens eram também reforçadas pelas mitologias cristãs, principalmente a que se baseia no mito de Cam¹².

Quais as imagens que Castro Alves tinha contato? Como pensava a sociedade em que o poeta escrevia? Anderson Oliva (2009) disserta que as imagens sobre a África eram geralmente associadas a escravidão, e portanto, negro era escravo. Uma visão que perdurou e de certa forma, colabora com outros pensamentos como os de Romero (1949) que expõe a exclusão que a sociedade brasileira desejava para com os negros, inclusive miscigenar.

Tais abordagens nos mostra um momento muito conturbado, marcado por ideologias políticas contrárias a presença do negro na sociedade sobre possíveis discussões no tocante a África. Em seu texto poético, Castro Alves propõe outro olhar sobre estas práticas, provocando a sociedade que pudesse discutir a inversão de valores cristãos na exploração do negro, pois para o poeta, o negro é um ser humano e por também ser dotado de cristandade, a compaixão deveria ser um dos sentimentos que norteariam todas as práticas dos cristãos.

A visão excludente reforça o conceito de África como pobre, talvez fosse essa a mesma ideia que se tinha sobre o continente no Brasil. Na poesia, a cristandade funcionara também como elo de sofrer e se salvar, além de reproduzir em versos um conhecimento muito paupérrimo que poderia ser apenas o disponível no memento no século XIX.

¹² Sobre a origem raciológica que trata desta perspectiva de Cam, consultar BOSI, A. “Sob o signo de Cam”. In: NOVAES, A. (Org.). *Dialética da colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.246-272.

Castro Alves, divergindo da descrição dos outros continentes que fora chamado como irmãos, irá iniciar o texto enfocando suas tragédias e dores, conforme observamos na estrofe seguinte, que é uma construção típica da estética romântica:

E nem tenho uma sombra de floresta...
 Para cobrir-me nem um templo resta
 No solo abrasador...
 Quando subo às Pirâmides do Egito
 Embalde aos quatro céus chorando grito:
 "Abriga-me, Senhor!..."

Como o profeta em cinza a fronte envolve,
 Velo a cabeça no areal que volve
 O siroco feroz...
 Quando eu passo no Saara amortalhada...
 Ai! dizem: "Lá vai África embuçada
 No seu branco albornoz..." (ALVES, 2004, p. 101)

Assim, em sua representação o autor tenta convencer o leitor a percorrer junto com seus versos às palavras de sofrer e não desistir diante da situação degradante. O processo de vitimização é notável, principalmente porque a cultura cristã é uma cultura eminentemente de sofrer. Além disso, o poeta revela sua impotência em poder combater tal realidade. Seriam necessárias forças externas para mudar tal situação. Diante desta situação, observamos os valores de uma elite conservadora, mesmo perante uma redação de cunho libertador.

Nesta primeira estrofe citada acima, nota-se a menção das Pirâmides do Egito, mas não como uma beleza arquitetônica criada pelo homem, e sim como um lugar para o pranto e o lamento, um espaço onde será necessário o abraço do "Senhor", numa proteção de uma abandonada.

Costa e Silva (2006) em *Imagens da África* evidenciam algumas posições poéticas que Castro Alves faz em seus versos. Pois, segundo o autor, apresentam um lugar uniforme e com características da parte norte africana. Tal percepção pode ser verificada na própria poesia quando se refere ao Egito, por exemplo. Um percentual elevado de africanos importados para os portos brasileiros era oriundo desta parte da África, da qual Castro Alves faz referências em sua poesia. Diante deste contexto, não há uma ligação efetiva da rota no Atlântico Sul, por exemplo, mesmo que haja relações, pois o continente africano é diverso.

As diversas nações se constituem em línguas diferentes, e é importante falar em “Áfricas” no plural, já que muitas geografias apresentam paisagens diversas, quer seja do ponto de vista cultural ou social.

A própria palavra "mortalha" nos fornece a ideia de que estaria morrendo, afinal as mortalhas são para os moribundos. Ainda acrescenta em sua análise que,

Nem vêem que o deserto é meu sudário,
Que o silêncio campeia solitário
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra
Boceja a Esfinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Tebas nas colunas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim ...
Onde branqueia a caravana errante,
E o camelo monótono, arquejante
Que desce de Efraim (ALVES, 2004, p.101)
.....

O deserto é destacado com frequência em seus versos. Será por que a geografia causa sofrimento? Ou adota-o como sendo uma representação de sua dor? Ou mesmo a única fonte de informação que tinha sobre a África? São questões que surgem diante das comparações que aparecem em suas poesias.

Assim, apresenta o deserto como sendo seu sofrimento associando-o com o sudário, uma relíquia cristã sagrada. Vale ainda destacar a palavra arquejante, que pode perfeitamente ser remetida a cambaleante, condição de extrema necessidade nutricional biológica a qual o animal (camelo) é representado.

Neste contexto, destaca as esfinges, que com seus enigmas fascinam na mitologia egípcia e também a cidade de Tebas, sempre importante e imponente no Egito. Cada apelo que é escrito nos versos é revestido pela luta contra a escravidão e, por mais que tentasse as vozes pareciam tímidas, mas na poesia *Vozes D'África* encontramos uma expressão plurissignificativa de um poeta, e suas representações sobre o continente africano:

Não basta inda de dor, ó Deus terrível?!
 É, pois, teu peito eterno, inexaurível
 De vingança e rancor?...
 E que é que fiz, Senhor? que torvo crime
 Eu cometi jamais que assim me oprime
 Teu gládio vingador?!

.....

Foi depois do dilúvio... um viadante,
 Negro, sombrio, pálido, arquejante,
 Descia do Arará...
 E eu disse ao peregrino fulminado:
 "Cam! ... serás meu esposo bem-amado...
 — Serei tua Eloá. . ." (ALVES, 2004, p.102)

Na busca pela tentativa de ter uma justificativa para a situação em que está, e também na busca de uma culpabilidade, o Deus cristão, é indagado, dos reais motivos da punição em tanto sofrimento que vive, o poeta remete ao mito de Cam, que Alfredo Bosi (1992) em seu texto *Sob o Signo de Cam* aponta alguns questionamentos com relação a visão que Castro Alves demonstra em sua poesia, principalmente ao apontar ou mesmo justificar a escravidão como sendo original e que descende de Cam, remetendo a concepção Bíblica cristã, sobre a origem desse cativo, apoiado no Livro de Gênesis. Esta visão também é fruto do próprio contexto que Castro Alves estava inserido e que favorecia esta leitura, pois

O velho mito serviu então ao novo pensamento mercantil, que o alegava para justificar o tráfico negro, e ao discurso salvacionista, que via na escravidão um meio de catequizar populações antes entregues ao fetichismo ou ao domínio do Islão. (BOSI, 1992, p.258).

Assim, seguindo essa percepção mercadológica que o capitalismo trazia consigo o poeta não pode se livrar desta posição e acaba contribuindo para reforçar esta visão sobre a escravidão e a legitimação do processo de escravização dos negros africanos. Neste sentido, seria uma salvação aquilo que os comerciantes, traficantes, escravocratas faziam com os negros, pois representava uma punição para com os descendentes de Cam.

Alfredo Bosi (1992) faz inferências no sentido da incorporação desta visão mítica cristã na poesia e que aponta a escravidão como sendo reflexo de uma punição imutável, onde o povo africano será negro e será escravo. Era o suficiente para entender a lógica de um sistema que via no comércio formas de lucrar com a escravização dos negros africanos.

O autor não concorda muito com o posicionamento que o poeta adota em sua poesia, pois, traz uma carga de justificação de um pecado original, onde os africanos e a própria África são conscientes de sua condição, principalmente, porque neste texto poético, expõe a voz da África sendo lida por uma redação branca.

Outra questão observada é o processo de catequização dos africanos, pois outrora conforme afirma, era deixado que outras denominações fizessem as devidas instruções espirituais. Neste sentido, catequizar seria também uma forma de salvar os negros deste pecado que fora atribuído a cor de sua pele.

Em questões anteriores já mencionadas e abordadas na discussão deste poema, Paschoal Rangel (1984) já aponta para o desprendimento da religiosidade em Castro Alves, mas são evidentes suas marcas e leituras que faz da cristandade ao atribuir a África essa carga romântica em enxergar o continente. Percebe-se que sempre o associa a Deus, seria uma crítica ao não atendimento dos pedidos que são feitos?

Para a África, neste sentido, é atribuído o mito de Cam, então há uma punição original e por isso Deus não atenderia seus pedidos já que era naturalmente uma condição a ser punida, que justificaria ao olhar da sociedade a escravização dos negros africanos. Castro Alves pensa e age diferente, não concorda com tal visão, pois para ele, o escravo era sempre a vítima e nunca o agente propulsor de qualquer levante ou mudança. Então, só resta ao escravizado esperar pelas providências divinas?

Porque apenas a África estar de posse de um lamento triste e solidário, seria um carma, nesse caso? Como construir relações de independência se a posição geográfica não colabora para o bom desempenho e mesmo se contribuísse, não iria surtir muito efeito, já que os versos expõem as fragilidades e vitimização da África.

Qual foi o crime cometido para que tais atitudes vis e traiçoeiras viessem a acontecer com a África, já que foram destacadas as virtudes de suas irmãs continentais asiática e europeia? É uma ótima indagação que vai de encontro com a Geografia e a localização, pois na África pobre e composta por um povo sofredor não tinha bons fatos para se vangloriar.

Mesmo com as aproximações com as passagens bíblicas para justificar sua peleja, não vê como uma possibilidade de ascensão. Mas, como uma maneira de informar analogicamente como é justificável a situação de amargura. Não é assegurado a quem lê os versos desta poesia a capacidade de entender outro viés se não o cristão, talvez o desconhecimento sobre as

religiosidades de matriz africana ou mesmo intencionalmente poderiam causar estranheza a quem lesse sua poesia. Afinal, seus textos poéticos eram escritos a uma elite que limitava a inserção de discussões sobre o negro e o que o relacionava, deste modo a África também não era objeto dos debates.

Os fragmentos da poesia *Vozes D'África* nos revelam essa perspectiva em dar vozes aos exilados sociais marcados pela cor e pela origem, pois em situações adversas a Ásia, por exemplo, não é observada tantas explorações como com a irmã sofredora. Neste sentido, ainda vale destacar que é citado o sistema de castas indianas e, sua consequente harmonia, mesmo que não comprovada, além de fazer menção indiretamente ao Deus Brama. A mesma situação não acontece com os negros, pois dentro de sua poesia não é citado e nem mesmo passa por perto qualquer relação com os orixás.

Deste modo, aparece como um lugar estigmatizado pela dor e assim como Cristo sofreu no seu percurso aqui neste plano terreno, a África passa tais pelejas e é justificável no cristianismo, porque ela é cristã, todos os lamentos e dores. Nos versos que seguem, observamos mais enfaticamente está relação e suas implicações no dia a dia do berço da civilização dos negros (as) transladados para a América, onde,

Desde este dia o vento da desgraça
Por meus cabelos ululando passa
O anátema cruel.
As tribos erram do areal nas vagas,
E o nômade faminto corta as plagas
No rápido corcel.

Vi a ciência desertar do Egito...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição.
Depois vi minha prole desgraçada
Pelas garras d'Europa — arrebatada —
Amestrado falcão! ...

Cristo! embalde morreste sobre um monte
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original.
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimária do universo,
Eu — pasto universal... (ALVES, 2004, p.102)

Percebemos como sua voz era representada em versos que lamentavam as tragédias que vivenciavam o território africano, e suas leituras sobressaem pela tristeza dessa excomunhão

que os negros passam e sofrem em suas terras por não mais terem suas vidas que tanto preconizavam pela liberdade. Dos vários povos que ali habitavam ou moravam no continente africano, os versos enfocam suas belezas e ações de civilizações que fizeram e destacaram na África, mas ao que tudo indica hoje parecem ser esquecidas ou ignoradas pelas outras irmãs e pelo escravizador.

Mesmo as civilizações que estavam como a egípcia, por exemplo, onde a Ciência brotara, vira também povos que apenas caminharam nos solos a passos lentos, como os judeus. No entanto, a Europa com sua ânsia imperialista e conquistadora, transformara todas as belezas e conquistas em sua propriedade, que faz da África um lugar vazio, mas não era. A possível tentativa do poeta em ressaltar tanta importância que tivera ao longo dos anos, só reforça o desejo da África ser vista e ser reconhecida pelas outras irmãs, que a classificava como sendo traidora pelos versos do poeta.

Em todo o caso, faz sentido quando a estrutura das mentalidades e pensamento sobre a África versavam apenas pelo cunho econômico e pela incoerente justificação cristã que respaldava a escravização dos negros no Brasil, mesmo ela em alguns casos tivesse grupos contrários a esta prática. Neste caso, a Europa é apontada como uma das aves que com suas garras a qual cita em seus versos contribuiu para que o povo africano viesse a sucumbir e assim, a ciência em que vira nascer morreria com sua dignidade? Os valores, lutas e ideais desapareceram nas garras europeias?

São questionamentos que podem ser feitos a partir dos versos em que o poeta nos faz refletir, e assim, também toda a sociedade tradicional brasileira que como a Europa também escravizava os negros (as), que neste caso, o poeta quer trazer toda sua humanidade e aproximar de todos, apresentando as dores, lamentos e glórias de uma África, até então devorada pelos conquistadores, que com o alcinho cristão desejam levar uma boa nova na base do chicote.

A cristandade é tão recorrente em seus poemas e neste em específico que na última estrofe deste texto enfocado acima, nota-se marcadamente a presença de Cristo, mas questões emergem a partir deste, como que Cristo os católicos se referem? O Cristo é apenas sofrimento ou as leituras feitas sobre eles justificaram a escravização não só dos negros (as) mas da própria África? Até que ponto a cristianização foi benéfica para a própria visão de escravidão que o poeta urdiu em seus textos poéticos?

Notadamente, são questões que merecem reflexões bem apuradas, pois estamos falando de um povo que ao vir para o Brasil tiveram que deixar suas práticas culturais e religiosas muitas vezes de lado, já que não eram permitidas suas práticas, pois agora estavam em solo de um país eminentemente cristão de fé católica. Será que o próprio poeta ao escrever tinha a noção que os cristãos que escravizavam eram para quem escrevia suas poesias?

Nestas duas últimas estrofes, é dedicado a tratar das relações da África com a América, a qual chama de irmã traidora, que diante sofrimento visto e relatado pela voz africana, ela a América continua a explorar como um abutre, e

Hoje em meu sangue a América se nutre
Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão,
Ela juntou-se às mais... irmã traidora
Qual de José os vis irmãos outrora
Venderam seu irmão. (ALVES, 2004. p.103)

Conforme citado nos versos iniciais, certamente a atenção é para com o uso da escravização dos negros no Brasil, que preferiu chamar e estender as discussões de América, já que se trata de um diálogo entre as irmãs: Ásia, Europa, África e América, sob o olhar e prisma africano, onde quem nos fala é a própria África. O sangue africano corre nas terras americanas, pois com a exploração negra com mão de obra, nada mais justo perceber a que dentre todas as outras irmãs traidora, é a única a também conservar a escravidão negra.

O símbolo da América sempre foi associada a um condor, ave de rapina livre que representa essa liberdade para todos os habitantes, quer seja nas ideias, política ou mesmo no campo social, no entanto, esse condor vê seus irmãos serem consumidos pela exploração e diante desta situação aponta a ave da liberdade como um abutre, que vive da carne morta de outros animais.

É evidente que o poeta quis associar com a situação degradante em que os negros estão condicionados no Brasil, que consome as forças nutricionais dos afrodescendentes tanto que compara com o abutre, acreditando provocar uma discussão na sociedade sobre as práticas tomadas até então. Ainda é bastante contundente ao apontar como sendo uma ave da escravidão, e tal verdade, porque um condor que pregoava liberdade era na verdade uma escravização, que legitimava tal condição periclitante e nada fazia para mudar a situação.

Aponta uma união com as irmãs traidoras, referência aos outros continentes do qual não ouvia seus lamentos e os dias de terror que em suas terras eram sentido. Os lamentos tão

escritos nos versos neste poema tendem a ilustrar a não ação das irmãs que com suas belezas gozavam de independência, já a "sofredora" África, termo usado pelo poeta, era explorada e a irmã América um abutre, que consumia toda a vitalidade com a escravização dos negros.

A associação com a figura de José, que fora comercializado nas passagens bíblicas, que é válida a analogia, uma vez que nos termos do poema observamos a inércia das irmãs com relação a escravidão dos negros e assim como nas passagens bíblicas de José, a África fora explorada e comercializada por suas irmãs.

Outras passagens em sua poética também são percebidas, pois usa deste recurso para aproximar o leitor com o sagrado e remete tal discussão sobre o mito raciológico de Cam, onde aponta segundo Alfredo Bossi (1992) uma relação de culpa e justificação africana pela escravidão, onde o autor questiona este posicionamento, como se fosse predefinida um pecado original em que não poderia escapar de tal situação e que seria condicionado aos negros.

Aliado a esta questão, Joaquim Nabuco (1977) já chamava atenção, pois a inoperância da igreja católica para com os negros fazia com que, a aristocracia se baseasse em mitos cristãos, assim, os negros como frutos desta punição de Deus poderiam ser escravizados. Até que ponto o alto clero no Brasil se posicionou contrário a escravidão?

Refletindo sobre a questão como um todo em sua poética, é nítida a intenção do poeta em causar um impacto reflexivo sobre as ações que estavam sendo condicionada a escravização dos negros por suas irmãs, como chamou-a. Claro que merece algumas reflexões às licenças poéticas que o autor faz em suas comparações e analogias, mas é certo, que na busca de se posicionar contra a escravização, então romanticamente sensibilizar a sociedade para com a condição do negro no Brasil.

Neste sentido, aponta poeticamente nos versos a seguir a relação com o sagrado, culpa e lamento:

Basta, Senhor! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus!
Há dois mil anos eu soluço um grito...
escuta o brado meu lá no infinito,
Meu Deus! Senhor, meu Deus!!... (ALVES, 2004. p. 103)

Conforme citação acima e temática já enfocada neste poema, sempre os versos trazem uma carga religiosa, justamente para um continente que praticamente não conhecia a

cristandade. É claro que não exigiria do autor tal conhecimento desta complexidade, pois neste período do século XIX, pouco se sabia da África e portanto, apenas os relatos e as transmissões orais fizeram parte da construção do que seria a África no Oitocentos.

No entanto, é clara a relação de culpa que se aponta para a África de um pecado original conforme já enfocado nos versos e mais notadamente agora, quando expõe estes crimes que cometeram. Mas a questão é irremediavelmente necessária agora. Que crime cometera de tão grave que precisa ser escravizada? Que crime tão horrendo esse que justifica a escravização e nela toda uma exploração intelectual, cultura e social para com a África?

Encerra esta última estrofe rogando ajuda a Deus. Muito sábio, ao tentar persuadir o leitor com a necessidade de compaixão da situação que os negros ali estavam, mas que neste poema foi traduzida pelas vozes da própria África, tanto que a poesia é “Vozes D’África”, que decerto representa Ela e todo um conjunto de seres humanos explorados pelos demais continentes.

Notamos em seu texto uma crítica não direta a igreja, pois em nenhum momento é feita uma súplica direta a Igreja Católica. Dizemos isso em virtude do poder e importância que tem a instituição e, no entanto, Castro Alves simplesmente não cita, logo ela que detinha o poder temporal e ligação direta com o sagrado.

Acreditamos que devido a falta de empenho na luta contra a escravidão como um todo, tenha o influenciado para que não a expusesse. Joaquim Nabuco (1977) ao discutir sobre esta questão aponta a vergonhosa participação da igreja nesse momento e percebe que em “nenhum padre tentou nunca impedir um leilão de escravos, nem condenou o regime religioso das senzalas” (NABUCO, 1977, p. 67).

Assim, observamos como os versos que são escritos tem toda uma carga ideológica que ao nosso olhar contribuíram até para discutir a África. Não era uma temática muito fácil, se propor numa sociedade cujos braços eram sustentados pelo sangue e suor negro e assim era construída a economia brasileira. Para o poeta, é um continente uniforme e se aproxima dos cenários representados na Europa. Os desertos, imagens empobrecidas convalescem os negros no continente e ao mesmo, reforçam a ideia de piedade que tenta transmitir.

Neste poema fica evidenciada a visão que Castro Alves imprime em sua poética como sendo um continente de saudosismo e na voz da África expõe uma mãe que sofre pelo destino que reserva aos seus filhos africanos. Mas, antes da chegada ao outro lado do Atlântico Sul, a

travessia aguarda um caminho cruel sobre o mar. Vamos embarcar neste drama e poeticamente conhecer mais esta tragédia no mar em *O Navio Negreiro*.

3 NAVEGANDO SOBRE UM OCEANO DE ESCRAVIZAÇÃO: "O NAVIO NEGREIRO" E AS TRAVESSIAS TRANSATLÂNTICAS

3.1. Nas naus da poesia: *O Navio Negreiro* em verso e rima

Um poema épico em que deixa Castro Alves como sendo um dos mais famosos poetas da literatura brasileira, reconhecido por toda a sociedade e intelectuais da sua contemporaneidade. Diante desta situação, Bárbara Araújo (2011) destaca em sua pesquisa que *Navio Negreiro: tragédia no mar (1868)*, é apontado pela tradição histórica e literária como um drama épico, onde são narrados poeticamente a travessia em um navio no Oceano Atlântico de negros africanos para os portos do Brasil.

Nessa perspectiva, Alex Fogal (2011) argumenta em seu estudo que o poeta escreve o poema e o divide em seis partes. Devido a sua importância nesse contexto, é considerado pela tradição histórica e literária como o “Poeta dos escravos ou Poeta da abolição”, devido as suas poesias de cunho revolucionário. Neste sentido, Castro Alves consegue notoriedade e popularidade, pois ser estimado é algo importante, pois, sempre assumiu essa bandeira de luta ao se posicionar contrário a escravidão.

Diante de toda essa pompa aqui apresentada percebemos que é um poema épico escrito em onze estrofes todas compostas por quartetos, apresenta ainda dois versos decassílabos rimados, na primeira parte do poema, que muitas das vezes são suprimidas alguns termos ou letras de seus versos. Ainda o poema está dividido em seis partes, sendo a 4ª parte a mais conhecida e popularizada, por justamente apresentar todo o deleito da travessia ao qual representa nesta poesia.

Na segunda parte do poema, Castro Alves escreve em quatro estrofes compostas por décima de redondilhas maior, compostas por rimas alternadas. Na terceira parte do poema é uma estrofe composta por uma Sextilha com versos dodecassílabos. Já na quarta parte são escritas seis estrofes com seis sextilhas. Na quinta parte do poema, escreve em nove estrofes composta por décima de redondilha maior com rimas variadas. Na sexta e última parte, escreve três estrofes compostas por oitavas, conforme nos informa Santos Neto (2007).

Sobre a sua poética no "Navio Negreiro" temos uma visão geral da formatação poética que Castro Alves fez em seu poema épico, que discute a travessia em sua poética, onde ao dividir em seis partes, apresenta aos leitores e ouvintes sua tragédia no mar.

Castro Alves escreve em seus versos como via os porões, ou seja, a parte inferior dos navios negreiros em seu poema épico *Navio Negreiro*:

Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o sono sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar... (ALVES, 2004, p.92)

Diante da estrofe acima, percebemos que tenta deixar claras as condições de habitações que os escravizados passavam no transporte da África para o Brasil. Travessia cuja crueldade não tinha limites e era necessário retratar as pessoas da sociedade como eram estas condições.

A ousadia do poeta é considerada como rebeldia, pois coloca em cheque como os cristãos se comportavam diante deste sistema de escravidão. Marcus Rediker (2011) em suas discussões aponta como eram estes porões através das leituras que um pintor da Marinha Britânica que ocularmente descreveu tal situação, conforme já tratado aqui.

O poeta em seus versos quando diz em seus versos que era *infecto, apertado, imundo* nos remete justamente a visão de um ambiente que não era propício para que fossem transportadas pessoas. De certo, o poeta quis denunciar a insalubridade, tanto que cita infecto e acrescenta imundo para realçar ainda mais a zona de alta periculosidade de se estar num ambiente como era aquele.

Em o *Navio Negreiro*, enfoca decididamente como estas embarcações contribuíram para a perda da saúde e de vida dos escravizados durante as travessias, pois mesmo tendo os porões fundos e negros como ele mesmo destaca nesta estrofe, dá uma dimensão de grande espaço, e nos versos seguintes observamos que mesmo sendo amplo era um ambiente insalubre.

Tanto que nos versos que seguem a estrofe o poeta deixa claro que estes porões não eram acomodações que permitiam a vida, mas tinham a morte como companheira. A este sentido escreve nos versos e *o sono sempre cortado/ Pelo arranco de um finado*, onde a noite,

certamente, na escuridão muitos partiam e com o último suspiro o sono era ceifado, pois tinham que auxiliar no *pós-morte*.

Dessa forma, o poeta mostra as condições que eram dadas aos negros ao embarcarem contra suas vontades nos navios que lá estavam para transportá-los. Nesta perspectiva, podemos ainda perceber que não era um bom negócio que se perdessem, pois, alguém iria pagar tais prejuízos aos financiadores da travessia pelos Tumbeiros.

No entanto, esta visão mesmo sendo capitalista, não era suficiente e muitos cativos não chegavam ao destino final, pois a viagem era longa e a alimentação, acomodação e tratamento não contribuíam para que de fato todos os negros chegassem ao porto na costa brasileira. Certamente, esta estrofe é uma das mais geniais da literatura brasileira, por justamente apresentar aos leitores e ouvintes uma ideia de como seria estes porões que eram as acomodações dos cativos da África ao Brasil.

Quando as vidas iam partindo como a noite, o que era feito com os corpos dos falecidos? O poeta nesta mesma estrofe apresenta uma questão importante, e talvez a única neste caso a ser tomada: *E o baque de um corpo ao mar...* Então, Castro Alves versifica que os corpos eram jogados ao mar, uma espécie de banquete. Isto nos remete também a outra leitura nas palavras do poeta, pois já que menciona que é um banquete, e banquete dá uma ideia de comida farta, isto nos remete que muitos eram os que foram jogados ao mar.

O próprio poeta já prepara o leitor expondo que as condições não eram de vida nas embarcações de modo que não restava outra possibilidade para algumas pessoas que não aguentavam a travessia se não a morte. Já que como cita também nessa estrofe que era infecto, então havia muitas proliferações de bactérias e outras do gênero que deixava o ambiente inóspito e de certo modo, sem condições de ficar, mas ali estavam os escravizados: homens, mulheres, crianças e idosos.

Nas discussões sobre as Travessias Transatlânticas, o *Navio Negreiro* de Castro Alves sem sombra de dúvidas reflete bem esta questão, justamente pelo poeta dedicar a escrever o que ele mesmo chama de tragédia no mar. Entretanto, há algumas críticas sobre seu texto que nem sempre são positivas principalmente no que se refere ao enredo.

Diante desta perspectiva, é que Oliveira (2007, p. 69)

A quarta parte de “O navio negreiro” tem sido considerada tanto pela crítica literária castroalvina quanto pelos seus biógrafos como um débito para com vários outros poemas e poetas, como “The slave ship”, de John Greenleaf Whittier, “Les nègres et les marionettes”, de Pierre-Jean de Béranger, e, de modo mais intenso, “Das Scklavenschiff” de Heinrich Heine, autores que, ao lado de Hugo, Dante, Cervantes, José de Alencar, dentre outros, fizeram parte do repertório de leitura de Alves.

A quarta parte do poema de Castro Alves, de fato, segundo o autor, ele apresenta uma familiaridade com outras versões europeias, que é possível em sua visão, compreender esta relação inclusive as possíveis leituras que Castro Alves teria feito, ou mesmo teria contato e assim, pudessem fazer em seu enredo tal familiaridade.

Santos Neto (2007) já tinha alertado sobre esta questão, pois o enredo da obra *Alemã Navio Nегreiro* de 1854, apresenta essa mesma estrutura e história muito próximas que denotaria essa relação. Deste modo, Oliveira em sua Dissertação aponta que juntamente com os estudos que Costa e Silva (2006) fez sobre Castro Alves, pode concluir que de fato houve contato principalmente com o texto *Das Scklavenschiff* de Heinrich Heine.

Apesar de o próprio autor reconhecer essas relações de sentidos e de enredo entre os textos do alemão e do poeta brasileiro, contudo, encontra particularidades que distanciam os textos entre si, principalmente quando diz que,

A diferença, aos nossos olhos, é que o alemão vale-se de uma perspectiva duramente realística; o eu-poético descreve a cena sem se envolver nela, porque sempre em posição distante. Já o poeta brasileiro, romântico, narra o deslocamento da câmera poética até o navio, sente-se ferido, desesperado diante de tantas cenas vis. Pensamos que um dos objetivos do texto seja transferir para os corações dos que lhe ouvem a comoção e/ou a piedade dos que se encontram em situação cativa. (OLIVEIRA, 2007, p.69)

O autor aponta em seus estudos que há diferenças quanto ao envolvimento do eu-lírico em seu texto. Neste caso, Castro Alves envolve-se dentro de suas narrativas poéticas, permitindo expor suas visões e junto com o leitor embarcar em sua própria poética, justamente por expor sua indignação e participando com seu olhar criticamente sobre o enredo.

Evidentemente, percebe-se junto com o poeta baiano, toda sua indignação, revolta e lamento daquela situação que escreve em sua poética, neste amplo sentido observa-se que há uma interação entre o poeta e seu público no que tange a história. E como tão bem enfocou Oliveira (2007), um dos objetivos seria mesmo transferir para o coração todas as emoções que neste momento o faz nesta parte do poema.

Nada impede que diante das leituras que fez não tenha lembrado, ou mesmo, redigido de tal maneira que tenha de fato ficado muito similar a outros textos que tratam desta temática e de forma tão contundente. O próprio Oliveira faz essa indagação em sua pesquisa.

Neste cenário de discussões, Costa e Silva (2006) tratam sobre esta questão, mas deixam claros seus ponderamentos e crenças, que Castro Alves criou suas cenas e a sua imagem e impressão poética em seu poema, participando e exprimindo suas emoções e razões, desejos e anseios sobre a situação dos negros escravizados. Em Alves, nesse sentido, há uma humanização para com a causa e não apenas cita o fato, mas olha, participa e faz o leitor caminhar nos horrendos porões da escravidão negra dos navios tumbeiros.

Mas nem todos os críticos sobre o poema concordam com a posição que Castro Alves adota. Não no sentido de abordar a escravidão em sua poética, mas com relação ao significado da importância histórica de sua produção poética. Nesta ótica, Fausto Cunha (1971) expõe que o poeta não possui uma preocupação da validade histórica do poema, já que o tráfico de escravos fora extinto dezoito anos antes¹³ da publicação em 1868 de *O Navio Negreiro*. Chama de uma poesia anacrônica e põe em cheque a credibilidade ao associar a uma obra homônima do alemão Heine.

Diante da discussão apresentada até agora, vamos embarcar nestas ondas e ver por um viés poético a Travessia Transatlântica narrada por Castro Alves, na qual descreve os momentos de tormentas vividos nas águas do Oceano Atlântico pelos negros percorrendo pelos tumbeiros, uma das mais trágicas histórias sobre o mar, onde as águas dos mares eram bem menores que as lágrimas de dor, lamento e tristeza durante a travessia.

3.2 Tumbas sob o Atlântico.

Palco das grandes navegações e revelações desde o século XVI, o Oceano Atlântico vem sendo discutido amplamente sobre várias perspectivas, principalmente sobre as questões relativas à Travessia em seus mares, pois dele a humanidade negra passou por um desprendimento, que através dos navios negreiros, foi sendo aos poucos levada para outras partes do planeta, e dentre estes lugares se encontra a América.

¹³ O tráfico de escravos oficialmente teve seu fim decretado em 1850, com a Lei Eusébio de Queiroz, que declarava a partir desta data o fim do tráfico de escravos nos portos brasileiros. Esta lei foi necessária devido ao não cumprimento de outra Lei assinada em 1831, quando D. Pedro I, era Imperador do Brasil. Ver: Grinberg e Salles. O Brasil Imperial, vol II: 1831 – 1870. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

Sob sua imensidão, os navios faziam do mar sua extensão de comércio e sofrimento, pois com o tráfico de escravos entre África e Brasil, muitas relações se firmaram e foram desconstruídas também. No entanto, as travessias Transatlânticas nos navios negreiros agora é palco de nossos questionamentos, de modo que convidamos a entrar no mundo das navegações onde as revelações apenas estão por vir.

Levando em consideração os efeitos desse tráfico e suas relações de sociabilidades entre os continentes e ainda no tocante as travessias, um dos pesquisadores mais estudados, é Paul Gilroy (2001) que com sua obra *O Atlântico Negro: Modernidade e dupla consciência* traz a discussão sobre outro prisma o que até então a historiografia positivista tratava como tráfico. Em suas leituras são muito mais abrangentes e com ele tem outra conotação.

Neste sentido há um convite a discutir sobre essa regionalização negra e como essa dualidade que vê em sua pesquisa, principalmente ao discutir a diáspora e que pela culturalização híbrida que se formou com o contato entre as diversas culturas transatlânticas. O sentido que traz à tona no modelo do que chama de Atlântico Negro é certamente um sentimento em que propõe a desterritorialização que se opõe a uma cultura fechada, neste caso, rompe com as velhas estruturas conceituais, pois enfoca que,

Sob a chave da diáspora nós poderemos então ver não a raça, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem (GILROY, 2001, p. 25)

É imprescindível perceber as dimensões das transações entre as nacionalidades que faziam do tráfico de negros sua barganha, não pelo viés da raça, mas pelas questões geoculturais e pelas relações que foram sendo construídas, formadas justamente, pelas redes de interações entre as partes envolvidas neste processo.

Nesta perspectiva o navio que é objeto de transporte nas travessias é um lugar de trocas culturais e também de relações políticas e culturais, pois coloca em circulação ideias, ativismos, que neste caso, seria o navio um sistema vivo, onde na opressão da condição de escravizados que estavam os negros, há as trocas “microculturais e micropolíticas” (GILROY, 2001, p. 38).

Para que a travessia transatlântica viesse a acontecer era necessária uma rede de conexões, que permitiam a funcionalidade e a rentabilidade entre todos os lados, quer sejam

dos traficantes, quer sejam dos financiadores das travessias. Neste sentido Danielle Lame (2012, p. 5-6) argumenta que,

O tráfico transatlântico apresentava-se sob duas formas: o comércio triangular e o tráfico direto entre o Brasil e o centro-oeste africano, Congo e Angola, para onde eram encaminhados escravos oriundos de Moçambique. De modo muito esquemático, os escravos eram embarcados nos portos da costa ocidental da África em troca de bens manufaturados na Europa, ou até mesmo produzidos nas plantações (álcool de baixa qualidade). Os escravos que haviam sobrevivido à viagem de seis a oito semanas eram desembarcados nos diferentes portos americanos e colocados à venda. Os navios seguiam então para Europa com produtos das plantações. Outra rota do tráfico ligava diretamente a África central ocidental ao porto do Rio de Janeiro.

Essas duas formas de comércio eram muito comuns, principalmente porque as redes de interesses econômicos se fazem desde a embarcação dos negros nas costas africanas as trocas comerciais com os portos brasileiros. A relação sempre desigual como é apontada pela autora, pois os escravos eram trocados economicamente por produtos de baixa qualidade nas costas africanas.

Os negros vinham nas embarcações negreiras, já na condição de escravos, evidentemente os que sobreviviam ao longo período no mar, nos porões dos navios que sempre eram insalubres e não davam condições de sobrevivência a todos os negros, devido as péssimas acomodações que tinham e neste sentido, aos sobreviventes, uma nova relação comercial, mas agora já nos portos americanos e muito destes, nos portos brasileiros, onde foram trocados comercialmente por produtos primários, ou seja, produtos de origem das plantações.

Além desta rota que vinha com produtos europeus de baixa qualidade que eram também trocados por escravos e vinham aos portos brasileiros, havia outra rota marítima que ligava diretamente o porto do Rio de Janeiro à África central Ocidental como bem destaca a autora. Nesta perspectiva o Brasil se desponha como um dos maiores entrepostos comerciais de escravizados neste momento, pela sua localização e também pelo mercado consumidor, que no século XIX, via nos escravizados a crença de fazer o Brasil crescer nas mãos dos explorados. Aliados a esta questão, também havia o fortalecimento da economia rural que enriquecia uma camada da população em torno da capital do Império, de modo que aumentou significativamente a importação dos negros vindos do continente africano.

Esta lógica comercial que aponta Danielle Lame (2012) evidencia a estrutura que se montou em torno do tráfico de escravo nas travessias transatlânticas, que deixou rentável e se configurava como um negócio de grandes proporções que envolvia vários atores e atrizes nestas relações comerciais que envolviam seres humanos na condição de escravos.

Eltis, Richardson e Behrendt (2000) apontam em seu estudo que cerca de 15% dos africanos que eram embarcados nas costas africanas não chegavam ao seu destino final. Isto implica dizer que havia uma alta taxa de mortalidade nas travessias transatlânticas, que nos leva a concluir que as condições de transportes eram de péssimas condições, não ofertando possibilidades de vida a todos os negros durante o percurso. Além do mais, vale salientar que segundo os autores, cerca de 90% ou mais deste comércio de escravos eram feitos pela América, e neste sentido destaca-se o Brasil como um dos maiores importadores deste tipo de comércio.

A quantidade de embarcados negros no Brasil é consideravelmente alta, nas cifras dos milhões de negros durante todo o longo período de relações comerciais nas travessias transatlânticas entre o Brasil e a África. Nesta perspectiva, os autores utilizando de uma tabela de Philip Curtin (1960) em sua obra *The Atlantic Slave Trade*, descrevem que em 1881 a 1855 só os navios portugueses fizeram cerca de 1.692,5 milhões de desembarques nas terras americanas.

Ampliando a visão sobre como o tráfico foi intenso nestas travessias e mesmo, com as perdas de negros escravizados conforme já enfocado aqui, era intenso e muito rentável. O número de desembarques no século XIX relatados pelos autores afirma essa relação intensa entre Portugal e Brasil, que os mesmos sentiram dificuldades em mapear em números os registros dos barcos pós 1.845, quando as embarcações brasileiras também passaram a serem alvos da Marinha Real Britânica no combate ao fim do tráfico de escravos, ou seja, no fim dessa rota que trazia os negros e escravizavam no Brasil.

Eltis, Richardson e Behrendt (2000, p. 40) expõem que,

É certo que, entre 1811 e 1867, os donos do tráfico negreiro eram portugueses, espanhóis, franceses, e em menor proporção brasileiros, e que depois de 1832, com exceção para alguns expatriados como a firma Gantois & Martin da Bahia, os franceses já não participavam... baseado no fato de que a maioria dos navios negreiros brasileiros registrados era de proprietários com nacionalidade portuguesa.

Percebemos que os navios que comercializavam no tráfico de escravos eram em sua maioria de posse registrada de navegadores portugueses, de modo que neste sentido, de forma

sensível acaba que realmente enquanto dados numéricos, o tráfico estava em franco declínio. Mas isto não é verdade, pois mesmo se neste caso, não houvesse embarcações brasileiras no comércio marítimo, mas as embarcações portuguesas estavam a serviço dos comerciantes brasileiros.

Então, podemos ainda discutir que a partir destas informações que os autores nos apresentam, o comércio por navios brasileiros de fato estava no fim, mas que mesmo em 1867 como aponta os pesquisadores, as embarcações aconteciam, pois estavam em posse de proprietários portugueses e de modo que, conforme dados já mencionados, muitas foram as embarcações nos portos brasileiros, inclusive na década de 1860.

Tratando com os documentos e correspondências entre o governo britânico e o governo brasileiro, Mamigonian (2011) aponta em seus estudos que entre 1851 a 1854 realmente há um engajamento no sentido de abolir o tráfico de escravos nos portos do Brasil. Inclusive com a participação efetiva dos governos locais que contribuíram para este fim. Até certo ponto desconfiamos dessa ação do governo pelo fim do tráfico, mesmo tendo leis e autorização aos navios ingleses de abordarem as embarcações brasileiras tocantes ao tráfico nas travessias transatlânticas.

Segundo Silva Jr. (2012) o tráfico de escravos feito nas travessias transatlânticas pela sociedade brasileira escravagista fora um dos que mais perdurou no mundo. Neste sentido, os portos do Rio de Janeiro, Salvador e de Recife no século XIX, foram os que mais receberam escravos vindos do continente africano e mesmo depois da proibição do tráfico em 1850, ainda ficaram na ativa e na ilegalidade até a década de 1860, quando de fato segundo o autor acontece a supressão final das travessias tangente ao tráfico de escravos vindos da África.

Certamente ao perceber já que em suas viagens Castro Alves teve contato em seu trajeto poético em Pernambuco, Bahia e São Paulo, onde também, fora bastante intensa sua produção poética. Neste caso, seu poema *Navio Negreiro*, pode inclusive vir a questionar a tão tardia aplicação das leis que foram promulgadas para a finalização definitiva do tráfico dos negros vindos da África nos Portos Brasileiros.

O autor acrescenta que nem todos os africanos chegaram aos portos brasileiros, por terem sido resgatados pela Marinha Britânica, onde muitos foram levados para as colônias do Reino Unido, como na Colônia de Serra Leoa. É interessante que parte das libertações dos cativos aconteceram com os de origem da África Centro-Occidental, cerca de 64% dos negros tinham essa natalidade.

Concernente as questões das apreensões dos navios negreiros por parte da Marinha Real Britânica, Mamigonian (2011, p. 68) destaca em seus estudos que,

Dentro desse esquema, os africanos trazidos a bordo de navios negreiros com destino ao Brasil e a Cuba capturados pela Marinha Real seriam sistematicamente transportados para o Caribe britânico como trabalhadores por contrato. Tema importante na historiografia

Conforme destaca, os navios que eram capturados eram de fato levados para as Colônias Britânicas, e de acordo com seus estudos eram dados contratos de trabalhos, que fugiam assim da lógica escravista em que estavam sendo levados. Dessa forma, a intervenção Inglesa, poria fim sob pressões no que se refere a este tráfico de escravos, mas, nem todos os navios eram abordados.

A ideia de que as apreensões eram de fato a solução para os negros, não temos muita certeza sobre esta situação, pois nada diz que os negros que estavam a ser comercializados teriam condições igualitárias aos demais ingleses e quais atividades eram oferecidas em seus contratos.

No entanto, com certeza por mais indesejado que fosse o trabalho, era significativamente melhor que a escravidão na América. A sorte de o navio ser abordado sobre o mar determinava os rumos e os destinos dos negros africanos. Era um dilema entre a liberdade e a escravidão pelo canhão inglês.

Diante deste cenário de libertações e tráficos, como eram as acomodações nos navios negreiros neste contexto?

Para este questionamento Marcus Rediker (2011), apresenta uma discussão muito salutar que é como eram as embarcações e cita uma pintura feita por uma testemunha ocular, de como eram os porões onde se transportavam os negros escravizados. A pintura ao qual o autor se refere é a *The slave deck of the Albaroz, prize to the Albatross* de 1845 pintada pelo tenente Francis Meynell da Marinha Real Britânica, depois que seu navio libertou os escravizados de um navio tumbeiro brasileiro ou português, o autor não deixa claro.

Desta forma, na pintura é vista um amontoado de negros e negras, uns sobre os outros, sem nenhuma forma de higiene ou mesmo condições de transporte de pessoas sobre os mares. Ainda se observa pouco espaço para circulação dos negros e a própria circulação do ar era

comprometida devido ao grande número de pessoas que ali estavam, pois, a ventilação assim como a iluminação interna eram deficitárias.

Aliados a esta questão, ainda se observa que havia barris entre o ambiente de dormir dos escravizados, que poderiam ser nesta perspectiva, várias caixas que levavam mantimentos e produtos necessários para o trajeto. Rediker (2011) referendando a pintura descreve que essa visão pintada pelo Meynell, era sobre o convés inferior, ou seja, onde exatamente eram acondicionados os negros. Ainda acrescenta que no ato, foram libertados cerca de 300 escravos que estavam a bordo, no entanto não evidencia o que aconteceu com eles após esta abordagem, se foram levados de volta a África ou deixados em algum ponto ou mesmo levados para a costa litorânea.

Diante desta discussão até aqui apresentada, na quarta parte deste poema, o poeta é bastante enfático e trágico em seus versos ao descrever como eram feitas as acomodações nas relações interpessoais dentro do navio tumbeiro em alto-mar. Não era de se esperar que alguém pudesse com tanto primor, ter a coragem de escrever como os negros na condição de escravos estavam nos navios.

3.3 A poética da trágica travessia: O *Navio Negreiro* em versos, sangue e suor

O poema *Navio Negreiro*, foi escrito em 1868 na cidade de São Paulo. Está dividido em seis partes nas quais o poeta descreve a travessia entre os mundos transatlânticos da África ao Brasil, onde narra desde as funções e participações das personagens dentro do navio até as críticas as crenças religiosas e a própria política imperial sobre a escravidão. Neste poema, notamos uma expressão máxima do que o poeta vê sobre este tráfico e de forma sensível tenta mostrar à sociedade brasileira a crueldade que é a escravidão.

Um dos poemas mais clássicos da literatura brasileira, que em 1868, ao ser recitado pela primeira vez, em voz alta, deixou todos que ouviam perplexos, com seu conteúdo que se tornou épico, ao retratar o tráfico de escravizados de uma forma romanceada, mas que poeticamente, foi estabelecido um nexos com as realidades da sociedade escravocrata brasileira.

Tal fato é visível pelo sucesso que o poema teve, tomando proporções inimagináveis, justamente por conduzir o leitor numa navegação e juntos com os tumbeiros navegar nas atrocidades que a sociedade brasileira aceitava ao comprar os cativos nos portos, pois assim, contribui para a permanência do tráfico de escravos.

Em sua poesia, trata de forma bastante lúcida, com hipérboles e metáforas, fazendo com que os ouvintes, possam ir ao além-mar e dentro de seus versos decassílabos, ser conduzido ao único país que conservava a escravidão como instituição da América. Em todos os diálogos presentes em seu texto, percebe-se que tenta fazer com que todos ao ouvirem ou mesmo lerem sua poesia, possam tomar parte da causa, posicionando-se contrário à escravidão e principalmente ao tráfico de escravizados vindo do continente africano.

O verbo na terceira pessoa do plural dá uma dimensão de inclusão de todos e, ao mesmo, também um convite a entrar na “Tragédia no Mar” como originalmente foi lido e intitulado, que na posteridade como trata Costa e Silva (2006) seria conhecido como Navio Negreiro. Em suas linhas convida a uma leitura de um mundo que se abre para ver como as travessias foram tão cruéis quanto a permanência do sistema escravista aqui adotado pela aristocracia brasileira.

De certo, há uma preparação para que leitor possa perceber como se estivesse num cruzeiro em alto mar, mas que seus tripulantes e população não estavam num simples navio que ia cruzar mares. Mas um navio que desaponta desde a concepção, e neste sentido, usa nas quatro primeiras estrofes, sempre o verbo empregado no plural e repetidamente as mesmas frases: *'Stamos em pleno mar...* A imaginação flui como num entardecer e o convite nos faz entrar no mundo em que o poeta deseja revelar. Entremos então em seus versos iniciais...

'Stamos em pleno mar... Doudo no espaço
Brinca o luar — dourada borboleta;
E as vagas após ele correm... cansam
Como turba de infantes inquieta.

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas de ouro...
O mar em troca acende as ardentias,
— Constelações do líquido tesouro...

'Stamos em pleno mar... Dois infinitos
Ali se estreitam num abraço insano,
Azuis, dourados, plácidos, sublimes...
Qual dos dous é o céu? qual o oceano?... (ALVES, 2004, p. 84-85)

Percebemos na citação acima, a preocupação do poeta em traduzir em seus versos a descrição de um horizonte, composto dos elementos naturais mais sublimes e de forma a apresentar uma entrada bela, com suas leituras do horizonte tanto do mar quanto do céu associadas as riquezas, tanto materiais ao tratar como ouro e tesouros em seus versos, com religiosos, ao nos remeter a ideia de firmamento¹⁴.

Essa repetição de palavras ou frases são características da Anáfora, que segundo Cegalla (1998), há uma repetição intencional de palavras no início de períodos, que podem ser feitas através de frases ou versos. Neste caso, o poeta, faz essa repetição de versos decassílabos, e usa deste recurso para enfatizar sua geografia, pois está no mar, que neste sentido, está situando o leitor também dentro da embarcação.

A forma como trata na última estrofe, percebe-se os dois, tanto o céu quanto o mar, se confundem, se abraçam insanamente como trata o poeta. Este sentido é notório, quando as estrelas, os astros são refletidos nas águas do mar, e neste caso, de fato no horizonte se confundem, pois um acaba sendo refletido no outro. E assim tece suas perguntas iniciais: *Qual dos dous é o céu? qual o oceano?...*

Assim, percebemos ao longo das demais estrofes, um desejo de provocação de que a embarcação seja lida de forma mais profunda, tanto que adoça seus versos com palavras mais firmes e questionamentos a serem pensados. Assim, escreve que,

'Stamos em pleno mar. . . Abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas...

Donde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo se é tão grande o espaço?
Neste saara os corcéis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço.

Bem feliz quem ali pode nest'hora
Sentir deste painel a majestade!

¹⁴ Na Bíblia Cristã, mas, precisamente em Gêneses, Deus chama de firmamento as concretizações em que O Senhor faz ao criar todos os astros e divisões do mar e terras, dentro de seis dias. Certamente, Castro Alves, ao trazer tais palavras quer apontar as belezas que Deus criou na terra e como o “homem” trata o que seu criador fez e como as criaturas se tratam de forma diferenciadas, quando na verdade, na cristandade, seriam todos iguais perante a Lei de Deus.

Embaixo — o mar em cima — o firmamento...
E no mar e no céu — a imensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que música suave ao longe soa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando à toa! (ALVES, 2004, p. 85)

Se no terceto inicial é uma contemplação do horizonte e das belezas pujantes do oceano e do céu, na quartilha acima, apresenta uma partida, justamente é visível quando expõe no verso inicial da primeira estrofe acima: ... *Abrindo as velas*... Nesta perspectiva dar o ar de navegação e movimento, já que as velas servem para usar o vento para locomoção sobre o mar.

Nos versos que se seguem na estrofe, é como se o poeta estivesse vendo a embarcação correr sobre as ondas do mar, navegando para outros horizontes, de tal forma que ele mesmo questiona: *Donde vem? onde vai? Das naus errantes*, é como se estivessem perdidas, mas nos versos finais em que a rima entre espaço e traço, nota-se que seguramente, as naus sabem aonde irem, pois mesmo as andorinhas que voam e os corcéis que galopam sabem aonde ir.

Acreditamos que nesta ênfase, por mais pura que tenha sido as ideias do poeta até agora, não quis aterrorizar ou mesmo demonstrar logo de cara como eram as travessias nos navios tumbeiros, que acima de tudo traziam seres humanos. Certamente, este conceito como é usado nas modernas literaturas não tinha conhecimento, mas em seu cerne, havia pessoas e que este era um crime em sua visão.

Mas como apresentar tais fatos a uma sociedade que reafirmava e permitia tais situações lastimáveis? As sábias palavras de conforto e entrada de seu poema, deixa aos ouvintes a ideia de uma navegação tranquila e salutar, e qual seria assim a tragédia no mar em sua poesia? Até agora tem poupado todos com delicadeza e sutileza em suas palavras, que é um de seus recursos, ao usar as hipérboles e as antíteses, e com estas as comparações se tornam mais próximas da realidade da aristocracia brasileira, sem causar de imediato espanto.

De certo, somos levados a tentar entender como se daria uma tragédia no firmamento e nas belezas dos astros que em seus versos, abraçam a mar e céu, numa alusão de igualdade mesmo distante entre si. Acreditamos que sejam influências das poesias de Victor Hugo e das ideias humanistas que tinha contato e leituras, conforme destaca Passos (1965). De toda a

forma, não era tema dos saraus poéticos textos dedicados aos negros, pelo menos da forma que trata nessa poesia.

Sua influência cristã também contribui em seus versos para respaldar suas leituras sobre a realidade em que via e desejava que os outros partilhassem de suas desilusões e de suas imaginações tão bem apuradas, como destaca Costa e Silva (2006), pois vislumbrar o além-mar certamente era profundamente, o que propõe Castro Alves ao decassilabamente tratar o tráfico de escravos tão majestosamente.

Cabem ressalvas em suas leituras até neste ponto. Pois, sua visão cristã também limita seu discernimento, principalmente ao pôr todas as divindades alicerçadas nesta ótica, quando na verdade vindos da África, muitas outras manifestações estavam presentes dentro das embarcações e assim com elas, pedidos e formas diferenciadas de praticar a fé.

No entanto, temos também que compreender que na sociedade aristocrata e com o poder da igreja nela intimamente presente, romper com a visão cristã não é fácil. Principalmente, quando se tinha uma presença marcante na política e uma união entre ambas que só seria rompida com as discussões da questão religiosa. Mas de fato, não afetam Castro Alves, que permanece ligado a doutrina cristã. Ainda, com esta visão, aproxima os escravizados da sociedade que o tinham como posse, que tinha como propriedade.

E o que dizer na representação feita por Castro Alves sobre os tripulantes das embarcações? Ele vê como,

Homens do mar! ó rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procela acalentara
No berço destes pélagos profundos!

Esperai! esperai! deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia
Orquestra — é o mar, que ruge pela proa,
E o vento, que nas cordas assobia...

.....

Por que foges assim, barco ligeiro?
Por que foges do pávido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelha no mar — doudo cometa!

Albatroz! Albatroz! águia do oceano,
 Tu que dormes das nuvens entre as gazas,
 Sacode as penas, Leviathan do espaço,
 Albatroz! Albatroz! dá-me estas asas. (ALVES, 2004, p. 85-86)

Nesse último quarteto da primeira parte da poesia Navio Negreiro, percebemos que o autor inicia com suas críticas ao sistema escravocrata, de modo que chama os marinheiros de rude. Ainda nesta mesma estrofe inicial da citação acima, nota-se que o poeta chama os marinheiros também de crianças, mesmo classificando-os como rudes, visto inicialmente na estrofe de abertura deste quarteto.

Certamente, esta alusão se faz pela necessidade de ver ainda os reflexos de como estes marinheiros se tornaram capazes de transportarem pessoas a ficarem no Brasil, condicionadas a uma escravidão sem limites. Mas também não seriam estes marinheiros acalentados pela procela e mesmo dos pélagos, frutos desse sistema que visa unicamente a lógica comercial?

É possível ver, na segunda estrofe, na metalinguagem um recurso que aproxima o poeta, não só da condição de narrador, mas como de participante no processo de discussão, até por apontar sua poesia como selvagem por lidar, acreditamos, justamente com elementos que precisariam ser desbravados. E ao som de uma orquestra, a sinfonia é acordada pelos traços do navio e a sonoridade surge a partir da necessidade de se representar as embarcações como uma arte.

Na segunda parte do poema, Castro Alves, descreve algumas personagens e suas natalidades, para que seus leitores pudessem ter a noção, ou mesmo informa se assim a gente pensar, em quem estariam aliados, juntos ao sistema escravista que estava sendo implementado. Dizemos no sentido de vermos como apresenta romanticamente em sua poesia a forma como ele via este arranjo no transporte dos escravizados.

Já no início, coloca em evidência a própria origem destes velejadores:

Que importa do nauta o berço,
 Donde é filho, qual seu lar?
 Ama a cadência do verso
 Que lhe ensina o velho mar!
 Cantai! que a morte é divina!

Resvala o brigue à bolina
 Como golfinho veloz.
 Presa ao mastro da mezena
 Saudosa bandeira acena
 As vagas que deixa após. (ALVES, 2004, p. 86)

De modo bastante claro, nesta estrofe ele expõe as relações de como o navio negreiro e mesmo os velejadores se comportam diante do imenso oceano. Assim, em “Que importa do nauta o berço, Onde é filho, qual seu lar?” Exprime bem esta relação, pois de certo não havia um lar para os escravizadores, e que independente da nacionalidade, havia um comércio latente de vários povos sobre os negros que eram comercializados para serem escravos.

Castro Alves vê no Mar uma forma de rima versificada e para cada sofrimento que os negros eram condicionados, tinha respaldo numa morte divina por mãos corruptoras, já que os que defendiam também eram os mesmos que seus pares natalícios os transportavam e escravizava os negros. Então, quando afirma em seus versos, “Que lhe ensina o velho mar! Cantai! que a morte é divina!” Neste sentido, o mar era mesmo suas tumbas e a morte divina, já que era objeto da criação de Deus.

Mas ficam algumas questões importantes, como que morte divina é essa que o poeta se refere? Pois partindo deste princípio teríamos que ter a certeza que todos os negros já estavam cristianizados e neste sentido, crendo nas relações católicas de divindades. Algo que é questionável, pois estamos falando de vários povos que eram conduzidos pelos navios negreiros, e que possuíam suas crenças, seus valores e uma cosmovisão de entenderem o que seria sagrado ou não.

Acreditamos que são marcas que o poeta carrega consigo sobre suas relações com a cristandade, como discute Rangel (1984), ao abordar que mesmo não sendo um cristão tão prevalente como outros de seu tempo, mas as marcas do cristianismo com viés romântico são notórias em seus versos. Assim talvez, seja tão forte sua equalização religiosa para todos os negros, como se todos fossem cristãos ou acreditassem na fé ocidental.

Referindo-se aos marinheiros gregos, o poeta inicia a estrofe, destacando que,

Os marinheiros Helenos,
 Que a vaga jônia criou,
 Belos piratas morenos
 Do mar que Ulisses cortou,
 Homens que Fídias talhara,
 Vão cantando em noite clara
 Versos que Homero gemeu ...
 Nautas de todas as plagas,
 Vós sabeis achar nas vagas
 As melodias do céu! ... (ALVES, 2004, p. 87)

Conforme discussão apresentada, os gregos para o ocidente foram uma das civilizações mais importantes e enigmáticas da história. Pois, no período inicial é contata pela Literatura, que é atribuída a Homero¹⁵. Nesta perspectiva, o poeta destaca a bravura dos gregos e em especial o povo Heleno, certamente se remetendo ao povo guerreiro do período pré-homérico da época Jônica, que faz questão de abordar nesta passagem.

Essas aventuras escritas pelos versos de Homero, talvez o poeta desejasse outra conotação em sua poética? Uma aventura mais salutar e menos trágica? São questões que ficamos a nos perguntar, já que o poema que aqui é analisado é *Navio Negreiro, tragédia no mar*, acreditamos que poeta gostaria de ter escrito estrofes de aventuras no mar semelhante ao que Homero fez em seus dois textos poéticos da antiguidade: *A Ilíada e A Odisseia*.

Na terceira parte de seu poema, já inicia a apresentando uma visão catastrófica da situação em que estava introduzindo desde então, que é a travessia transatlântica de negros africanos na condição de escravos para o Brasil. Tal amargura do poeta fica clara já nos versos iniciais onde expõe sobre o olhar de uma águia a triste e horrenda visão sobre as embarcações, que muitos ao estarem lá eram como se fossem normalizados os atos que ali estavam sendo praticados pela ganância humana com o cunho capitalista, justificando a escravidão.

Assim, apresenta nos versos e rimas iniciais desta única estrofe da terceira parte: *Desce do espaço imenso, ó águia do oceano! Desce mais ... inda mais... não pode olhar humano*, como uma águia o poeta consegue ser bastante crítico ao evocar um pássaro livre, que vê a escravização de seres humanos, ou seja, seus próprios pares escravizando os seus.

¹⁵ Neste sentido, duas Obras são importantes para se ter análise sobre as navegações no período Homérico, que são a *Ilíada* e a *Odisseia*. Mas, precisamente, em *A Odisseia*, narra as aventuras de Ulisses, que devido a várias intempéries provocadas pelos deuses gregos, se perdem pelo mar e sua viagem torna-se uma aventura de contato com Ulisses e sua tripulação com vários seres da mitologia grega.

E como um sobrevoou, e de mais perto enxergar tamanha atrocidade provocada pelos homens, ainda mais sob a guarda da cristandade. Ainda expõe nos versos seguintes, uma apresentação do que viria a ser uma das maiores crueldades feitas neste sentido pelo homem. O transporte de negros era insalubre e ia de encontro ao que pensava o poeta. Costa e Silva (2006) tratam deste tema, com muito cuidado, pois o poeta tinha viés políticos e desejava que o fim do tráfico fosse visto pela sociedade de tal modo que não mais acontecesse. Mesmo que neste momento ainda vigorava o tráfico interprovincial conforme destaca Boris Fausto (2009). Mas, a luta pela literatura era necessária, principalmente, porque a sociedade letrada e não letrada o ouvia, quer seja nos sarais poéticos ou mesmo na literatura de folhetins.

A sociedade teve contato com as ideias de Castro Alves, nesse sentido ele pode persuadir e mostrar outra realidade que ninguém até então tinha escrito sobre os navios negreiros no Brasil, conforme nos destaca Silva (2006). No entanto, romper com práticas seculares não é fácil e requer muita luta, situação que o poeta se dedicou a fazer. Nesta terceira parte de seu poema, traz ao leitor o que viria na sequência de seu poema, preparando para a situação em que estavam nos navios, que neste caso, apresenta um navio qualquer de uma atrocidade imensurável.

Talvez neste sentido, é que tenha ganhado tanta notoriedade, até mesmo de escritores como Machado de Assis, por exemplo, abordados por Sidney Chalhoub (2003). Pois apesar de sofrer também críticas sobre sua produção poética, ligadas a escravidão, sem apresentar outras perspectivas; não se abate, pelo menos não sobre sua redação sobre a escravização.

Mesmo diante desta situação, o poeta encerra esta terceira parte com uma abordagem *sinequanom* do quadro, ao expor que,

Como o teu mergulhar no brigue voador!
 Mas que vejo eu aí... Que quadro d'amarguras!
 É canto funeral! ... Que tétricas figuras! ...
 Que cena infame e vil... Meu Deus! Meu Deus! Que horror! (ALVES, 2004, p. 88)

Dotado de suas impressões dentro do poema, aponta que vê um quadro de amarguras, e ainda enfoca que as músicas são de cunho de funeral, pois como já descrevera outrora é um canto para a morte divina. Então evidentemente que o canto é de um funeral, pois é um navio

que transporta “mortes” e não vida. Dizemos mortes no sentido da perspectiva humanista mesmo, pois não havia visibilidades de melhoras para as condições que ali estavam sendo postas aso negros nas embarcações.

No penúltimo verso, já expõe sua leitura sobre os cadáveres vivos, negros, onde o chama de *tétricas figuras*, que evocam um sentimento de complacência, devido a condição de vulnerabilidade em que estavam, pois, marginalizados mesmo no navio, já apresentavam conotações deploráveis da condição humana, segundo o olhar de Castro Alves.

Na quarta parte do poema, trata da situação de como os escravizados estavam condicionados nos navios. Ele inicia seus versos com

Era um sonho dantesco... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho.
Em sangue a se banhar.
Tinir de ferros... estalar de açoite...
Legiões de homens negros como a noite,
Horrendos a dançar... (ALVES, 2004, p. 88)

Nesta primeira estrofe o poeta já expõe que mesmo com os olhares sobre as estrelas, do brilho que as provocam no céu, de nada refletem sobre as embarcações, onde estas luzes que vagam pelo universo, não conseguem atingir os corações dos embarcados escravizados no navio, mas apenas em sonho, que estas luzes tomam corpo, que neste sentido, tomam laços de sangue.

Na primeira linha *Era um sonho dantesco... o tombadilho*, castro Alves já trará que nos versos que se seguem serão grandiosas, dantescas as cenas, inclusive recorre a Dante para dar mais ênfase o que as próximas estrofes trariam. No tocante ao tombadilho que cita realça ainda mais este espetáculo de horror de forma grandiosa, que vem desde a mezena até a popa do Navio.

Na sequência de seus versos coloca que as luzernas avermelham o brilho e logo em seguida, versifica o banhar de sangue. O brilho vermelho do sangue daqueles que eram transportados contra a vontade e que não tinham muito a fazer a não ser resistirem, mas este resistir, também é impregnado de sangue. Certamente, esta relação se fez por conta do tombadilho que citou anteriormente, e que neste sentido corre sangue pelas costas, como se fosse avermelhada pela cor que tem as luzernas que o poeta destaca nesta estrofe.

Esses *Tinir de ferros... estalar de açoite...* que o poeta cita nesta estrofe dá uma dimensão de que o chicote era sempre muito utilizado, pois os navios precisavam velejar e além de serem escravizados tinham que se transportar até sua chegada no porto. O estalar e o açoite podiam ser desde uma repreensão por alguma resistência que o negro ou negra fizessem durante a embarcação até mesmo para que sejam feitas as obrigações da forma em que se desejam serem feitas pelos cativos.

Essa alusão com a dança apresenta um pouco de ironia por parte do poeta, uma vez que, dançar num meio de um oceano, onde sua vida já estava sendo subtraída pela inexistência da liberdade. Mas estas legiões que o mesmo cita também nos dá a ideia que eram muitos homens que ali estavam. Na abordagem que citou Marcus Rediker (2011) que em 1845 numa libertação de escravos pela marinha Real Britânica, foram cerca de 300 negros libertados.

Como podemos observar na estrofe inicial, o poeta destacou a representação do masculino e a condição do negro nas embarcações. Mas quanto as mulheres? E como o poeta as via em sua representação de travessia?

Negras mulheres, suspendendo às tetas
Magras crianças, cujas bocas pretas
Rega o sangue das mães:
Outras moças, mas nuas e espantadas,
No turbilhão de espectros arrastadas,
Em ânsia e mágoa vãs! (ALVES, 2004, p. 88)

Não muito diferente das condições ofertadas aos negros, às mulheres em sua leitura eram muito desoladoras. Primeiro, porque associa de imediato às crianças, na busca de sensibilizar e dar sentido a noção de família e lar quebrado ou mesmo rompido pela sociedade que adquiria os negros escravizando e de certo modo, destruindo família, com as separações entre mães e filhos.

Nesse sentido acreditamos que inicia a segunda estrofe colocando em discussão o aleitamento, algo que é exclusivamente do sexo feminino e que é a representação máxima de uma mãe, que é amamentar seus filhos em idades de aleitamento. Nesta perspectiva, outra questão que é importante destacar, é que não havia idades para que fosse feita a escravização, pois mesmo as crianças que estavam em idades de aleitamento eram recrutadas para serem escravizadas aqui pela sociedade brasileira.

Ainda no tocante a esta discussão, o poeta destaca a nutrição das crianças já demonstrando que a vida na África não estava muito nutritiva, e que neste sentido, mesmo sem alimentação rega as últimas gotas de leite materno que suas genitoras possuem, pois, neste sentido elas também apresentavam uma alimentação deficitária, nas entrelinhas percebemos que o poeta quis já de imediato destacar a situação periclitante em que estavam em solo africano e ao mesmo destacar relações que se estabeleceram nas embarcações, onde não havia menor condição de transporte.

Uma questão a se pensar era que se as acomodações como citou Marcus Rediker, pois com as deficiências nutritivas que estavam tantos as “negras mulheres” como chama o poeta, quanto seus filhos, estes principalmente, pois já estavam magras e regavam o sangue de suas mães. O poeta foi muito enfático neste sentido e também bastante crítico ao perceber que muitos escravos não chegavam a linha de chegada da escravidão, que era o solo brasileiro.

Não somente o poeta representa a situação de escravização que estavam sendo condicionados os negros e também as negras, bem como as crianças africanas, que mesmo no ato do aleitamento eram trazidas, sendo subtraídas a própria infância, ou ser criança. Muitas tiveram que amadurecer muito rápido, tornando-se servos de um sistema que as escravizavam e impedia de serem crianças, pois eram um objeto de comercialização de seus Senhores, que nesta perspectiva eram seus donos¹⁶.

O poeta abre a terceira estrofe que se segue da quarta parte do poema, como uma orquestra de uma sinfonia só, onde se ouviam os lamentos e as tragédias de um povo que acima de tudo perdera seu bem maior que era sua liberdade. Situação que muito fundamenta o poeta, ao descrever durante toda a poesia, essa tragédia que se abate sobre o mar, suas idas e vindas pelos mares, acompanhados pela águia, que vê nos abutres humanos a maior carnificina sobre as límpidas águas do Oceano Atlântico.

E assim, abre a estrofe enfocando essa orquestra “E ri-se a orquestra irônica, estridente... E da ronda fantástica a serpente”, mas não tardia em apontar a serpente em sua poesia, numa alusão aos atos covardes sendo praticados pelos próprios seres humanos em escravizar outros apenas

¹⁶ Segundo Costa (2008) diz em seu estudo que os negros escravizados no Brasil eram tidos na Constituição como objetos de posse de seu Senhor, que neste caso para que pudesse gozar de plenas liberdades dentro da sociedade imperial brasileira, deveria ter uma alforria, que é um documento que registrado e reconhecido em cartório e pelo seu ex-dono, diz que o negro é liberto e não é escravo, portanto, goza dos plenos direitos de ir e vir dentro da sociedade sem ter que enfrentar problemas com os capitães do mato, ou mesmo com qualquer agente que capturasse os negros fugidos ou similares.

pela tonalidade da pele e por um comércio, um dos mais cruéis da História da Humanidade. Esta ironia que faz o poeta, Sebastião Cherubim (1989) aponta que o sarcasmo é uma das formas de se ler a figura de linguagem ironia empregada no texto. Castro Alves a usa e ao mesmo que também a metáfora, que faz com a serpente

Pensando na habitação dentro das embarcações, o poeta faz reflexões sobre esta situação nos navios, onde

Preso nos elos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia,
E chora e dança ali!
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro, que martírios embrutece,
Cantando, geme e ri! (ALVES, 2004, p. 89)

Na estrofe acima, o uso das hipérboles, que são empregadas para dar ênfase a situação que representa o negro na embarcação, nesta discussão, Perelman; OlbrechtsTyteca (2000) destaca que, as hipérboles no texto tem a finalidade de apresentar um exagero, que neste sentido notamos que Castro Alves, deseja chamar a atenção do leitor ou ouvinte para a situação que estava sendo condicionada os negros nos navios tumbeiros.

Já no início da estrofe, no verso inicial o poeta dá uma dimensão de prisão, quando expõe que estão presos num elo de uma cadeia, é uma abordagem bastante elucidativa, pois imageticamente pensamos logo em homens presos em correntes nos navios tumbeiros, sendo coordenados por velejadores que acima de tudo queriam chegar o mais rápido possível em casa. Diante deste cenário, algo ainda chama a atenção do poeta que é a nutrição dos escravizados, que mais uma vez destaca que era uma multidão faminta que cambaleava, ou seja, arquejava diante de tanta pujança e no autoritarismo que estavam sendo condicionados pelos comercializadores de escravos.

Será que até mesmo em Castro Alves notamos um papel de coadjuvante nas personagens negras de seu poema? São questões que surgem, pois mesmo que o destaque em toda a poesia se note a escravidão, os negros e negras reforçam a ideia de posicionar contra ao sistema e contra a vida em que estavam sendo condicionados os negros e negras já nos navios

negreiros. Talvez tenha sido um excesso de nossa parte em perceber tais possibilidades ou mesmo, estar exigindo muito de um poeta romântico da década de 1860.

Encerra esta quarta parte do poema *Navio Negreiro* (1868), similar ao que iniciou:

E ri-se a orquestra irônica, estridente. . .
E da ronda fantástica a serpente
Faz doudas espirais...
Qual um sonho dantesco as sombras voam!...
Gritos, ais, maldições, preces ressoam!
E ri-se Satanás!... (ALVES, 2004, p. 89)

E como uma orquestra o poeta retoma os versos iniciais desta parte e finaliza de forma primorosa, depois de retratar poeticamente as personagens no navio e sua condição a que estavam sendo submetidos, quer seja negro, negra, criança, idoso e mesmo os marinheiros, não foram poupados críticas e ironias a este sistema que punia um grupo de seres humanos, que mesmo estando em solo americano, cuja ave da liberdade é um condor, ou seja, uma águia, que inclusive sempre é mencionado pelo poeta.

Ainda concernente a este cenário de discussões religiosas, o poeta expõe sua visibilidade sobre os escravizados como sendo cristãos convictos, tanto que inicia a quinta parte do poema já nesta perspectiva:

Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me vós, Senhor Deus!
Se é loucura... se é verdade
Tanto horror perante os céus?!
Ó mar, por que não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?...
Astros! noites! tempestades!
Rolai das imensidades!
Varrei os mares, tufão! (ALVES, 2004, p. 89-90)

Na estrofe acima, percebemos uma relação muito profunda com a questão religiosa, principalmente ao iniciar seus versos com uma alusão ao Deus Cristão. Sabemos que muitos dos escravizados eram batizados já quando entravam nas embarcações, mas as crenças dos africanos não mudavam com um batismo do qual não tinham sentido e fundamento para eles.

A representação que Castro Alves faz demonstra essa intencionalidade de cristianizar e ao mesmo tempo expor para a sociedade brasileira que ali estavam seres humanos, pelo

menos assim em seus textos poéticos ao longo de sua produção, o poeta, apresenta esta denúncia a seus leitores sobre a condição do negro. Neste sentido, nada mais justo que destacar todo um povo cristianizado para que seus pares pudessem rever aquelas práticas que não condiziam com o cristianismo.

Ilca Oliveira (2015) aponta que havia uma justificativa religiosa pelo fato da escravidão dos negros não ser a princípio questionada pela Igreja. Ela advém justamente da passagem da Bíblia desde a Arca de Noé, e que os negros seriam os descendentes de Can. Então, neste cenário, podiam ser escravizados, pois estariam expurgando todos os pecados, principalmente aqueles originais de seus antepassados, no caso os filhos de Cam.

São questões que surgem a partir de quando o poeta conclui a estrofe, requerendo que o próprio mar tome as medidas necessárias, de uma tempestade ou mesmo de um tufão e finalizar aquela tragédia que lá vem sobre o mar. Em todo o caso, nem mesmo os astros e o mar o escutaram, pelo menos, não nesta poética.

Quem são estes desgraçados que foram abandonados pelo próprio Deus. O poeta se questiona,

Quem são estes desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba
Que excita a fúria do algoz?
Quem são? Se a estrela se cala,
Se a vaga à pressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa libérrima, audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz.
Onde vive em campo aberto
A tribo dos homens nus...
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão.
Ontem simples, fortes, bravos.
Hoje míseros escravos,
Sem luz, sem ar, sem razão. . . (ALVES, 2004, p. 90)

Na primeira estrofe ele trata de forma bastante poética essa relação de desgraçado, haja vista que a situação em que foram condicionados nos navios negreiros durante a travessia é

um tanto lastimável. E o poeta deixa claro essa intencionalidade quando expõe o silêncio até dos astros para com aquela situação.

O poeta descreve os negros advindos da África como sendo guerreiros e inicia os versos da segunda estrofe apontando que são filhos do deserto. Que neste caso, nos remete a ideia de deserto e sofrimento. Essa idealização vem mesmo das literaturas francesas e as realidades do norte da África das quais os poetas franceses tinham contato.

A própria referência que tinha Castro Alves sobre África, ele apresenta em seus versos conforme destaca Costa e Silva (2006). É uma totalidade do território africano traduzindo-o apenas como matas ciliares e ainda formas de ver os negros de uma forma tribal, que era então comum equalizar todos dessa forma no século XIX. Acaba que Castro Alves não consegue romper com essa ideia, até porque era o pensamento dominante do dominador na época. Claro que mesmo o autor rompendo com algumas práticas estilísticas e de enredo, não o podia ser perfeito e se despir de toda uma herança. Necessitaria muito mais informações do qual segundo Peixoto (1947) o poeta dos escravos não possuía.

Nessa perspectiva, podemos notar que apresenta como se fosse outrora um povo guerreiro e que na atual condição se torna um escravizado e com ela, fica pesada sua vida, perdendo inclusive as alegrias de lutar e viver. Bem característico no sentido em que o poeta sempre o vê de forma bastante vitimizada e sofrida. Um recurso usado para que pudesse os leitores sensibilizar para com aquela situação, fazendo com que se reportassem ao passado de glórias dos africanos e a condição indigna de vida nas embarcações escravagistas.

Mas não só os negros são contemplados em sua visão, as negras também têm espaços em seus versos, e expõe que,

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm...
Trazendo com túbios passos,
Filhos e algemas nos braços,
N'alma — lágrimas e fel...
Como Agar sofrendo tanto,
Que nem o leite de pranto
Têm que dar para Ismael. (ALVES, 2004, p. 90-91)

A forma como o poeta retrata as mulheres sempre muito sofridas e já como escravas de si mesmas. É um estereótipo que Castro Alves irá levar em sua poética, mas de certo não diminui a sua importância quanto à leitura e mesmo quanto a estética. Destaca que, com seus passos, caminham para a escravização rumo onde o pranto não tem fim a não ser com a morte.

Ainda acrescenta nessa mesma estrofe sua relação profunda ao atrelar as negras com suas crianças, mostrando as mazelas que o sistema escravista faz com as famílias, e acaba rompendo estes laços, mas como uma mãe deve ser, nunca abandona seus filhos, mesmo diante das algemas e da escravidão que os aguardam nas terras Transatlânticas.

Essa retratação imagética de lá bem longe com seus tíbios passos que apresenta o poeta, fica de certo marcante na mente ao lermos, para justamente tentar traduzir seus versos numa cena, e com elas suas crianças no passo e compasso da escravidão. Algemadas, atreladas a uma corrente que as unem no momento, mas separa logo em seguida, principalmente quando entrar no navio que serviria de ponte para uma nova vida, marcada pelos lamentos como sempre enfoca o poeta.

Ainda no tocante a essa questão, expõe em sua penúltima estrofe que

Ontem plena liberdade,
A vontade por poder...
Hoje... cúm'lo de maldade,
Nem são livres p'ra morrer. .
Prende-os a mesma corrente
— Férrea, lúgubre serpente —
Nas roscas da escravidão.
E assim zombando da morte,
Dança a lúgubre coorte
Ao som do açoute... Irrisão!... (ALVES, 2004, p. 92)

Conforme evidencia, o poeta esclarece aos leitores que mesmo com todas as intempéries que já foi citada nos versos do poeta, os negros eram livres. Tinham a oportunidade de ir e vir, fazerem escolhas de sair delas ou permanecerem. Com o advento da escravidão nem ao menos a morte pode optar. Pois, como enfoca, são escravos e nesta condição não lhes é permitido morrer, já que são propriedades, portanto, não têm vontade própria, a não ser que seu Senhor, seu dono o permitisse fazer.

Na sexta e última parte do poema, Castro Alves se dedica agora a fazer críticas a sociedade de modo geral, relacionando os símbolos da pátria e a própria ação que faz sobre seus cidadãos, de práticas que ao seu olhar, não condizem com uma nação que ainda escraviza os negros, a única por sinal na América a ter a escravidão como instituição legalmente constituída no Brasil.

É partindo dessa premissa que inicia a estrofe tentando compreender que

Existe um povo que a bandeira empresta
P'ra cobrir tanta infâmia e cobardia!...
E deixa-a transformar-se nessa festa
Em manto impuro de bacante fria!...
Meu Deus! meu Deus! mas que bandeira é esta,
Que impudente na gávea tripudia?
Silêncio. Musa... chora, e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto! ... (ALVES, 2004, p. 93)

Faz algumas questões importantes antes de afirmar de qual país está versificando em suas poesias. Muito importante para junto com o poeta permitir aventuras e refletir sobre estes atos desumanos que vem tratando até agora neste poema. Uma das questões que destacamos neste contexto, é a forma como ele escreve, sempre ativo e sensível em suas palavras, neste momento final, guardou toda sua denúncia de forma áspera e mais severa de certo modo.

Ele aponta nesta estrofe principalmente indagando sobre a bandeira, já que no século XIX é reflexo de identidade, e mais ainda que neste momento a construção de uma identidade é muito importante para uma nação que é nova, depois do rompimento com os laços coloniais com Portugal. Nesta perspectiva, observamos que o poeta chama atenção tentando fazer com que os leitores e ouvintes pudessem pensar em qual seria esta bandeira, que tanto escreve em seus poemas. Qual bandeira legitimava e permitia que os horrores fossem permitidos durante esta travessia dos horrores?

Na estrofe seguinte, o poeta esclarece as suas indagações apontando a bandeira que se banha de sangue ao covardemente permitir que tais atos horrendos viessem a ocorrer, diz assim que o

Auriverde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra

E as promessas divinas da esperança...
 Tu que, da liberdade após a guerra,
 Foste hasteado dos heróis na lança
 Antes te houvessem roto na batalha,
 Que servires a um povo de mortalha!... (ALVES, 2004, p. 93)

E assim que aparece a bandeira que tanto deixou suspense: Brasil. Cita enfaticamente já nas primeiras linhas da estrofe o pendão auriverde, ou seja, as duas principais cores que representam o Brasil e a Coroa Imperial Brasileira que é o verde e o amarelo. O poeta é até bem enfático ao afirmar ainda que é a sua terra. Dando ainda maior reafirmação da terra que recebe tanto sofrimento sobre o mar, também é a mesma que empresta sua bandeira, para servir de manto às injustiças que ao longo do poema vem enfocando.

As condições de transportes, já foram mencionadas neste poema e com ele também emerge uma discussão que o poeta provoca. Pois, todas as condições que foram impostas aos negros e nos versos escritos, houve a concordância da bandeira Auriverde, e nela encontrou os traficantes apoio neste tipo de comércio marítimo, que mais parece na visão do poeta, uma orquestra da morte. E isto ele já demonstrou na quarta parte deste poema ao abrir as estrofes como se fossem um espetáculo, mas este era de horror.

Independentemente das questões de estereótipos que Proença Filho (2004) atribui ao poeta, Castro Alves lançou uma abordagem que não é nova, pois o Brasil se constituiu desde o princípio como uma sociedade escravagista desde os índios aos negros. Mas, o que desejamos enfocar neste sentido é que, neste poema, trata de apontar poeticamente os problemas tocantes a escravidão. E nele, faz questão de dividir em partes para melhor compreender quem lê e ao próprio pensamento do poeta em discutir de forma retilínea a questão do tráfico de forma tão primorosa.

Sobre as discussões concernentes ao tráfico de escravos, feitas pelos Navios Negreiros, trata na estrofe final, as questões políticas e os participantes dessa cruzada marítima do terror, ao qual era condicionado aos negros,

Fatalidade atroz que a mente esmaga!
 Extingue nesta hora o brigue imundo
 O trilho que Colombo abriu nas vagas,
 Como um íris no pélagos profundo!
 Mas é infâmia demais! ... Da etérea plaga
 Levantai-vos, heróis do Novo Mundo!

Andrada! arranca esse pendão dos ares!
Colombo! fecha a porta dos teus mares! (ALVES, 2004, p. 93)

O poeta já destaca nos versos seu posicionamento de como ver esse processo de chegada dos europeus na América, fluindo as discussões em torno de Colombo que em 1492 atraca na América Central e assim, inicia todo o processo de colonização do continente americano. Neste caso, certamente o poeta, quis alocar que era preciso revisar as práticas para com a exploração dos negros.

Finalmente, nos últimos versos, destaca figuras de muita importância como os Andrada e Colombo, remetendo a ideia da política necessária para se constituir uma nação não-escravocrata, cujo cunho de liberdade seja visto por todos e suas denúncias até aqui representadas neste poema nos fazem pensar, de quão importante é o fim da escravidão no Brasil.

As lutas durante todo esse momento são vistas em sua poesia condoreira, como sua principal bandeira de luta, assim discute Costa e Silva (2006) que para o poeta, ser a voz dos escravizados numa sociedade cuja leitura ainda era para uma elite. Mas Castro Alves não desistiu de denunciar as mazelas que a escravidão traz, desde a África e nas embarcações, que é tema central deste poema.

É triunfal a forma como faz críticas às divindades do ocidente, visão que Paschoal Rangel (1984) já destacou, apesar de suas marcas românticas sobre a religiosidade. Apesar de sua limitação neste campo¹⁷, no decorrer das estrofes percebemos que houve por parte do poeta uma indignação até mesmo com os deuses dos desgraçados, mesmo ele não afirmando em seus versos que era o seu Deus que era o mesmo dos escravizados.

Claro que gera muitas discussões em torno desta questão, principalmente pela relação de fé que tinha o poeta e a presença marcante do catolicismo no século XIX. Ao certo, suas

¹⁷ Referimo-nos nesta situação, sobre as divindades dos africanos que são chamados de Orixás. Durante todo o poema, o poeta não menciona ou se quer faz referências a nenhum dos panteões dos Santos do Candomblé ou mesmo da Umbanda. Nesta questão, sempre se refere a Deus, que no ponto de vista de muitos estudiosos sobre Castro Alves se refere mesmo ao Deus da cultura Judaico-Cristã. Segundo Edison Carneiro (1937), Afrânio Peixoto (1947), Vicente Azevedo (1971), Lopes Rodrigues (1974) e Costa e Silva (2006) não pudemos evidenciar que Castro Alves teve ou tinha contato com a cultura religiosa africana, ao ponto de nos seus textos poéticos deixar evidente as orientações dos escravizados, pois todos os lamentos até aqui estudado pelas poesias selecionados, sempre eram feitas ou direcionadas ao Deus, que neste caso não é o Oxalá e sim o da cultura ocidental cristão mesmo.

críticas não recaíram neste poema sobre Igreja Católica, mas sim sobre a estrutura religiosa tangente ao divino, que via tais atrocidades já poeticamente escritas pelo poeta e nada fazia.

Para finalizar as discussões acerca deste poema épico, deixamos para discutirmos as três estrofes da quinta parte para este momento, para que não viesse a quebrar a discussão lógica sobre a travessia em que trata, e principalmente, referente a sua representação em como seria este trajeto. Assim, diante desta questão, optamos por vislumbrar a visão de África que imagetivamente o poeta baiano criou sobre a África.

A visão que é representada é ainda conectada com suas leituras e influências sobre a construção de África que a Europa faz, justamente por focar a parte Norte do continente se esquivando, assim o poeta, de comentários incertos acreditamos, sobre as demais paisagens geográficas da África. Mas, concernente a esta questão, é importante destacar que segundo Alberto Costa e Silva (2006) em Castro Alves, um poeta sempre jovem, deixa claro que não tinha muitas leituras sobre esta questão, pelo menos não sobre as demais regionalidades do continente africano. As informações que circulavam sobre a África ainda eram escassas e sempre estavam atreladas a visão eurocêntrica de negro associado a escravidão, já que durante o século XIX fora intenso o tráfico de escravo e na segunda metade deste mesmo século, percebe-se as lutas contrárias ao tráfico dos negros africanos.

Castro Alves não abordar em sua poética, e mais especificamente neste poema, sobre as relações que se davam no continente, não representando poeticamente como aconteciam as relações comerciais, muitas nações africanas lucravam com este comércio, onde elas mesmas capturavam e vendiam os negros como escravos. E neste sentido Manning (1988) destaca para as mudanças sociais que o tráfico trouxera para o continente africano, pois para ele afetou diretamente a composição social e o comportamento humano na África.

Diante destas questões, Castro Alves (2004, p. 91) na quinta estrofe da quinta parte do poema, expõe que

Lá nas areias infindas,
Das palmeiras no país,
Nasceram crianças lindas,
Viveram moças gentis...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Cisma da noite nos véus ...
... Adeus, ó choça do monte,

... Adeus, palmeiras da fonte!...
 ... Adeus, amores... adeus!... (ALVES, 2004, p. 91)

Percebemos nas estrofes acima essa construção de uma África empobrecida, mas que seu povo apesar de tanto sofrimento em sua terra natal, eram felizes e acima de tudo desejavam retornar para seu lar. A forma como o poeta usa em seus versos para se despedir da África é uma forma que é decorrente de sua poética para sensibilizar a aristocracia brasileira sobre os danos psicológicos e culturais que foram causados aos negros durante todo o tráfico de negros para o Brasil.

Independentemente da questão do anacronismo que tanto Fausto Cunha (1971) faz com suas críticas a Castro Alves, percebemos que sua poética define leituras que até então não se tinham feitas na literatura brasileira. Neste sentido, o poeta ao se posicionar contra a escravidão, onde nos discursos considera-o como abolicionista, é uma literatura de tese e nesta aponta criminalidades a luz do humanismo que os ocidentais fizeram para com os negros.

A construção de África não poderia ser diferente neste sentido, porque ainda havia uma discussão escassa pela sociedade e nas academias sobre esta questão. Os apontamentos eram sempre associados com a escravidão e outras questões eram renegadas e impostas sanções para que não viessem a acontecer como no caso das manifestações religiosas.

Então, não muito diferente do que tratou em sua poesia *Vozes D'África*, trará para sua concepção as influências do romantismo de Victor Hugo, e portado de leituras eurocêntricas, representará a África aqui no Brasil como uma unidade nacional e sua geografia, sempre ladeada pela desertificação e espaços florestas, cenários mais característicos do Norte que, de certa forma, não traduziu coerentemente as nações traficadas para os portos brasileiros.

Em todo o caso, o poeta ao publicar sua poética, trouxe discussões até então adormecidas ou tentadas a serem esquecidas pela aristocracia escravocrata, e neste poema, Castro Alves traz a discussão. Tanto em *Vozes D'África* quanto em *o Navio Negreiro*, deixa claro seu posicionamento e visão sobre o que seria este continente em sua visão, que imprimiu a toda uma geração que seguiu suas leituras nos sarais poéticos ou em estudos nas academias.

Outra questão importante a ser discutida é como o poeta representa a construção de Palmares, que em sua poesia, traduz uma leitura que como os negros, que aqui embarcaram,

não se submeteram a escravidão e formou um núcleo análogo a África em sua visão e como percebe como sendo um espaço de liberdade e não de sofrimento, exploração como escrever sua poética referindo-se ao continente africano, que discutiremos a seguir.

.

4 ÁFRICA À BRASILEIRA: SALDAÇÃO A PALMARES E OS VERSOS DA LIBERDADE

4.1 Estrutura poética de “*saudação a palmares*” de Castro Alves

Sua poesia é apresentada com a mesma estrutura de rima em todas as estrofes, onde os três primeiros versos possuem a mesma rima e o quarto verso há uma quebra na sonorização, como podemos observar em

Nos altos cerros erguido **A**
 Ninho d’águias atrevido, **A**
 Salve! – País do bandido! **A**
 Salve! – Pátria do jaguar! **B** (ALVES, 2004, p. 115).

Conforme dito anteriormente, o quarto verso não rima com os versos que o antecede. Assim, percebemos que nos versos finais da primeira estrofe,

Verde serra onde os palmares **C**
 - Como indianos cocares - **C**
 No azul dos colúmbios ares **C**
 Desfraldam-se em mole arfar!... **B** (ALVES, 2004, p. 115).

Observemos que no último verso, há uma quebra na rima, sendo que este irá rimar com o quarto verso da estrofe. essa estrutura rimática, irá incidir em todas as estrofes desta poesia, opção que o poeta fez ao escrever sua poética. Será mantida em todas as sete estrofes a composição de oito versos cada. Sendo que o quarto verso irá rimar com o oitavo verso e nunca com os versos anteriores. Neste sentido, o poeta apresenta uma forma de estrutura diferente das demais analisadas, onde a estrutura: AAA B CCC B pode ser observada em todas as estrofes da poesia.

Recorrente de sua poética, usa bastante as metáforas, que segundo Solange Vereza (2010) expõe que podem estar presentes na linguagem, pensamento e discurso, seu tratamento é bastante amplo devido a sua complexidade quanto ao trato que é dado. Neste sentido, expõe que é uma expressão ou palavra que não lhe é comum ou próprio, mas que esse novo sentido que é dado é resultante de uma relação de semelhanças e proximidades, sendo portanto, intersecções entre dois termos. Podemos perceber nos versos de Castro Alves em “Salve! Pátria do Jaguar!/ Salve! País do bandido!” (ALVES, 2004, p. 115), onde metaforicamente o poeta faz sua comparação com a sociedade escravagista brasileira por haver relações entre si

Na sua estrutura poética, as rimas sempre dão possibilidade de leitura de movimento, ação, mesmo que não sejam todas verbos de ação, mas outras formas morfológicas, como os adjetivos e substantivos e adjetivos-substantivos que utiliza nos vocábulos para serem rimados, apresenta esta intenção do poeta.

Concernente em sua poesia, usa as hipérboles, Perelman e Olbreschts-Tyteca (2000) as hipérboles tem como função fornecer uma referência que apresenta o limite extremo do que lhe é compatível, fornecendo assim, um certo exagero no sentido. Podem ser observadas em “Abriste a vela ao trovão/ e provocaste a rajada” (ALVES, 2004, p. 115-116), onde no quarto e quinto verso da terceira estrofe, o poeta a expõe na sua construção poética.

Com bastante cuidado Castro Alves, tenta prender o leitor no seu enredo, onde descreve poeticamente palmares como uma “saudação”, funcionando assim como uma espécie de reverência, proximidade e intimidade com o aldeamento formados por negros refugiados no período colonial da História do Brasil de maior notoriedade. Na sua leitura, apresenta palmares como um lugar de liberdade, onde todos eram iguais e não eram excludentes.

Via nas personagens dos quais não cita nomes ou se deseja atribuir, mas apenas caracterizar adjetivamente dentro de sua poesia, que facilmente percebe-se quando menciona léxicos como crioulas, guerreiras referindo-se as negras palmarinas e valentes, caçador para com os negros em Palmares. Assim, não atribui nomes as personagens a que se refere, mas deixa claro em seus versos que se refere aos negros e negras que habitam Palmares.

Em sua poesia, Castro Alves não trata Palmares e nem a menciona como um quilombo, mas vê como um lugar que acolhe os negros que fugiam dos alcoses Senhores, encontrando assim o espaço de retorno de sua liberdade destituídas pelo sistema escravocrata brasileira, devido ao tráfico intercontinental e neste caso, a manutenção do tráfico de interprovincial de negros escravizados, que alimentava a ótica da exploração da mão de obra negra.

O vocabulário utilizado pelo poeta nesta poesia não é de alta complexidade, isto em relação a outros textos, como em “navio Negreiro” por exemplo, que expande todo um conhecimento erudito do léxico da Língua Portuguesa.

Por se tratar de uma terra de luta, suas rimas traduzem essas leituras, que podemos perceber nos usos de verbos e adjetivos nas rimas dos versos presentes nas estrofes da poesia. Bastante usual nas rimas, foram os verbos de ação terminados em “ar, ir e or”. Curiosamente,

o poeta não usa verbos com as terminações em “er e ur”. Paradoxalmente a esta situação, explora nas rimas em “ar e or” nas estrofes com bastante usualidade.

No que se refere ao estrato lexical, observamos duas posições importantes a destacar que são chamados de metaplasmos que o autor usa em seu enredo. As duas formas abordadas, são a síncope, utilização de palavras cujas perdas de vogais internas dentro dos vocábulos como em *p’ra* por exemplo. E a apócope, que são as ausências de vogais no finais das palavras, com em *d’águias* por exemplo.

4.2 Paisagens da historiografia de Palmares: entre (des) construções

Segundo Funari e Carvalho (2005) já se tem referências sobre Palmares desde o início do século XVII, por volta de 1605, onde seria uma comunidade de escravizados fugidos ao entorno da área dos palmares, região serrana que ficava a 60 km da costa marinha do atual estado de Alagoas no nordeste brasileiro. Algumas expedições foram organizadas para reconhecimento e colher informações sobre a região que começou a chamar a atenção. Outras expedições foram realizadas, mas não houve sucesso esperado se levado em consideração seus objetivos de destruição do mocambo. Com a chegada dos holandeses no Brasil, o agrupamento foi crescendo e tomando outras proporções territoriais, funcionando também de certo modo, como um acampamento de refugiados.

No ano de 1612, Palmares toma grandes proporções e adquire fama na região de grande produção açucareira, situação que fora organizada uma expedição que visava acabar com o agrupamento de negros refugiados, mas já nesse momento, na expedição não obteve sucesso, isto implica dizer, que as defesas no entono de palmares foram mais resistentes do que se pensava.

Com a chegada dos Holandeses nas capitanias dos atuais estados onde hoje chama-se nordeste, outras preocupações foram mais importantes, principalmente no que se refere aos colonizadores que invadiram uma possessão portuguesa. Assim Holandeses tinham a preocupação de manter a posse da região e os portugueses de toma-las de volta. Enquanto isso, Palmares cresce demograficamente, pois tais condições só foram possíveis, pois os portugueses e holandeses tinham outros objetivos e neste momento inicial Palmares, não se apresentava como um perigo e tal ponto de haver preocupações imediatas dos colonizadores

europeus na região norte do atlântico sul do território brasileiro. Assim, podemos perceber que com a invasão dos holandeses, favoreceu o crescimento territorial e demográfico e Palmares.

No entanto, Funari e Carvalho (2005) apontam que em 1640, os holandeses apresentaram preocupações com o desenvolvimento do agrupamento, que como refugiados, estava se apresentando um perigo, pois devido a densidade demográfica e sua organização política e militar, já não era apenas uma comunidade de negros fugitivos, mas de um sentimento de liberdade, onde os negros desejavam chegar em seus entornos. Assim, as medidas tomadas pelo governo holandês no Brasil foi mandar

Bartolomeu Lintz para obter informações sobre o quilombo, que foi descrito como composto de dois grandes assentamentos: uma aldeia grande na Serra da Barriga e uma menor à margem esquerda do rio Gurungumba. Quatro anos depois, Rodolfo Baro liderava forças holandesas no ataque à comunidade, onde viveriam seis mil pessoas, tendo sido mortas cem e capturadas 31, dentre as quais sete indígenas e crianças mulatas. No ano seguinte, Jürgens Reimbach atacava Palmares, descrito já como composto por nove aldeias (FUNARI e CARVALHO, 2002, p.12)

Os holandeses ao tomaram posse das terras portuguesas na América, notaram a importância do agrupamento de palmares, tanto que várias incursões foram feitas, mas não obtiveram sucesso, em contrapartida as aldeias nos entornos dos Palmares iam crescendo exponencialmente, tal situação preocupou o governo holandês no Brasil.

De acordo com a citação acima, notamos que a cada investida das tropas organizadas pelos holandeses aumentava significativamente e extensão territorial e demográfica. Podemos analisar este aumento, pois na ida de Bartolomeu Lintz que fora enviado para colher informações sobre o agrupamento, havia apenas duas grandes aldeias, e seis anos mais tarde, já haviam nove aldeias. A derrota de Palmares pelas forças holandesas de Rodolfo Baro, suscitou outras questões importantes, pois mesmo com sua destruição, e com a captura de negros, indígenas e crianças mulatas, o aldeamento ainda continuou, tanto que logo no ano seguinte, já possui cerca de nove aldeias. Como pode ter havido um crescimento tão significativo em tão pouco tempo? De onde partiu tanta densidade populacional neste curto espaço de temporal?

Uma das explicações para tal fato apontada por Rodrigues (2010) seria que não havia apenas uma só Palmares, mais várias palmares com chefias correlatas, pois assim, teriam

como sobreviver a todas as incursões holandesas e várias outras pelos portugueses quando os holandeses foram expulsos do Brasil em 1654. Como o próprio autor descreve em suas argumentações, seria muito difícil de entender como em tão pouco tempo de uma destruição e outra Palmares continuar crescendo populacionalmente de uma forma significativa.

Este crescimento vertical, e a formação de uma comunidade cujas defesas estavam muito bem alicerçadas, puderam resistir às pressões holandesas neste momento. Os dados populacionais chamam a atenção, pois já habitavam cerca de seis mil pessoas e não somente negros refugiados como se pensava, mas outros grupos sociais também lá estavam como os indígenas, conforme destaca Funari e Carvalho (2005). Palmares teve que resistir pois o que estava em jogo era não uma disputa por terra, mas uma forma de organização que inspirava os negros, que viam em Palmares sua liberdade subtraída pelo sistema escravocrata colonial europeu.

Palmares representava também a construção de uma África em solo brasileiro, onde lutava e resistia como uma segunda mãe-pátria, distando da geografia da escravidão que o Brasil era o importador de negros na condição de escravos. Deste modo, também era a libertação dos negros do jugo da escravidão, um modelo de governo que nascia nos moldes europeus, mas de certo modo alicerçados nas práticas africanas.

Segundo Nina Rodrigues (2010, p. 81-82), as proporções de Palmares, geograficamente falando, fora

Ao noroeste estava o mocambo do Zambí, 16 léguas de Porto Calvo; ao norte deste, distância de 5 léguas, demorava o de Arutirene; a leste destes, ficavam dois mocambos chamados das Tabocas; destes ao noroeste e na distância de 14 léguas o de Dambrubanga, e ao norte deste, a 8 léguas, a cerca chamada Subupira; desta a 6 léguas ainda para o norte a cerca real chamada o Macaco; 5 léguas ao Oeste desta, o mocambo do Osengá; a 9 léguas de Serinhaem para o noroeste a cerca do Amaro; 25 léguas das Alagoas ainda para o noroeste o Palmares de Antalaquituxe, irmão do Zambí. E entre estes todos que são os maiores e mais defensáveis há outros de menor conta e de menor gente.

Como podemos perceber na citação, Palmares não era apenas uma aldeia, mas um complexo, que compreendia vários outros mocambos que juntos formavam um agrupamento muito bem articulado, pois mesmo com as investidas do Governo holandês no Brasil, não fora suficiente para destruir totalmente Palmares, que com seu crescimento populacional e

territorial, se manteve forte, durante este período até a conquista final pelo bandeirante paulista.

Nina Rodrigues (2010) aponta significativamente a extensão que assumiu o Palmar, composta por vários aldeamentos em proporções diferentes de habitantes de um para o outro. Neste contexto, analisamos que não era demarcado geograficamente a construção de novos núcleos de povoamento em torno de Palmares, onde sua erguição era fruto de escolhas aleatórias, mas todas nas proximidades do mocambo central da Serra da barriga, que de certo modo, não estavam distante dos demais agrupamentos de refugiados.

Esta composição de vários grupos pode ter sido decisivo na sobrevivência de palmares. Pois, com as investidas das tropas lideradas pelo batavo Bareo, por exemplo, que mesmo com a vitória historicizada, o mocambo não foi conquistado completamente como se pensava. Posteriormente, iremos perceber que palmares continuou forte, que nos remete a algumas questões, em se de fato foi invadida pelas tropas holandesas...

Sobre a possível destruição de palmares por Báreo em 1644, Nina Rodrigues (2010) aponta em suas pesquisas que certamente houve um erro de localização geográfica a tal ponto, que as incursões teriam sido num mocambo no norte da paraíba que teria o mesmo nome,

Pois não é lícito ver nisso mais do que um erro geográfico ou de localização, em que é possível tenha tido grande papel uma simples questão de nomes, confundindo-se a capitania da Paraíba com o rio Paraíba, em que, segundo Barleo, se vinha derramar o rio Gungohahy, em cujas margens estava situado o pequeno Palmares. No seu Diário, Blaer também fala insistentemente no rio Paraíba. (RODRIGUES, 2010,p.88)

O agrupamento tinha tantos habitantes em anos posteriores, divergindo de qualquer lugar que tenha sido destruído pelas forças de conquistas, pois, subentende-se que o mocambo estaria em recuperação e retração, situação não vivenciada por Palmares, que crescia geograficamente e populacionalmente. Então, partindo deste princípio em que argumenta, nada sofrera quanto ao ataque que teria destruído o mocambo.

Após a expulsão dos holandeses do território brasileiro pelas tropas portuguesas com os nativos brasileiros, um novo capítulo começa a ser escrito na história de Palmares, pois os portugueses começaram a atacar o mocambo todas investidas forma infrutíferas. Segundo

Funari e Carvalho (2005), os negros refugiados em Palmares em 1667 invadem as propriedades dos senhores de negros escravos que além de raptar e libertar os negros também se apropriavam de armas, para justamente poderem fazer a defesas de sua geografia com mais contundência e equiparação de força, para com as investidas das tropas portuguesas.

O autor aponta que o governador de Pernambuco em 1670 denunciara alguns colonos por passarem armas aos palmarinos, que estaria contrariando a lei e também a Deus. Onde, passou a serem perseguidos todos que ajudassem os habitantes de Palmares. Neste caso, uma parte da sociedade pernambucana apoiava a construção de Palmares, pois ela representava uma resistência a colonização portuguesa na América e dentro de suas possessões territoriais.

Tanto que destaca o autor da necessidade de um acordo entre a província de Pernambuco e Diogo Jorge Velho para que juntos pudessem de fato conquistar o mocambo de Palmares, que ao todo sempre em crescimento populacional e também em armas, era uma ameaça direta a ordem e manutenção dos objetivos de exploração e dominação da Coroa Portuguesa em solo brasileiro. Já que o Brasil era uma Colônia de Portugal, uma das principais neste momento.

Era uma questão de honra destruir Palmares, pois sua manutenção era a afirmação da falência e poderia bélico português, e uma resistência direta as ordens de escravização dos negros em solo colonial brasileiro, assim,

Em 1694, o paulista, à frente de sua tropa de índios e mamelucos, conseguiu, em fevereiro, destruir o quilombo; no ano seguinte, Zumbi foi encontrado, morto e exposto em praça pública. Palmares deixava de existir, mas sua imagem não seria mais esquecida, rememorada a cada novo momento, por diferentes grupos sociais e de diferentes modos... (FUNARI e CARVALHO, 2005, p. 13)

A vitória das tropas portuguesas com a capitania de Pernambuco, juntamente com Diogo Velho, notamos que esta aliança se firma para conquistar Palmares e dentre as personagens de destaque, está Zumbi, que como guerreiro e rei dos negros era chefe de uma luta pela liberdade onde fora destruído, e com essa hecatombe a morte de Zumbi, gera inúmeras especulações desde a consumação.

Assim, o marco definitivo pode ser notado com a morte de Zumbi, que evidentemente desmonta uma organização mais conhecida e famosa que inspirou muitas lendas sobre o heroísmo de Zumbi e sobre o Quilombo de Palmares, em como vivia os negros e todos os refugiados dentro dos vários agrupamentos que havia.

Segundo o relato de viajantes holandeses discutidos na pesquisa de Adriano Silva (2014) que dentre eles destacam Joan Nieuhof, onde aponta em suas descrições que os “pretos” conservam a religiosidade portuguesa, evidentemente não todo o ritual, mas conservam traços da liturgia do catolicismo português, além de dispor de sacerdotes e juízes próprios, seguindo suas regras estabelecidas pela sua cultura. Assim formavam uma comunidade complexa, com misturas entre a cultura advinda de sua ancestralidade africana e as experiências vivenciadas enquanto escravizados pela coroa portuguesa.

Ainda segundo o autor, uma das ações dos negros de Palmares, era raptar os seus pares do julgo da escravização a que estavam sendo submetidos pela coroa portuguesa, assim, além de receber os cativos fugidos das fazendas produtoras de açúcar e da escravidão imposta pelos senhores de escravos, também auxiliavam na captura de negros escravizados.

As discussões que o viajante e comerciante batavo faz em seu livro é fruto de sua vinda as terras conquistadas pela Holanda em território brasileiro durante os cerca de quase dez anos de permanência, entre 1640 a 1649.

No tocante a representação sobre os palmarinos, João Blaer in Edison Carneiro (2011) relata que o rei em Palmares governava com muita força e justiça, isto significa que para ele não havia muita diferença das práticas vivenciadas pela colonização europeia. Mas de certo modo, podemos analisar que sua visão europeizada não levou em consideração as práticas de escravização entre os próprios africanos, que não queria neste sentido ser igual as práticas europeias de escravidão.

Nesse sentido, a palavra escravidão no sentido europeu não se aplica as práticas vivenciadas em Palmares, mas é perfeitamente compreensível tal posicionamento do autor, dado o contexto e o significado de escravidão que era atribuído no século XVII, como sendo de exploração de homem pela força de trabalho e este sendo como um objeto de posse de um senhor que tinha plenos poderes jurídicos sobre os negros escravizados através das garantias dadas pelo governo no ato da compra e manutenção dos negros em sua propriedade.

Sobre esta questão, um dos primeiros a historiar foi o Rocha Pitta com o seu livro *História da América Portuguesa* publicado em 1730, estabelecia que em Palmares havia uma comercialização daqueles que não se enquadrava dentro das normas estabelecidas no mocambo. Neste contexto, para o autor, a escravidão era reflexo de que os negros não se

enquadravam nos moldes civilizatórios europeus, em que aponta que preferiam viver entre as feras que entre os homens.

Concernente a este questionamento, Rocha Pitta (1952) esclarece que os negros fugiam por não saberem conviver sob domínio, e portanto, retornariam a uma espécie de barbárie africana original. Acrescenta em seus estudos que era concedida a liberdade aos negros que viessem ou chegassem ao aldeamento, no entanto “os que tomavam por força ficavam cativos e podiam ser vendidos” (1952, p. 35.).

Isto quer dizer que segundo sua perspectiva, havia negros que não desejavam serem libertos, que talvez já teriam se adaptado ao sistema escravocrata de dominação ou mesmo os que não aceitavam as ordens políticas de Palmares. Em sua própria obra, relata que o mocambo tinha laços de comercialização com as vilas próximas, situação que deixavam os mocambos em situação de vulnerabilidade. Deste modo, os negros que fugissem poderiam avisar a localização e outras informações pertinente ao aldeamento.

Esta visão de Rocha Pitta é veementemente contestada por outras pesquisas como as de Andressa Reis (2004) e José Honório Rodrigues (1979) pois, em suas leituras faltaram muitas informações para Rocha Pitta ter em suas conclusões sobre alguns aspectos de Palmares, principalmente por se basear em informações e não em documentos que pudessem justamente compreender a dinâmica do Mocambo e suas relações. Tanto que apontam ser uma obra mais ligada a uma visão poética que histórica.

Adriano Silva (2014) destaca que a obra de Pitta publicada em 1730, traz elementos muito importantes, pois insere Palmares na historiografia brasileira e reafirma sua importância e existência, mas que nela traga alguns traços das observações e pesquisas de autores holandeses da época.

Independentemente da crítica da obra de Rocha Pitta, ele trouxe um elemento bastante significativo que foi as relações dentro de Palmares ao apontar que havia um sistema de escravização dentro de Palmares. Mesmo que não fosse nos mesmos moldes da colonização europeia. O viajante e escritor holandês João Blaer (1645) presente em Edison Carneiro (2011) já havia escrito semelhanças neste sentido, onde foi corroborado por Rocha Pitta. Mas vale ressaltar que as práticas não eram semelhantes as vivenciadas pela colonização europeia, conforme já discutido anteriormente.

Nem sempre o sentimento de liberdade propagado pelo imaginário em Palmares era condizente com a vida e as relações que estavam sendo construídas dentro dos mocambos em Palmares. Conforme já discutidos aqui neste espaço, muitas relações portuguesas foram reproduzidas dentro dos aldeamentos, então de certo modo, os elementos escravocratas também foram sendo reproduzidos, com conceitos e escalas diferenciadas aplicadas a realidade política.

No tocante à composição dos aldeamentos em Palmares, Funari e Carvalho (2002) destaca que não somente era composto por negros, mas que havia também índios, que é perfeitamente compreensível já que os indígenas conheciam a geografia das matas brasileiras, favorecendo assim a dificuldade no acesso pelo distanciamento dos centros populacionais europeus.

Tal posicionamento geográfico favoreceu para que não fossem localizados com facilidade pelas incursões holandesas neste momento, e como já discutido aqui anteriormente, a destruição de Palmares por Báreo em 1644, é questionada, devido justamente a sua extensão territorial e por uma confusão de localização exata de onde seria a sede deste assentamento de refugiados ou como chamam os europeus, de negros fugidos.

Com o crescimento exponencial da população que havia nos mocambos, provocou preocupações dos governantes, pois na mesma proporção os negros viventes em palmares começaram a se proteger organizando suas próprias forças defensivas com o que podiam confeccionar ou mesmo sequestrar nos saques que faziam dos senhores de escravos. Tal situação é percebida, pois com as sucessivas investidas portuguesas os mocambos puderam resistir até sua rendição em 1697, mas antes disso, muitas lutas foram embatidas e de certa forma, o aldeamento de palmares pode se manter forte, mesmo que mudasse sua sede.

Pensando nas relações que se estabeleceram em Palmares, John Thornton (1992) aponta em seus estudos que os negros eram partícipes ativos do sistema escravocrata, que nesta perspectiva, conheciam tais práticas justamente porque vivenciavam este modelo de trabalho forçado. Então, as sociedades africanas não estariam distantes das relações estabelecidas aqui no Brasil.

João José Reis (1995) reflete também sobre uma elite que de certa forma, era privilegiada em Palmares, pois se havia esta reprodução em terras africanas, pois era de seu

conhecimento a escravidão entre si, naturalmente, palmares não estaria distante desta realidade, justamente por reproduzir as relações africanas no entorno da Serra da Barriga.

Partindo dessa construção de uma reprodução da África aqui em solo brasileiro, Nina Rodrigues (1976) esclarece que em sua visão, Palmares seria uma reprodução da selvageria africana, portanto, não era diferente das imagens que foram sendo construídas em que a África era um lugar de selvagens, diferente de ser considerado civilizados, que em sua ótica seria a cultura branca europeizada, ou mesmo os brasileiros senhores de escravos negros.

Percebemos, então, que a representação segundo os pesquisadores em palmares não era apenas uma liberdade, ou a ideia que seria uma construção de uma pátria livre no Brasil, pois, se de fato fora reproduzidas as relações que haviam e conheciam na África, certamente, João Reis (1995) teria razão ao expor que havia uma sociedade hierarquizada dentro de Palmares.

Estas relações apontam que as percepções de Rocha Pitta (1952) demonstram que havia uma espécie de escravidão dentro de Palmares, que mesmo não reproduzindo fielmente as práticas colonizadoras europeias no Brasil, mas certamente, trazia consigo o sentido da escravidão eu vivia na África, já que o mocambo era um refúgio a todos os negros que estavam na condição de escravizados.

Pensar em Palmares é também perceber que não havia apenas negros em sua constituição, mas índios faziam presentes. Então, não havia uma sociedade homogênea, mas havia diversidade dentro de palmares, cujas relações sociais ainda são objetos de estudos e questionamentos, onde desejamos entender como a diversidade linguística e posição social eram tratados dentro de Palmares.

Neste sentido,

A hierarquia no quilombo poderia ser ainda observada no assentamento, já que a cerâmica comum foi encontrada em toda parte nos sítios da Serra da Barriga, enquanto a cerâmica vidrada tem distribuição muito mais restrita e isto poderia indicar a existência de áreas de elite na comunidade. Em um sítio, cerâmica importada, nativa e quilombola aparecem associadas, sugerindo que uma parte do assentamento podia ser ocupada por uma elite. A julgar pela evidência cerâmica, a elite não era tampouco homogênea, mantendo contatos variados com colonos nas redondezas e na costa.

(FUNARI, 2001, p. 23)

Analisando através dos vestígios deixados pelos palmarinos, através das cerâmicas conforme destaca na citação, notamos que havia uma certa distinção entre as regiões onde foram encontradas tais cerâmicas. Pois, sua elaboração e sofisticação nos remete que havia uma parte da sociedade que tinha melhores condições de posse, isto reflete no plano cultural e econômico, de certa forma também no político, pois como percebemos nas sociedades a política é detentora de poder e decisão.

Mesmo entre as áreas compreendidas como da elite havia variações dentre elas de acordo com o contato de que tinha e a comercialização com outras vilas, pois neste caso, o poder econômico irá de certo favorecer a esta elite em expansão em Palmares. Neste caso, como sendo uma alusão da África, os negros estariam já habituados a terem um líder ou chefe, que servia de fiel da balança e comando. Assim, se constitui essa elite a partir das relações que tinham com o comandante em palmares ou o que chamou a ser um rei.

4.3 As construções imagéticas da representação de Palmares

Segundo Thiago Souza (2013) durante a segunda metade do século XIX, houve uma busca pela identidade e nacionalização da sociedade brasileira, principalmente buscada e liderada pelo IHGB (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), assim os debates foram bastantes intensificados pela busca da identidade da nação brasileira. Neste contexto surge Palmares e consequentemente suas leituras sobre Zumbi e a construção de uma identidade nacional dentro do viés dos intelectuais do IHGB, ampliada também pela discussão da abolição do trabalho escravo dos negros africanos e nascidos no Brasil.

Sobre esta questão da importância do IHGB referente ao conhecimento sobre Palmares, Leda Oliveira (2005) nos informa que já em 1859, houve uma publicação sobre Palmares numa revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, onde em sua Revista, listava as guerras realizadas contra Palmares, cujo Título: “Relação das guerras feitas aos Palmares de Pernambuco no tempo do governador D. Pedro de Almeida, de 1675 a 1678” que a princípio aponta como sendo de autoria anônima. Ainda aponta em seu estudo que não era apenas esta a única narrativa sobre os conflitos contra os palmarinos, mas em 1876, uma matéria também publicada pela revista do IHGB: “Memoria dos feitos que se deram durante os primeiros annos de guerra com os negros quilombolas dos Palmares, seu destroço e paz aceita em Junho de 1678” que segundo a autora, também não sabe-se quem é o autor da narrativa.

Contribuindo com a discussão, Thiago Souza (2013) aponta em sua pesquisa, que nas narrativas históricas do século XVII as discussões giram em torno as guerras imposta pelos colonizadores europeus, quer sejam holandeses ou portugueses, isto quer dizer, que neste sentido, neste século, os fatos escritos pelos autores e viajantes pelo território também de origem batava ou lusitana, traziam consigo enredos que enalteciam as lutas impostas a Palmares pelos governos europeus durante este período, em que a região de Palmares estava sob domínio holandês e após sua expulsão em 1654, sob domínio novamente pela coroa portuguesa.

Cronologicamente, a historicidade sobre os mocambos que se formaram na Serra da Barriga, teve muitas leituras feitas a posteriore. E nessa construção, que Leda Oliveira (2005) a autoria nos informa que, durante o século XVIII irão se destacar dois autores que mencionaram Palmares em suas pesquisas: Sebastião da Rocha Pita, na *História da América Portuguesa* (1730), que especificamente em sua obra trata sobre Palmares, as páginas 471-486 e Domingos Loreto Couto, nos *Desagravos do Brasil e glórias de Pernambuco* (1757), que trata especificamente em sua obra sobre palmares o *Livro Oitavo*, capítulo 4º *Das guerras civis do Palmar*, nas páginas 539-546. Estes foram fundantes na construção das mentalidades sobre o que se conhecia sobre o entorno de Palmares.

No que se refere a historiografia sobre Palmares, a autora destaca uma obra anônima, da qual põe na integra no final de sua discussão, chamada *Relação Verdadeyra*, escrita certamente na posteridade a conquista dos agrupamentos de refugiados negros. Nela consta muitas informações que em pesquisas recentes não estavam sendo contempladas, pois o documento estava em posse de um particular, que só na década de 1970 entregou a Biblioteca nacional em Portugal, da qual a foram paleograficamente transcrita para o português moderno, afim de estudar os fatos de um documento bastante próximo e que de fato menciona Palmares e os conflitos para a sua conquista.

A autora segundo suas leituras sobre a *Relação Verdadeyra*, informa que,

Domingos Jorge Velho, o mestre-de-campo dos paulistas, aparece nesta história, e isto é um dado inquestionável. Mas entra como um militar quase fantasma no meio dos sucessos, sem muita perspectiva de ação e um pouco acuado pelo inimigo. Note-se que a agudeza e a perspicácia de engenho encontram-se no capitão-mor Bernardo Vieira de Melo. Segundo o historiador da *Relação*, é o capitão-mor quem dirige e salva a guerra. É ele

quem orienta o mestre-de-campo dos paulistas. É ele o verdadeiro vitorioso do enredo. (266)

A visão da autora é clara ao ler o documento, que neste caso o principal comandante das tropas vencedoras da capitania de Pernambuco e portuguesas, não fora como está explícita do Domingos Jorge Velho, como a historiografia brasileira apresenta até então como sendo propagada. Assim, a função de capitão-mor era a que mais intensamente estava na frente das batalhas que foram travadas contra os palmarinos. No entanto, acreditamos que neste caso o poder político e econômico fez construir o nome de Domingos Jorge Velho como o grande conquistador.

Já no século XIX, segundo o autor, as narrativas estavam centradas no heroísmo daqueles que conseguiram destruir ou conquistar os agrupamentos de refugiados, principalmente o grupo do bandeirante paulista Diogo Jorge Velho, que definitivamente teria destruído Palmares, conquistando definitivamente.

De qualquer forma, as imagens construídas sobre Palmares tiveram várias interpretações e as representações construídas variaram muito de acordo com as leituras que os historiadores propuseram a fazer sobre Palmares. Um dos ícones certamente fora Zumbi, que como informa Rocha Pita (1952) teria se suicidado de um penhasco, que de forma poética assim teria sido o fim do guerreiro de Palmares, tido como rei pelas narrativas historiográficas.

Tal visão apresentada por Rocha Pita foi durante questionada, pois devido a não consulta a documentos que trariam outras leituras, o que deixou Pita apenas com as informações que foram transmitidas a ele, ou as que desejou registrar em sua obra. Questionando seu posicionamento, Francisco Varnhagen (1816-1878) segundo consta em José Rodrigues (1979), aponta-o como sendo mais imaginativo que pensador. Isto nos remete que no século XIX, a visão de Rocha Pita que era descendente português, nascido no Brasil, estava sendo questionada devido ao surgimento de novos elementos e documentos, creditando neste contexto, que outras perguntas vinham sendo feitas, cujas análises não estavam dando conta de responde-las.

Thiago Souza (2013) destaca também em sua pesquisa que durante o século XIX, havia um temor da construção de um ‘Novo Haiti’ aqui no Brasil, esse pensamento percorria toda a elite imperial brasileira, que acima de tudo desejava a manutenção do sistema escravocrata, e neste sentido, uma leitura que contrariava este posicionamento não seria bem aceita ou bem-

vinda pela sociedade. Esse temor era advindo da emancipação do Haiti, provocada pelos negros escravizados em sua maioria, que se palmares fosse revivida como uma sociedade negra, poderia no Brasil se instaurar, que neste contexto, quebraria toda a lógica da sociedade europeia branca que era a base das relações no Brasil.

Seria uma ascensão não desejada pela elite imperial, então podemos perceber que as narrativas historiográficas iram apontar a construção das glórias para os vencedores brancos e principalmente para o conquistador de palmares o bandeirante Diogo Jorge Velho, que neste caso, seria a construção de um herói nacionalmente brasileiro, forte e desbravador. Pensamento amplamente aceito e desejado pela elite escravocrata. Essa busca pela construção de um heroísmo dos conquistadores era necessário, para a construção da identidade nacional, que de certo, não possuía referenciais brasileiros nativos, que pudessem ser lembrados e registrados pela história como grandes heróis nacionais.

Assim, podemos entender que muitas versões e visões sobre Palmares circulava no Brasil durante a segunda metade do século XIX. Muitas delas propagadas pelo IHGB que tinha uma revista onde os pensadores e intelectuais que eram associados da Instituição podiam publicar e pesquisar. Neste sentido, foi muito importante por divulgar leituras sobre determinadas posições históricas na construção da própria História do Brasil.

As argumentações e visões que os historiadores tiveram sobre o Palmar ou mais recentemente palmares, mostraram que a história ao longo do tempo foi construída de maneira a deixar de lado a importância que tivera no Brasil e que mesmo sendo revisada pelo IHGB. Em que a penas os grandes feitos e heroísmos dos colonizadores ou descendentes é que foram registradas e que, de posse de novos documentos, podemos até questionar as grandes construções feitas para com a conquista de palmares.

Inegavelmente, pelo pensamento romântico da qual Castro Alves está inserido, de uma poesia de cunho mais social e denunciante, não podia o poeta deixar de não expor sua visão sobre Palmares, sagrando-a com uma poesia clássica que fazia com que os ouvintes de sua declamação, pudesse refletir em como os negros refugiados neste quilombo, pode construir sua liberdade.

O IHGB fora sem dúvida muito importante nesta propagação do conhecimento sobre Palmares, e a primeira publicação de uma matéria sobre, em 1859, alicerçou definitivamente a

perspectiva da construção da hegemonia branca colonizadora sobre a inferioridade negra que estava sendo construída dentro do Brasil no século XVII.

Como intelectual e estudante das faculdades brasileira de direito de Recife e Rio de Janeiro, certamente Castro Alves deve ter feito suas leituras sobre, e neste sentido, sua poesia não irá se contrapor a esta visibilidade, mas poetizará sobre uma conformidade e possibilidade de uma liberdade que os negros poderiam ter em Palmares que a sociedade escravagista brasileira não pudera dar.

Talvez, Castro Alves não tinha todas as leituras sobre o contexto da discussão em torno de Palmares, mas traduzia em seus versos o pensamento de uma classe que lutava contra a escravização dos negros em solo brasileiro e deste modo, o poeta saudou com uma poesia. Então, viajaremos na visão de Castro Alves sobre Palmares...

4.4 Lutar e resistir na poética em Castro Alves: Palmares e o sonho de uma África brasileira

O poeta em seu tempo apresenta aos leitores sua visão de um ambiente, onde os escravizados podiam conhecer sua plenitude em liberdade, mas que esta custava caro e de certa forma, essas comunidades, até então desconhecidas pela maior parte da população como um lugar de liberdade, mas como um esconderijo para os negros escravizados fujões.

Em “Saudação a Palmares”, Castro Alves inicia sua poesia enfocando o espaço geográfico onde possivelmente situara o maior reduto de negros escravizados do Brasil ainda no período colonial, conhecido como Palmares, onde redige que,

Nos altos cerros erguido
Ninho d’águias atrevido,
Salve! – País do bandido!
Salve! – Pátria do jaguar!
Verde serra onde os palmares
- Como indianos cocares -
No azul dos colúmbios ares
Desfraldam-se em mole arfar!... (ALVES, 2004, p. 115)

Nesta primeira estrofe já percebemos o uso da figura de linguagem Elipse, onde consiste na omissão do sujeito ou mesmo dos vocábulos morfológicos como o artigo, verbo ou objeto, que neste caso, o poeta omite a expressão do verbo ter ou haver, que subtendido percebe-se ao analisar.

Podemos ainda perceber nesta primeira estrofe o uso do hipérbato, onde há uma inversão natural dos sintagmas em seu texto, que de certa forma, causa um efeito de estranhamento que denuncia assim, a função poética da linguagem que é tão recorrente nas poesias de Castro Alves, que podem ser observadas nos dois versos finais, que pode ser invertida sua posição, assim fica mais compreensível sintaticamente.

O uso da exclamação nos versos que se seguem nos remetem que deseja destacar ou chamar a atenção para com a condição que aponta sobre a pátria brasileira, colocando na posição de escravizadora e mantedora de desumanidade para com os negros que aqui eram escravizados.

Inicialmente, destaca a posição geográfica, onde diz que “nos altos cerros”, um lugar onde às águias estão a fazer seu ninho ou estar. Conforme já citado aqui, a exclamação no terceiro verso, dimensiona a atenção que o poeta deseja provocar no leitor ou ouvinte de sua poesia. Historicamente, percebemos que no século XIX a sociedade era escravocrata e via no sistema da escravidão a própria sustentação econômica do Brasil, como destaca Boris Fausto (2009) ao expor a sociedade neste momento.

Castro Alves chama essa pátria que sendo na América, um símbolo um condor, que era a figuração da liberdade, na verdade era uma pátria do jaguar, onde os bandidos a que remete o poeta, escraviza e faz dos que chamam de bandidos por serem de certa forma cruéis, e sendo portanto, os verdadeiros jaguares desta pátria.

A imagem que tem sobre as serras onde estaria localizado Palmares, justamente na passagem: “verdes serra”. Certamente se referindo a Serra da Barriga, onde nos entornos dos Palmares, conforme nos informa Pedro Funari (2005) expõe a região onde estava localizados os vários agrupamentos de negros refugiados onde situa-se Palmares.

Tocante a este contexto, na estrofe seguinte, o poeta é bastante enfático, onde irá posicionar sua representação em como eram os habitantes de Palmares, como podemos observar na estrofe abaixo:

Salve! Região dos valentes
 Onde os ecos estridentes
 Mandam aos plainos trementes
 Os gritos do caçador!
 E ao longe os latidos soam...
 E as trompas da caça atroam...
 E os corvos negros revoam
 Sobre o campo abrasador!... (ALVES, 2004, p. 115)

Segundo o poeta é uma região de valentes, neste verso inicial, observamos a exaltação dos negros que lá estavam e defendiam o mocambo, pois abre com uma exclamação e expõe sua leitura, colocando como sendo uma região de valentes, guerreiros e caçadores, são os adjetivos que usa para qualificar ou caracterizar o sujeito negro de sua poesia.

Estas características são usuais em suas poesias, pois enaltece a figura do negro de forma tribal como Castro Alves o via, já que nos traços de sua poesia, tenta argui que Palmares era o lugar de liberdade dentro do período colonial brasileiro.

percebemos nesta estrofe em sua poética, o uso de metáforas, que exprimem segundo P. Mendes (2017) uma transferência de significados e sentidos a um terno, que neste sentido, transfere significados de um sintagma próprio para um sentido figurado, onde neste contexto, o sentido original não lhe pertence, podendo ser percebida em “Os corvos negros revoam/ Sobre o campo abrasador” (ALVES, 2004, p. 115). Onde também notamos a presença de sua ironia, tão corriqueira em sua poética.

As relações que se estabeleceram em Palmares, nem sempre remetia à construção de uma liberdade. Pois, como bem destaca Rocha Pitta (1952), havia uma espécie de escravização entre os habitantes. Talvez não nos moldes da colonização europeia, mas de certa forma, havia relações de trabalhos forçados e até mesmo podendo ser comercializado os negros que não se sujeitassem a Palmares, reproduzindo assim, as mesmas práticas que tinham em solo africano. Vale destacar que a visão de Rocha Pitta, é uma leitura que faz partindo de uma ótica escravocrata, onde suas referências partem da sociedade que está.

Esse sentimento de liberdade em que o poeta vê na exaltação á Palmares se dá nos versos seguintes, onde exprime a questão espacial, sem correntes ou sentimentos que o impedisse de ir onde desejasse ir, e seu grito, ouvido por toda a geografia da região, percebida também pelas revoadas das aves, dos corvos negros, nos campos quentes como chama.

No que se refere a geografia de Palmares, na terceira estrofe o poeta, toca mais enfaticamente, da qual já abre o verso inicial com sua exclamação usual nas estrofes iniciais, com a palavra Palmares. E seguidamente, acrescenta essa força de luta ao urdir grito, como uma espécie de altivez imperativa, como podemos perceber logo a seguir:

Palmares! a ti meu grito!
A ti, barca de granito,
Que no soçobro infinito
Abriste a vela ao trovão.
E provocaste a rajada,
Solta a flâmula agitada
Aos uivos da marujada
Nas ondas da escravidão! (ALVES, 2004, p. 115-116)

A palavra denota uma entonação maior, que nas recitações elabora mais tonicidade e requer um brado. Este brado, que o poeta quer evidenciar a um povo, um lugar de resistência, tanto que nos versos que seguem, usa os adjetivos como granito, trovão, justamente para simbolizar esta força guerreira que a terra tinha para com seus habitantes.

Esta evidência que fez no início desta estrofe, já denota a força que tinha o mocambo, pois, mesmo com a vitória que Báreo teve em 1644 conforme nos informa Funari e Carvalho (2005), que teriam invadido e conquistado, esta mesma visão é contestada por Nina Rodrigues (2010) que destaca que pode ter havido um erro de localização geográfica, e a invasão de fato aconteceu, mas não no Palmares da Serra da Barriga, mas em uma Palmares próximo da região; Palmares se manteve imponente.

Percebemos o uso das hipérboles nesta estrofe, que de forma exagerada ao limite compatível conforme define Perelman e Olbreschts-Tyteca (2000), pode ser percebida nos versos em “Solta flâmula agitada” ou em “ Soçobro infinito” onde o poeta escreve para dar ênfase e chamar a atenção do leitor, e com estes significados de excessos empregar no texto maior sentido a sua perspectiva contrária a escravidão.

Ainda concernente a visão de liberdade que o poeta tinha sobre Palmares, na quarta estrofe, expõe essa afronta a sociedade escravocrata brasileira, onde

De bravos soberbo estádio,
 Das liberdades paládio,
 Pegaste o punho do gládio,
 E olhaste rindo p'ra o val:
 “Descei de cada horizonte...
 Senhores! Eis-me de frente!”
 E riste... O riso de um monte!
 E a ironia... de um chacal!... (ALVES, 2004, p. 116)

O poeta na estrofe acima chama atenção que os palmarinos também lutavam pra manter seu espaço erguido. Não obstante deste pensamento, João José Reis (1995) já destaca que quilombolas invadiam fazendas e levavam as armas, idêntica posição observadas nos estudos de Funari e Carvalho (2005) que expõe esta forma de resistência dos negros refugiados.

O poeta ao redigir esta poesia em 1870, expõe que os negros também pegam em armas e com o punho de sangue lutam pela liberdade que é tão ironizada pela sociedade escravocrata brasileira, que apática em sua maioria, desejava a manutenção do sistema escravista e de seus privilégios em possuir em negros escravizado como propriedade.

Castro Alves não poupa críticas aos senhores escravocratas, que os chama de chacal, por nem atenção dar a luta dos negros escravizados, que mesmo pegando o punho do gládio, como escreve o poeta, não será suficiente para vencer, mas será suficiente para lembrar que houve na história do Brasil, uma comunidade de negro que criaram sua liberdade em Palmares, que neste sentido, é importante notar que era preciso apoiar esta luta.

Mesmo que o poeta não encoraje em sua poesia a luta armada dos negros para com os senhores, mas traz em seus versos de uma forma sutil essa resistência que para se defenderem tiveram que impor as armas, que chama de gládio. Acreditamos que a sinonimação, fora justamente para não provocar a ira dos grandes proprietários, mas creditar que palmares fora um ambiente de lutas e vitórias, que a sociedade destruiu.

Nos quatros versos finais da quinta estrofe e na sexta estrofe, o seu eu-lírico faz referência as mulheres as negras que habitavam palmares, exaltando sua força, beleza e coragem, como podemos ver abaixo:

Crioula! o teu seio escuro
Nunca deste ao beijo impuro!
Luzidio, firme, duro,
Guardaste p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem
As vozes – que traz a aragem
Do teu rijo caçador!... (ALVES, 2004, p. 116)

Nas estrofes acima, podemos perceber como o poeta trata em sua visão a mulher negra, parte constituinte de Palmares, que tinha significativa importância. Apesar de em muitos versos serem adjetivadas no masculino, aponta para os leitores a força, virtude e guerreira em como é apresentada. Ainda é comparada a Diana, uma deusa grega, que era a deusa da caça.

Essa comparação que faz chamando-as as palmarinas de Diana Negra, metaforizando assim sua personalidade, guerreira, força e caça, podemos perceber que a comparação enquanto figura de linguagem, nos revela no texto, que o autor empregou por haver semelhança entre ambas. P. Mendes (2017) aponta que a comparação é utilizada quando características comuns são atribuídas ao outro.

Ainda usa metáforas que não é comum as negras, mas a aborda para dar ênfase em sua percepção sobre a mulher, atribuindo adjetivos de sagacidade e força, além de exprimir sua beleza, que exalta em na poesia.

Nesse sentido percebemos como forte era em sua visão poética, que ainda acrescenta nos versos iniciais da última estrofe, onde ainda continua a comparação com as guerreiras gregas, que eram chamadas de amazonas e com a sua habitual exclamação, conforme podemos notar a seguir:

Salve, Amazona guerreira!
Que nas rochas da clareira,
- Aos urros da cachoeira -
Sabes bater e lutar...
Salve! – nos cerros erguido –

Ninho, onde em sono atrevido,
Dorme o condor... e o bandido!...
A liberdade... e o jaguar! (ALVES, 2004, p. 117)

Percebemos ao longo da análise em sua poesia, Castro Alves exprime em seus versos, uma poesia de cunho social e denunciadora das práticas escravocratas de uma sociedade que via no negro uma propriedade de usufruto e não como um ser humano. Especificamente, em *Saudação a Palmares*, o poeta expõe suas leituras sobre a maior organização de negros da história brasileira.

Com as influências do IHGB com suas publicações e leituras sobre palmares, o poeta se destaca por expor sua visão romântica sobre palmares, como uma espécie de exaltação a memória e história de todos os refugiados que lá habitavam. Em suas leituras analisamos também que apresenta tanto o negro quanto a negra, ambos de forma bastante selvagem, guerreira, mas que em seu cerne, queria apontar a liberdade como possibilidade, mas que foram conquistados pelos colonizadores portugueses.

Conforme citado acima, o IHGB fora muito importante na propagação de Palmares, que assim o sendo, Castro Alves, com sua posição romântica diferenciada quanto a abordagem em relação aos demais poetas e romancistas deste período, não menciona Zumbi dos Palmares. Tal personagem tão emblemática e importante na historiografia, que suscitou muitos debates, mesmo após a conquista, não é citado em sua poesia.

O que levou o poeta a não questionar ou apontar a participação de Zumbi em seu texto? Será que as publicações do IHGB, de fato teve uma participação efetiva na construção de sua poesia e visão sobre Palmares? Ou será que Zumbi não sendo bem visto pela sociedade aristocrata brasileira, que via em Diogo Jorge Velho com o conquistador e exemplo de herói nacional, e assim, o poeta não quis este embate? São muitas questões que suscitam inúmeros debates, mas que infelizmente, não houve tempo hábil para tais continuidades que noutra oportunidade sentaremos novamente para ampliar e discutir estes e outros temas recorrentes a poética de Antônio Frederico de Castro Alves.

ÚLTIMAS PALAVRAS

A pesquisa pretendeu analisar como Castro Alves via em sua poesia as imagens sobre África, travessia e suas leituras da resistência dos negros em terras brasileiras, percebendo como a literatura que produziu repercutiu na sociedade aristocrata na construção de idealizações que a partir de suas poesias, influenciou toda uma geração de políticos, poetas, acadêmicos e profissionais liberais na luta contra a escravidão.

O poeta baiano fez de sua poética uma forma de resistência contra a instituição da escravidão no Brasil e, sua circulação pelos principais meios sociais no Brasil Imperial, fez que sua poesia alcançasse espaços acadêmicos e leitores ávidos de seus textos, que provocou críticas e também elogios a sua poética.

A forma como escreveu marcadamente de influência europeia, e o deslocamento das demais produções do romantismo, do qual não se encaixava, fez de seus poemas destaque, pois traziam neles a questão da escravidão e como os negros africanos estavam sendo condicionados pela sociedade aristocrata brasileira. Neste sentido, ao conhecermos sua biografia intelectual, podemos compreender melhor a forma como tratava seus temas e como observava o sistema que ordenava as relações no Brasil para com os negros.

Foi nessa perspectiva, que navegamos em seus pensamentos e suas dúvidas, pois tinha um dilema em sua caneta: escrever sobre a escravização para uma sociedade escravocrata. Situação muito incomum de se resolver, justamente, porque não era palatável um tema que incomoda até nos dias de hoje, e ficamos nos perguntando como eram impactantes seus poemas no auge de várias lutas e questões sociais que estavam acontecendo na segunda metade do século XIX.

O poeta entra em cena em 1847 e nos deixa em 1871, com uma vasta produção de poesias, poemas que só puderam ser reunidos postumamente e assim, ter uma dimensão de como o poeta via a escravidão em toda sua percepção. Diante deste cenário, a *Obra os Escravos* é publicada pela primeira vez em 1883 e serviu de complemento para as campanhas abolicionistas que se seguiram até a abolição da escravidão em 1888.

No entanto, suas poesias não morreram juntas com a abolição, continuam vivas no imaginário e na construção de um poeta que somado a outros lutou contra o sistema escravista

e como arma usou a caneta e para sua defesa o papel com os versos por vezes rimados, por vezes declamados, mas escritos poeticamente com uma temática só: a escravização.

Dentre as várias poesias, escolhemos três: Vozes D'África, Navio Negreiro e Saudação a Palmares, pois o tempo no mestrado de dois anos é curto e tínhamos que delimitar metodologicamente nossas fontes para enfim, analisar e compreender como Castro Alves trouxe temas tão incomuns num momento de debates intensos, inclusive em questões que tangem a Guerra do Paraguai, já muitos escravos lutaram por uma liberdade que não libertava.

O posicionamento político que o poeta adotou, também contribuiu para nossas análises, pois durante seu percurso de vida não houve abandonos na causa, nem mudanças de pensamentos, mesmo sua poesia se aproximando do realismo, não deixou de escrever poeticamente as tragédias e seduzir o leitor em seu romantismo, vendo beleza na África e nos africanos, onde ninguém mais via.

Seus poemas também sofreram críticas. Algo muito pertinente para quem escrevia a uma sociedade letrada que acima de tudo, desejava manter seus privilégios e como ele a exploração das mãos negras. Destacamos esse fato porque mesmo que o Fausto Cunha tenha razão em chamar o poema épico Navio Negreiro como anacrônico, vemos possibilidades de abordagens que ampliam a questão histórica. Pois, não eram comuns informações sobre África e travessia no Brasil e suas poesias penetravam os lares, saraus poéticos, academias e conversas no parque, não por ser um informativo jornalístico, mas por ser uma poesia em que seduzia quem lia.

Mesmo que esta poesia seja homônima à Alemã, o que nos interessa nesta questão é sua leitura sobre o mar e as relações que se construíram e fizeram de várias nações serem cristianizadas, descaracterizadas para pertencerem a um destino cruel que a escravidão trouxe para seus ombros e braços, construindo uma economia que se via dependendo cada vez mais do suor, lágrimas e sangue dos negros africanos e afrodescendentes no Brasil. Concernente a esta questão, é certo que o negro sempre como coitado, portanto, vítima do sistema escravagista e nunca como reacionário, que lutava contra a escravidão com mais afinco, que a historiografia aponta vários movimentos e resistência dos negros a escravidão.

Mas qual outro poeta da literatura brasileira deste período tratou exclusivamente de temas como África, Tráfico de negros e quilombos? Na discussão que apresentamos inicialmente, trouxemos a construção que o poeta faz em torno de sua representação sobre a

África e em seguida em navio negreiro, ver os cenários que poeticamente cria para abordar o tráfico de escravos entre o Brasil e a África.

As dicotomias que apresenta sua abordagem, principalmente no que se refere a liberdade para o poeta, que ambigualmente ele traz ao longo da década em sua poética, apresentando uma África de sofrimento e uma Palmares de liberdade ou de sonho de liberdade, que neste meio terno, há a travessia, que escreve completando um raciocínio de representações que vem desde a África continente natal, passando pelo tráfico de negros nos navios tumbeiros pelo mar até o Brasil, e finalmente a constituição de liberdade na África à Brasileira em Palmares.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a arte de inventar o passado*. Bauru: Edusc, 2007.

ALVES, Castro. *Os Escravos*. Coleção clássicos da literatura: obra completa. Rio de Janeiro, 2004.

AMADO, Jorge. *ABC de Castro Alves*. Rio de Janeiro: Editora Martins, 1941.

AMORA, Antônio Soares. *O romantismo (1833-1838/1878-1881)*. 4 ed. São Paulo: Cultrix, 1973.

ANKERSMIT, Franklin Rudolf. *A Escrita da História: a natureza da representação histórica*. Trad. Jonatham Menezes [et al.]. Londrina: Eduel, 2012.

ARAÚJO, Bárbara Del Rio. *Mito e história encenados no “navio negreiro”*. Revista Avepalavra – ed. 12 – 2º semestre 2011. Disponível em: www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/12/artigos/araujo.pdf Acesso em: 18/05/2016.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad., Pref., Introd., Com., Apend. de Eudioro de Sousa. Porto Alegre: Globo, 1966.

AZEVEDO, Vicente. *O poeta da liberdade*. São Paulo: Clube do livro, 1971.

BARBOSA JUNIOR, Ademir. *O livro essencial da Umbanda*. São Paulo: Universo dos livros, 2014.

BARBOSA, Rui. *Elogio de Castro Alves* – Discurso pronunciado na comemoração do décimo aniversário da morte do poeta. (1881), Rio de Janeiro: Edição da Organização Simões, 1953.

BENJAMIN, Walter. *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 1992.

BOAHÉM, Albert Adu. “Tendência e processos novos na África do século XIX”. In: AJAYI, J.F. *História geral da África, VI: África do século XIX à década de 1880*. Brasília: UNESCO, 2010.

BOSI, A. “Sob o signo de Cam”. In: NOVAES, A. (Org.). *Dialética da colonização*. 4.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992. p.246-272.

_____. *História concisa da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1975.

CANDIDO, A. Poesia e oratória em Castro Alves. In: NOVAES, A. (Org.). *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. 7.ed. Belo Horizonte/Rio de Janeiro: Itatiaia, 1993 (v. 2).

_____. *Formação da literatura brasileira - momentos decisivos*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1975. v. 2.

CARMO, Carlos Eduardo Vieira do. A comunicação poética. In RIBEIRO, Amador Neto (org). *A linguagem da poesia*. João Pessoa-PB: Editora da UFPB, 2011.

CARNEIRO, Edison. *Castro Alves – ensaio de compreensão*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1937.

_____. *O Quilombo dos Palmares*. 5. Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

CEGALLA, D.P. *Novíssima Gramática da Língua Portuguesa*. São Paulo: Editora Nacional, 1998.

CHAGAS, Waldeci Ferreira. “A arte de inventar e escrever a história” In: LINS, Juarez Nogueira. *Literatura, Leitura e Ensino*. Guarabira: UEPB, 2006.

CHALHOUB, Sidney. *Machado de Assis historiador*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

CHARTIER Roger. *Debate História e Literatura*: Conferência proferida por Roger Chartier, em 05 de novembro de 1999. Rev. Elet. Topoi: Rio de Janeiro, nº.01, pp. 197-216. acesso em 08/07/2012.

CHERUBIM, Sebastião. *Dicionário de figuras de linguagem*. São Paulo: Enio Matheus Guazzelli, 1989.

COHEN, Jean. *Estrutura da linguagem poética*. Trad. Álvaro Lorencini e Anne Arnichand, 2ª ed. São Paulo: Cultrix, 1978 (171).

CONRAD, Robert. *Os últimos anos da escravidão no Brasil 1880 – 1888*. Trad. Fernando de Castro Ferro, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília, INL, 1978.

COSTA E SILVA, Alberto. *Castro Alves: um poeta sempre jovem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. *Imagens da África*. Revista de História da Biblioteca Nacional, ano 1, nº 12, setembro de 2006, p. 28.

_____. Alberto. *O Brasil, a África e o Atlântico no século XIX*. Estudos Avançados, nº 8 (21), 1994, pp. 36-7 Conferência do Mês do IEA feita pelo autor em 7 de abril de 1994.

COSTA, Emília Viotti da. *A Abolição*. 8 ed ver. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

CUNHA, Fausto. *O Romantismo no Brasil: de Castro Alves a Sousândrade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1971.

David Eltis, Stephen Behrendt, David Richardson e Herbert Klein, *The Transatlantic Slave Trade, 1527-1867: A Database on CD-ROM*, New York: Cambridge University Press, 1999.

DIAS JUNIOR, Valter Gomes. *Poesia e identidade em Castro Alves*. Dissertação de Mestrado PPGLI/UFPB. João Pessoa, 2010.

ELTIS, David; BEHRENDT, Stephen D.; RICHARDSON, David. *A Participação dos países da Europa e das Américas no tráfico Transatlântico de Escravos: Novas Evidências*. Trad. Isabel Cristina Ferreira dos Reis e João José Reis. Revista Afro-Ásia, N° 24, 2000. (9-50pp) Disponível em: http://www.afroasia.ufba.br/pdf/afroasia_n24_p9.pdf Acesso em: 18 de julho de 2016.

FAUSTO, Boris. *História Concisa do Brasil*. 2 ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. *Da ambigüidade ao equívoco: nos limites da sintaxe e do discurso*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2000.

FOGAL, Alex Alves. “o navio negreiro” de Castro Alves e sua formulação poética. REEL – Revista Eletrônica de Estudos Literários, Vitória, s. 2, ano 7, n. 9, 2011.

FUNARI, P.P.A. *Heterogeneidade e conflito na interpretação do Quilombo dos Palmares*. Revista de História Regional, 6,1, 2001, 11-38, ISSN 1414-0055.

FUNARI, Pedro Paulo e CARVALHO, Aline Vieira. *Palmares, ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

GAARDER, Jostein, HELLERN, Victor, NOTAKER, Henry. *O livro das religiões*. Trad. Isa Mara Lando. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

GILROY, Paul. *O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência*. Trad. Cid Knipel Moreira. São Paulo: Editora 34/Universidade Cândido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos, 2001.

Gregory Rabassa. *O negro na ficção brasileira*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1965.

HOBBSAWM, Eric. J. *A era das revoluções: Europa 1789-1848*. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

HUGO, Victor. *Do grotesco e do sublime*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

JORGE, Elaine Cristina da Silva (et al). *História, Literatura e Pintura: O Cotidiano dos Escravos*. In: LINS, Juarez Nogueira. *Literatura, Leitura e Ensino*. Guarabira: UEPB, 2006.

LAME, Danielle. *Diáspora: panorama das pesquisas e geopolítica*. Revista Eletrônica: Tempo -Técnica- Território, V.3, N.2 (2012). Disponível em: <http://inseer.ibict.br/ciga/index.php/ciga/article/view/158> Acesso em 18 de julho de 2016.

LE GOFF, Jacques. *A escola Nova*. Lisboa: Edições 70, 1978.

LE GOFF, Jacques *História e Memória*. 4ª ed. Campinas: ed. Unicampus, 1996.

LIMA, Carolina. *Uma visão histórica do poema “Vozes D’África” de Castro Alves*. Igualitária: Revista do Curso de História da Estácio BH ISSN - Belo Horizonte, Vol.1, n.1, jul-dez 2012: Gerais: Memória, Identidade e Patrimônio.

LOPES RODRIGUES, H. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Pongueti, 1974.

MAMIGONIAN, Beatriz. *Em Nome da Liberdade: Abolição do Tráfico de Escravos, o Direito e o Ramo Brasileiro do Recrutamento de Africanos (Brasil – Caribe Britânico, 1830-1850)*. **Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 3, n. 6, p. 67-92, ago. 2012. ISSN 1984-9222. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/mundosdotrabalho/article/view/1984-9222.2011v3n6p67/22748>>. Acesso em: 19 jul. 2016.

MANNING, Patrick. *A escravidão e mudança social na África*. Trad. Nuno Ramos. NOVOS ESTUDOS: CEBRAP. N° 21 – julho de 1988. (pp. 9-29).

MENDES, P. “Metáfora”. In CEIA, C. *E-dicionário de termos literários*. Disponível em: <http://www.fcsh.unl.pt/edtl/verbetes/M/metafora.htm>. Acessado em: 20/04/20107.

MONTEIRO, Ruy, PUEBLA: *A questão sul-africana: pelo fim do apartheid*. Petrópolis: vozes, 1985.

NABUCO, Joaquim. *O Abolicionismo*. Brasília: Editora Vozes, 1977.

NÓBREGA, Geralda Medeiros. “Literatura e História: um dialogo possível” IN: SILVA, Antônio de Pádua Dias. *Literatura e Estudos Culturais*. João Pessoa: UFPB, 2004.

OLIVA, Anderson Ribeiro. *A Invenção da África no Brasil: Os africanos diante dos imaginários e discursos brasileiros dos séculos XIX e XX*. Revista África e Africanidades - Ano I - n. 4 – Fev. 2009 - ISSN 1983-2354 (p 1-27).

OLIVEIRA, Cláudia Freitas de. “História e Literatura: Relação de sentidos e possibilidades” IN: VASCONCELOS, José Gerardo, MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano. *Linguagens da História*. Fortaleza: Impreco, 2003 (UFC).

OLIVEIRA, Ilca Vieira. *Castro Alves e Cecília Meireles: a África como espaço do exílio e da liberdade*. Revista Texto Poético. Vol. 09, 2010. (pp: 64 – 87). Disponível em: <http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/viewFile/38/33>. Acessado em: 04 de julho de 2016.

OLIVEIRA, Luiz Henrique Silva de. *A representação do negro nas poesias de Castro Alves e de [Luiz Silva] Cuti: de Objeto a Sujeito*. Dissertação de Mestrado. PPGL/UFGM: Belo Horizonte, 2007.

OLIVEIRA, Maria Lêda. *A primeira Relação do último assalto a Palmares*. Revista Afro - Ásia, N. 33, 2005, pp. 251-324.

PARRON, Tâmis. *A política da escravidão no Império do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização do Brasil, 2011.

PASSOS, Alexandre. *O Humanismo de Castro Alves*. Rio de Janeiro: MEC, serviço de documentação, 1965.

PAZ, Octavio. *O Arco e Lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves – o poeta e o poema*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson editores, 1947.

PEIXOTO, Afrânio. *Castro Alves*. Rio de Janeiro: Jackson, 1944.

PERELMAN, Chaïm; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da argumentação: a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

PITTA, Rocha. *História da América Portuguesa*. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1952. v. XXX.

PROENÇA FILHO, Domicio. “A trajetória do negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito” In *Estudos Avançados*. 2004. n. 50. vol. 18. p. 161-193.

RANGEL, Paschoal. “Castro Alves: a poesia e o poeta – um ensaio de interpretação”. In RANGEL, Paschoal. *Ensaio de literatura: uma introdução a 16 autores brasileiros*. Belo Horizonte: ed. O lutador, 1984. p. 147-271.

REDIKER, Marcus. *O Navio Negreiro: uma história humana*. Trad.: Luciano Vieira Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

REIS, Andressa Mercês Barbosa dos. *Zumbi: Historiografia e imagens*. 148 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista - UNESP, São Paulo, 2002.

REIS, João José. *Quilombos e Revoltas Escravas no Brasil*. Revista USP 28:17. São Paulo, Brazil, 1995.

RODRIGUES, Raymundo Nina. *Os Africanos no Brasil*. Companhia Editora Nacional, São Paulo. Brazil, p. 77, 1976.

RODRIGUES, R. N. *Os africanos no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2010. pp. 78-105. As sublevações de negros no Brasil anteriores ao século XIX – Palmares. ISBN: 978-85-7982-010-6. Available from SciELO Books disponível em: <<http://books.scielo.org>>. Acessado em: 24/05/2017

RODRIGUES, José Honório. *História da história do Brasil*. 2. Ed. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1979.

ROMERO, Silvio. *História da Literatura Brasileira*. 1º vol. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1949.

SALLES Ricardo e Keila Grinbegr. *O Brasil Imperial: volume II 1831-1870*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

SANTOS NETO, Artur Bispo dos. *A palavra e a imagem no poema Navio Negroiro de Castro Alves*. Tese de Doutorado em Letras. Maceió: UFAL, 2007.

SANTOS, Rita de Cassi. “Castro Alves: o negro e a identidade nacional”. In *Cerrados - Revista da Pós Graduação em Literatura da UnB*. Brasília: UnB, 2000. v. 10. n. 9. p. 29-39.

SAYERS, Raymond S. *O negro na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1958.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão*. 4ªed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA JR, Carlos. *Mapeando o tráfico transatlântico de escravos*. **Afro-Ásia**, Salvador, n.45, p.179-184, 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S00025912012000100008&lng=en&nrm=iso>. Acessado em: 19 de julho de 2016.

SOUZA, Maria Enísia Soares de. *Atitudes da Poética Afro-Brasileira*. Multisaberes. Rondônia (UAB/UNIR), Primeira edição, ano1, nº 1, março de 2011.

TOLLER GOMES, Heloísa. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos EUA*. Rio de Janeiro: editora da UFRJ/EDUERJ, 1994.

TOLLER GOMES, Heloísa. *O negro e o romantismo brasileiro*. São Paulo: ed. Atual, 1988.

THORNTON, John. *Africa and Africans in the Making of the Atlantic World, 1400-1680*. Cambridge University Press, Cambridge, 1992, p.6; 74. 65.

VERESA, Solange C. *O Lócus da Metáfora: Linguagem, Pensamento e Discurso*. Cadernos De Letras Da Uff – Dossiê: Letras E Cognição No 41, P. 199-212, 2010.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Lendas africanas dos Orixás*. Trad. Maria Aparecida da Nóbrega. 4 ed. Salvador: Corrupio, 1997.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escrevia a história*. 3 ed. Trad. Alda Baltar e Maria Auxiliadora Kheipp. Brasília: UNB, 1995.

WHITE, Hayden. *Teoria Literária e escrita da história*. Trad. Dora Rocha IN: Estudos Históricos – CEBRAP. Rio de Janeiro; Vol. 7, nº13, 1994. p21-48.

_____. *Trópicos do Discurso: ensaios sobre a crítica da cultura*. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2001.